



Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Programa de Pós Graduação em Letras Stricto Sensu
Linguística e Língua Portuguesa

Silvana Gonçalves Neto

**"PORTUGUESE MADE IN THE USA": UM ESTUDO SOBRE AS INOVAÇÕES
LINGUÍSTICAS PRODUZIDAS PELOS IMIGRANTES BRASILEIROS NOS
ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA.**

Belo Horizonte
2016

SILVANA GONÇALVES NETO

"PORTUGUESE MADE IN THE USA": UM ESTUDO SOBRE AS INOVAÇÕES LINGUÍSTICAS PRODUZIDAS PELOS IMIGRANTES BRASILEIROS NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Letras Stricto Sensu da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Marco Antônio de Oliveira

Belo Horizonte
2016

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

G635p Gonçalves Neto, Silvana
"Portuguese made in the USA": um estudo sobre as inovações linguísticas
produzidas pelos imigrantes brasileiros nos Estados Unidos da América /
Silvana Gonçalves Neto, Belo Horizonte, 2016.
131 f.: il.

Orientador: Marco Antônio de Oliveira
Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Programa de Pós-Graduação em Letras.

1. Imigrantes. 2. Línguas em contato. 3. Neologismos. 4. Mudanças
linguísticas. 5. Língua portuguesa - Português falado - Estados Unidos. I.
Oliveira, Marco Antônio de. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas
Gerais. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 806.90-88

SILVANA GONÇALVES NETO

"PORTUGUESE MADE IN THE USA": UM ESTUDO SOBRE AS INOVAÇÕES LINGUÍSTICAS PRODUZIDAS PELOS IMIGRANTES BRASILEIROS NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Letras Stricto Sensu da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Prof. Dr. Marco Antônio de Oliveira – PUC Minas (Orientador)

Prof^a. Dr^a. Patrícia Goulart Tondineli – UEMG (Banca Examinadora)

Prof^a. Dr^a. Valquíria Carolina P. S. de Carvalho – PUC Minas (Banca Examinadora)

Belo Horizonte, 29 de junho de 2016.

**Dedico esse trabalho aos meus pais Thereza e Antônio
e à minha filha Débora.**

AGRADECIMENTOS

Agradeço muitíssimo àqueles que me ajudaram na realização desta dissertação:

Primeiramente a Deus, por me permitir a realização de um sonho.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Marco Antônio de Oliveira, pelas sugestões, pela paciência e pelo incentivo.

Aos meus professores.

Aos meus colegas.

À minha chefe, Major Ana Mara, pela compreensão e pelo apoio incondicional.

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e à Instituição PUC Minas (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais), pela concessão da bolsa e pelo auxílio financeiro sem os quais eu não teria realizado esse trabalho.

AGRADECIMENTO ESPECIAL

Sou eternamente grata à família Marciano – Pr. Paulo César Marciano, Pra. Áurea Carolina Marciano e seus filhos Daniel e Débora Marciano, pelo grande amor, pela generosidade, pelo apoio e incentivo na realização dessa pesquisa. Muitíssimo obrigada!

A todos os membros da Brazilian Missionary Church e aos meus amigos imigrantes brasileiros residentes na América do Norte pela disposição em participar dessa pesquisa.

RESUMO

O objetivo principal desta dissertação é estudar as inovações linguísticas produzidas pelos imigrantes brasileiros que vivem nos Estados Unidos da América. Em contato com a língua inglesa, eles usam inovações linguísticas para comunicarem entre si, misturando o inglês e o português. Com base nos princípios de variação linguística apresentados por Labov, Fishman e Weinreich, entre outros, desenvolvemos essa pesquisa a fim de investigar o fenômeno de criação de neologismos como consequência de línguas em contato e o comportamento dos falantes em relação a eles. Para isso, entrevistamos 49 imigrantes brasileiros residindo na América do Norte. Através de entrevistas informais e questionários formais, fizemos o levantamento de dados relacionados às características dos informantes e suas atitudes em relação às inovações. Utilizando o teste *Qui-quadrado*, fizemos o cruzamento e análise dos dados coletados. Verificamos que há um alto grau de estigmatização ao uso de inovações pelos falantes e que as condições socioeconômicas que os envolvem não se mostraram determinantes para o seu uso. Entretanto, o tipo de situação de fala é altamente relevante para se comprovar a ocorrência do fenômeno.

Palavras-chave: imigrantes brasileiros; línguas em contato; inovações linguísticas; fatores socioeconômicos; estigmatização.

ABSTRACT

The main objective of this dissertation is to study the linguistic innovations produced by the Brazilian immigrants living in the United States. In contact with the English language, they use linguistic innovations to communicate with each other, mixing English and Portuguese. Based on the principles of linguistic variation presented by Labov, Fishman and Weinreich, among others, we have developed this research to investigate the creation of neologisms as a result of languages in contact and the behavior of the speakers towards them. For this, we interviewed 49 Brazilian immigrants living in North America. Through informal interviews and formal questionnaires, we collected data related to the characteristics of respondents and their attitudes towards the linguistic innovations used by them. By using the Chi-square test, we made the crossing and analysis of the collected data. We have found that there is a high degree of stigmatization to the use of innovations by the speakers, and the socioeconomic conditions that involve them were not determinant of its use. However, the type of speech situation is highly relevant to verify the occurrence of the phenomenon.

Keywords: Brazilian immigrants; languages in contact; linguistic innovations; socioeconomic factors; stigmatization.

LISTA DAS FIGURAS

Figura 01: Presidente Barack Obama e autoridades ligadas ao Serviço de Cidadania e Imigração dos EUA em cerimônia de naturalização em Washington, D.C.....29

Figura 02: Imigrantes de mais de 25 países participando de cerimônia de naturalização em Washington, D.C.....30

LISTA DOS GRÁFICOS

Gráfico 01: Total de ocorrências de inovações em três situações: fala espontânea, por solicitação e nenhuma ocorrência.....	77
Gráfico 02: Ocorrência de inovações por gênero em três situações: fala espontânea, por solicitação e nenhuma ocorrência.....	78
Gráfico 03: Ocorrência de inovações por faixa etária em três situações: fala espontânea, por solicitação e nenhuma ocorrência.....	79
Gráfico 04: Ocorrência de inovações por escolaridade em três situações: fala espontânea, por solicitação e nenhuma ocorrência.....	80
Gráfico 05: Ocorrência de inovações por proficiência em três situações: fala espontânea, por solicitação e nenhuma ocorrência.....	81
Gráfico 06: Ocorrência de inovações por tempo de residência nos EUA em três situações: fala espontânea, por solicitação e nenhuma ocorrência.....	82
Gráfico 07: Ocorrência de inovações por classe social em três situações: fala espontânea, por solicitação e nenhuma ocorrência.....	83
Gráfico 08: Ocorrência de inovações por atividade profissional em três situações: fala espontânea, por solicitação e nenhuma ocorrência.....	84
Gráfico 09: Palavras /expressões selecionadas como “incorretas” no texto.....	87
Gráfico 10: Inovações linguísticas distribuídas de acordo com sua classe gramatical...	90

LISTA DAS TABELAS

Tabela 01: Principais características dos informantes.....	56
Tabela 02: Total de ocorrência de inovações linguísticas em entrevistas com 41 informantes (percentual).....	67
Tabela 03: Gênero (percentual).....	67
Tabela 04: Faixa etária (percentual).....	68
Tabela 05: Escolaridade (percentual).....	68
Tabela 06: Proficiência (percentual).....	68
Tabela 07: Tempo de residência nos EUA (percentual).....	69
Tabela 08: Classe social (percentual).....	69
Tabela 09: Atividade profissional (percentual).....	69
Tabela 10: Palavras consideradas “incorretas” pelos informantes.....	71
Tabela 11: Palavras que os informantes mais usam (ou usariam) nas suas conversações do dia a dia (escolhidas entre inovação x inglês x português).....	73
Tabela 12: Palavras que os informantes nunca usam (ou nunca usariam) e o número de vezes em que foram selecionadas.....	74
Tabela 13: Porcentagem das palavras que os informantes nunca usam (ou nunca usariam) contemplando as três formas: inovação, inglês e português.....	75
Tabela 14: Total de ocorrências por tipo de situação (teste <i>Qui-quadrado</i>).....	77
Tabela 15: Gênero (teste <i>Qui-quadrado</i>).....	78
Tabela 16: Faixa etária (teste <i>Qui-quadrado</i>).....	79
Tabela 17: Escolaridade (teste <i>Qui-quadrado</i>).....	80
Tabela 18: Proficiência (teste <i>Qui-quadrado</i>).....	81
Tabela 19: Tempo de residência nos EUA (teste <i>Qui-quadrado</i>).....	82
Tabela 20: Classe social (teste <i>Qui-quadrado</i>).....	83
Tabela 21: Atividade profissional (teste <i>Qui-quadrado</i>).....	84
Tabela 22: Resultados do teste <i>Qui-quadrado</i> /tipo de situação/fatores sociais.....	85
Tabela 23: Inovações quanto à sua categoria gramatical (teste <i>Qui-quadrado</i>).....	91
Tabela 24: Processo de aportunuguesamento na criação de inovações linguísticas.....	96

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. Delimitação do problema.....	16
1.1. Inovações linguísticas.....	16
1.2. Objetivos da dissertação.....	19
1.2.1. Objetivo geral	19
1.2.2. Objetivos específicos.....	19
1.3. Hipóteses.....	20
2. QUADRO TEÓRICO.....	23
2.1. A língua como fato social.....	24
2.2. O contexto de línguas em contato: variedade linguística, bilinguismo e imigração.....	26
2.3. O comportamento linguístico do falante em relação ao bilinguismo e ao multilinguismo.....	31
2.4. O comportamento linguístico determinado por classe social, estilo e prestígio.....	34
2.5. A língua como identidade social.....	35
2.6. Mudança de código (<i>code switching</i>).....	37
2.7. As variantes e o tempo.....	39
2.8. Diglossia e bilinguismo.....	40
2.9. Fatores determinantes do comportamento linguístico de um bilíngue.....	42
2.10. As variações linguísticas como consequência de línguas em contato.....	51
3. QUADRO SOCIAL.....	53
3.1. Os sujeitos da pesquisa.....	54
4. METODOLOGIA.....	58
4.1. Levantamento de dados.....	59
4.2. Determinando a população, a amostra e as variáveis.....	60

4.3. Lista das inovações linguísticas.....	62
4.4. Procedimento das entrevistas.....	65
4.5. Os dados obtidos nas entrevistas.....	66
4.6. Os dados obtidos no segundo questionário aplicado aos informantes.....	70
5. ANÁLISE DOS DADOS.....	76
5.1. Introdução.....	76
5.2. Testando as variáveis.....	76
5.3. Analisando os dados das tabelas referentes ao segundo questionário.....	86
5.4. Fatores estruturais – formação das inovações linguísticas.....	89
5.4.1. Análise das inovações linguísticas.....	89
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	97
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	103
ANEXOS.....	106

INTRODUÇÃO

“Em matéria de língua, não há propriedade privada; tudo é socializado.” (Roman Jakobson)

O homem está constantemente usando a linguagem – falada ou escrita - e está constantemente ligado a outros através de normas de comportamento, segundo Fishman (1972).

Fazendo uso de sua *competência linguística* (capacidade de adquirir uma língua, produzir e compreender a linguagem), o homem, como ser social que é, adapta-se a qualquer circunstância em que esteja inserido, quer seja favorável, quer seja adversa, a fim de se comunicar e manter a interação com aqueles que o cercam, por uma questão natural de sobrevivência, socialização e satisfação de suas necessidades.

E nos processos de interação social a que se submete, é evidente que o homem, no papel de falante e de acordo com seus interesses, é quem provoca mudanças, determina e controla as regras desse jogo chamado comunicação.

Por ser professora de inglês há muitos anos e por estar em constante contato com brasileiros que residem nos Estados Unidos da América, percebi que, em suas conversações, eles faziam uso de palavras e expressões estranhas ao português, e que elas eram uma mistura entre o inglês e o português. Daí surgiu o interesse em estudar esse novo vocabulário e investigar as razões que os levavam a criá-lo.

Em contato com a língua inglesa e, ao mesmo tempo, convivendo com outros brasileiros, os imigrantes brasileiros que vivem nos Estados Unidos acabam por criar neologismos, ora influenciados pelo português, ora pelo inglês, ora misturando os dois, levando a inovações linguísticas que causam estranhamento aos falantes do português no Brasil. A maioria deles migrou para a América por causa do “*American Dream*”, o desejo de ganhar dinheiro e obter melhores condições de vida. Grande parte deles chega aos EUA sem o conhecimento do inglês e, pressionada pela necessidade de interação verbal, acaba por criar inovações linguísticas. Por exemplo, usam *printar* do verbo *print* em inglês para dizer *imprimir*; *forgetar* do verbo *forget* para *esquecer*; *bisado* do adjetivo *busy* para *ocupado*, *atarefado*.

O objetivo principal desta dissertação foi estudar essas inovações linguísticas considerando-se os aspectos estruturais das palavras criadas, bem como os aspectos socioeconômicos ligados aos falantes envolvidos nesse processo, a fim de se investigar o que está causando a ocorrência e o favorecimento desse fenômeno entre os

imigrantes.

Esta dissertação foi, assim, norteadas pelas abordagens da sociolinguística compartilhadas por Labov, Fishman, Weinreich, entre outros. O estudo está voltado para a criação de inovações linguísticas por imigrantes brasileiros que vivem nos Estados Unidos da América, no contexto de línguas em contato (inglês e português), bem como suas atitudes em relação a essas inovações.

Para Fawcett (1997), os fatores sociais são causadores da mudança linguística e as questões ligadas à língua são muitíssimo importantes; ele as considera até como motivo para guerras.

“Classe social, origem étnica, gênero, idade, origem regional e status profissional causam variações na língua que usamos. Estas são questões de extrema importância uma vez que o status social das línguas tem frequentemente levado a conflitos civis e derramamento de sangue.” (Fawcett, 1997 – tradução nossa).¹

Fishman (1972) diz que o reconhecimento das interferências, das atitudes em relação a elas e de suas consequências comportamentais é assunto importante e interessante para o estudo no campo da manutenção e da mudança linguística. Para Fishman, o comportamento linguístico reporta sobre a realidade social que ele reflete e a ajuda a reforçar ou a mudar de acordo com os valores e objetivos de interlocutores específicos.

De acordo com Weinreich (1970), uma língua não reflete apenas a sociedade de seus falantes, mas, reciprocamente, os dados da sociedade em si que são cruciais para o entendimento do uso da língua e da mudança linguística.

Esta dissertação está dividida em seis capítulos. O primeiro capítulo delimita o problema a ser estudado, ou seja, a criação de inovações linguísticas no contexto de línguas em contato e o comportamento dos falantes em relação a elas, além de apresentar os objetivos da pesquisa e as hipóteses levantadas sobre o problema.

O segundo capítulo trata do quadro teórico referente às inovações linguísticas na situação de línguas em contato. Apresentamos aqui os princípios

1. *“Social class, ethnic origin, gender, age, regional origin and professional status all cause variations in the language we use. These are matters of extreme importance since the social status of languages has frequently led to civil strife and bloodshed.” (Fawcett, 1997, p. 116)*

abordados por Labov, Fishman e Weinreich, entre outros linguistas, e suas pesquisas no campo da mudança linguística.

No terceiro capítulo, falamos do quadro social, isto é, das condições sociais que envolvem a comunidade brasileira de imigrantes residindo nos EUA.

O quarto capítulo refere-se à metodologia usada para responder aos questionamentos da pesquisa e apresenta os dados obtidos. Para sua realização, foram entrevistados 49 informantes, em dois momentos específicos; 41 deles foram entrevistados informalmente e tiveram suas entrevistas gravadas; os outros 8 responderam a um questionário formal.

O capítulo cinco focaliza a interpretação e a análise dos dados apresentados no capítulo quatro.

Finalmente, o sexto capítulo descreve as considerações finais e os comentários dos resultados da pesquisa.

1. Delimitação do problema

1.1. Inovações linguísticas

Sabemos que a língua é um fato social, é dinâmica e sofre mudanças ao longo do tempo. Essas mudanças que ocorrem na língua são constantes e inevitáveis, acontecem como consequência de fatores linguísticos (estruturais) e extralinguísticos (sociais) e são provocadas, pelos falantes, em contextos específicos; elas podem ser de ordem fonética, lexical, fonológica, sintática ou morfológica.

Com o passar dos anos, o português sofreu várias mudanças. Um exemplo simples é a mudança que ocorreu com o pronome de tratamento que deu origem à palavra *você*. No início (século XIV) era *Vossa mercê* e essa forma foi sendo reduzida e passou para *vosmecê* e depois para *você*; hoje, nas conversações informais, é apenas *ocê* ou *cê*; embora o aspecto da formalidade seja relevante nesse contexto, o sentido referencial permaneceu o mesmo. Essa foi uma mudança estrutural na palavra que sofreu uma redução na sua forma oral e escrita (informal).

Mas queremos falar de outro tipo de mudança que acontece no léxico e que se trata da introdução de palavras novas. O acréscimo de novas palavras à língua pode ocorrer em curto prazo, dependendo do *status* ou do prestígio do falante que as introduz; sua inovação pode causar grande repercussão e, por isso, ser incorporada à

língua mais fácil e rapidamente, principalmente agora com o uso mais abrangente das redes sociais.

Há casos de políticos, atletas, artistas, pessoas de grande influência no território nacional cujas inovações linguísticas foram amplamente divulgadas na mídia. Alguns exemplos bem conhecidos de todos são: o ex-presidente do Brasil Fernando Henrique Cardoso que criou o termo *fracassomania* gerando, logo em seguida, o seu antônimo *sucessomania*; um de seus ministros na época, o então Ministro da Saúde Adib Jatene também criou o termo *infrítavel*; e, talvez, um dos exemplos mais famosos seja o do ex-ministro Rogério Magri que, no governo de Fernando Collor, criou a palavra *imexível*. Não só na política, mas também nos esportes, nas artes, principalmente em novelas e programas de entretenimento veiculados na televisão, na Internet e nas redes sociais ocorre a criação de novas palavras e expressões que passam a fazer parte do português; algumas temporariamente, outras não.

De um modo geral, o homem segue criando novas palavras a cada dia. A criação de novas palavras é chamada de **neologismo**. A **inovação linguística** pode ser na forma lexical (vocabulário) ou sintática (frasal) e é construída utilizando-se os mecanismos usuais da produção lexical como justaposição, aglutinação, prefixação, sufixação, derivação e também as construções sintáticas (expressões). O neologismo também se dá através dos estrangeirismos incluindo-se os calques, empréstimos, transferências, analogias, transposições, traduções, os quais serão comentados posteriormente no capítulo 5.

Entretanto, o foco desta pesquisa é estudar o fenômeno de **interferência** que se dá no contato de língua; dentro desse fenômeno, vemos a interferência de uma língua dominante (inglês) sobre uma língua dominada (português) e essa interferência acontece através de inovações linguísticas produzidas dentro da comunidade de imigrantes brasileiros nos EUA, no contexto social específico de línguas em contato. Sendo assim, a inovação linguística ocorre como consequência desse contexto, isto é, quando duas ou mais línguas são usadas alternadamente pelas mesmas pessoas em um mesmo espaço geográfico ocorrem desvios das normas de uma das línguas na fala do bilíngue por causa de sua familiaridade com mais de uma língua.

O fenômeno da **interferência** foi abordado por Weinreich (1970) e, segundo ele, consiste no rearranjo de padrões que resultam da introdução de elementos estranhos nos domínios da estrutura da língua, podendo ser tanto no sistema de fonemas, quanto da morfologia, sintaxe e vocabulário.

Nesta pesquisa vamos considerar a **inovação linguística** como um caso de variação no léxico. Entendemos que a **variação linguística** ocorre quando há duas ou mais formas alternativas de se dizer alguma coisa, em um mesmo contexto; isto é, quando há alternância entre dois ou mais elementos linguísticos que têm o mesmo valor de verdade em um mesmo contexto; quando há diferenças no discurso falado ou escrito de um indivíduo ou de um grupo de indivíduos conforme a situação, o tópico, o interlocutor e o espaço. No português temos os seguintes exemplos: *cantando* x *cantano*; *uma pessoa que eu confio muito* x *uma pessoa em quem eu confio muito*; *é fácil para ele falar* x *para ele falar é fácil*; *as menina tava naquela casa* x *as meninas estavam naquela casa*. Já no caso que estamos investigando, um membro da comunidade brasileira de imigrantes vivendo nos EUA pode usar *parkear* ou *estacionar*, *draivar* ou *dirigir*, *draiar* ou *secar*, dependendo do assunto, do ouvinte, da situação, do lugar, mas, para ele, as duas formas significam a mesma coisa.

Cada uma dessas opções é um exemplo de **variante linguística**, ou seja, uma forma linguística que corresponde a uma das alternativas de um dado conjunto, num contexto determinado; ou ainda, qualquer sistema de expressão linguística cujo uso seja dependente de variáveis de situação. A **variável** linguística é uma característica ou condição dos elementos que se quer investigar em uma determinada população e pode ser tanto qualitativa (categorizada) ou quantitativa (numérica). A escolha do falante quanto ao uso da inovação ou da palavra correspondente na língua mãe é consciente, e os motivos que o levam a fazer tal escolha no momento do ato de fala são também alvo de investigação desta pesquisa.

Conversando com amigos que são imigrantes brasileiros residindo nos Estados Unidos, percebi que eles estavam usando inovações linguísticas, ou seja, faziam uso de palavras e/ou expressões novas que, às vezes, não faziam sentido para nós, falantes do português, principalmente para aqueles que não sabem inglês.

Ao comentar e demandar explicações sobre as expressões que estavam falando, eles me reportaram várias situações vivenciadas pela comunidade brasileira nas quais essas inovações ocorriam com frequência, como: *parkear*, uma versão abrigueirada ou aportuguesada do verbo em inglês *park*, que significa estacionar; *rentar*, para alugar; *ordenar*, para pedir, dentre outras. Esse fenômeno de criação de neologismos, isto é, a fusão entre o inglês e o português para formação de novas palavras, é o problema que queremos estudar nessa pesquisa.

Sabemos que as inovações linguísticas surgem naturalmente para atender

às necessidades de ajustes nas interações verbais. Como professora de língua inglesa e falante do português, interessei-me em pesquisar e estudar a criação dessas inovações e as alterações no português falado por esses imigrantes brasileiros que residem nos Estados Unidos, que muito têm a ver com o contexto social em que estão inseridos, bem como investigar os fatores linguísticos e extralinguísticos que controlam a ocorrência desse fenômeno e o comportamento linguístico desses falantes em relação a ele.

1.2. Objetivos da Dissertação

1.2.1. Objetivo geral

O objetivo geral desta dissertação é analisar as inovações linguísticas que ocorrem no português e que são produzidas pelos imigrantes brasileiros vivendo nos Estados Unidos da América para investigar quais fatores sociais e estruturais estariam controlando a ocorrência dessas inovações, assim como o comportamento linguístico dos falantes em relação a elas.

1.2.2. Objetivos específicos

Os objetivos específicos desta pesquisa procuram responder aos seguintes questionamentos:

1. Como poderia ser classificado esse português que está sendo falado pelos imigrantes brasileiros residentes nos Estados Unidos? Seria um pidgin? Crioulo? Interlíngua? Ou nenhum desses?
2. Há possibilidade de esse fenômeno continuar, evoluir ou acabar?
3. Alguns itens lexicais usados por imigrantes brasileiros vivendo nos EUA causam estranhamento ao falante da língua portuguesa. O que causa esse estranhamento?
4. Um mesmo falante não faz uso de uma mesma inovação o tempo todo. Por exemplo, às vezes ele fala *parkear* e às vezes *estacionar*. Em qual contexto ocorre o fenômeno? O que o motiva a fazer a escolha da variante?
5. Em quais categorias gramaticais incidem as inovações?
6. Quais fatores extralinguísticos (sociais) estariam determinando ou favorecendo a produção das inovações linguísticas?

1.3. Hipóteses

A ocorrência da criação de inovações linguísticas pela comunidade brasileira de imigrantes residentes nos EUA é um fato. A proposta da presente dissertação foi estudar o contexto em que esse fenômeno ocorre considerando tanto os aspectos sociais que envolvem os falantes quanto os aspectos estruturais relativos às inovações.

Segundo Searle (1995), “Falar uma língua é adotar uma forma de comportamento regido por regras”. Acreditamos que a criação das inovações não é aleatória, mas acontece de acordo com certas condições ou regras que favorecem ou desfavorecem sua ocorrência. Para tanto, formulamos algumas hipóteses para serem verificadas e confirmadas, ou não, no decorrer do processo de pesquisa:

1. Por não terem proficiência na língua inglesa, os imigrantes brasileiros que vivem nos EUA inventam novas expressões, fazendo uso de estratégias como empréstimo, calque, transposição e tradução literal, a fim de se comunicarem com mais facilidade.

De um modo geral, são poucos os brasileiros que têm a oportunidade de estudar uma língua estrangeira no Brasil. Isso porque a condição financeira da maioria não permite o acesso aos cursos de idiomas que geralmente têm um custo elevado; também porque o ensino de uma segunda língua nas escolas públicas brasileiras é bastante ineficiente. Daí, o imigrante brasileiro chega aos Estados Unidos sem o conhecimento e o domínio da língua inglesa, principalmente os de classe mais baixa. Diante da necessidade imediata de interação social e profissional no novo país, o imigrante brasileiro tende a criar novas palavras ao entrar em contato com a nova língua. Na tentativa de se comunicar mais rapidamente, ele faz uso de estratégias linguísticas e acaba por inventar um vocabulário que é resultado da mistura do inglês com o português.

2. Os fatores sociais são extremamente relevantes na produção das inovações porque são determinantes do comportamento linguístico dos falantes e influenciam o uso das inovações linguísticas. O tipo e a quantidade de inovações dependem de variáveis sociais como faixa etária, sexo, escolaridade, classe social, atividade profissional, nível de proficiência em inglês, tempo como imigrante nos EUA e o nível de contato com a língua inglesa.

Sabemos que a língua é usada para expressar pensamentos e sentimentos e é o principal meio de interação sociocultural entre os indivíduos. A língua com seus fonemas, morfemas, palavras, expressões, significados e convenções de uso permite ao falante produzir enunciados e se comunicar com indivíduos de uma determinada comunidade. Entretanto, o uso da língua não está centrado exclusivamente nos seus aspectos estruturais. Como o homem é um ser social, os aspectos extralinguísticos exercem grande influência nas interações verbais e podem determinar a escolha linguística do falante. Portanto, ao estudar o comportamento linguístico do falante imigrante brasileiro nos EUA, é importante considerar os fatores sociais que podem favorecer ou não a criação de inovações linguísticas produzidas por ele.

3. O uso das inovações linguísticas pela comunidade brasileira nos EUA se dá em um contexto específico. Por exemplo, usam *parkear* ou *printar* com falantes do português que se encontram na mesma situação de imigrantes residindo lá, mas não usam tais expressões com nativos falantes exclusivamente do inglês ou com familiares que moram no Brasil, falantes exclusivamente do português e que não sabem nada de inglês.

No ato da comunicação, a intenção do falante é se fazer entendido pelo seu ouvinte; ele será bem sucedido se sua mensagem for compreendida. Sendo assim, o falante sabe o que, quando, onde e como falar a fim de alcançar seu objetivo. A escolha linguística acontece em função de um ajuste ao contexto social em que tanto o falante quanto o ouvinte estão inseridos. Por isso, a escolha do uso das inovações linguísticas não é aleatória. Pelo contrário, ela acontece entre pessoas que compartilham do mesmo espaço geográfico e do mesmo contexto social: imigrantes brasileiros nos EUA em situação de línguas em contato onde o emprego desse novo vocabulário ganha sentido.

4. Algumas inovações linguísticas causam estranhamento ao falante de português, como por exemplo, *salvar*. Embora o verbo *salvar* exista na língua portuguesa, ele é usado pelos imigrantes brasileiros nos EUA com um sentido diferente, o sentido de guardar: “*Salva um lugar pra mim, por favor!*”; como não se fala assim no português, a expressão causa estranhamento. Outro motivo que gera estranheza e até não permite o reconhecimento de determinada expressão é o fato de a palavra não existir no português e que só pode ser compreendida por quem conhece o inglês, como no caso de *printar*, *estartar*.

O papel da semântica no léxico é fundamental para a interação verbal e compreensão do enunciado. A linguagem humana faz associações sistemáticas entre um determinado som ou forma e um dado significado ou conteúdo. A compreensão do significado das palavras e expressões possibilita a eficácia da comunicação. A não correspondência semântica de uma determinada inovação linguística em relação à língua mãe (português) certamente inviabiliza o entendimento e causa estranheza ao falante nativo do português que não reconhece tal palavra ou expressão como parte do seu vocabulário.

5. Entre os fatores sociais que influenciam a criação de novas palavras, o mais determinante para a ocorrência do fenômeno é a atividade profissional.

Na maioria das vezes, o imigrante brasileiro exerce na América uma atividade profissional que lhe era totalmente desconhecida antes de migrar para os EUA. Por exemplo, pessoas que no Brasil trabalhavam como bancários, professores, gerentes, advogados, comerciantes estão empregados nos Estados Unidos como babás, motoristas, faxineiros, pedreiros. Pelo fato de a profissão ser uma novidade para eles, esses brasileiros não conhecem os termos técnicos pertinentes a cada atividade e têm mais dificuldade em aprendê-los; como no caso de uma faxineira inexperiente que tem que lidar, de imediato, com um equipamento de limpeza do tipo aspirador de pó que em inglês é *vaccum*. Daí, na urgência da comunicação com outros faxineiros brasileiros enquanto estão trabalhando, eles inventam palavras e expressões diretamente relacionadas à sua atividade profissional como *vaquear*, do inglês *vaccum*, para *usar o aspirador de pó*.

6. A incidência das inovações linguísticas se dá em palavras de conteúdo, da classe aberta, em sua maioria em verbos de ação e que entram na primeira conjugação.

As expressões linguísticas de uma língua são compostas por itens lexicais (com traços semânticos, fonológicos e formais) que, por sua vez, são usados para atribuir categorias gramaticais às palavras. As palavras são classificadas de acordo com suas características sintáticas e morfológicas. Elas podem ser de conteúdo, como verbo, substantivo e adjetivo, ou sintáticas (funcionais), como artigos, preposições, pronomes. As palavras de conteúdo formam uma classe aberta por serem ilimitadas e permitirem a criação de outras palavras a partir delas, carregando, naturalmente, maior carga de valor semântico no conjunto de um enunciado; por outro lado, as palavras funcionais podem

até ser desprezadas e ainda assim a essência da mensagem poderá ser compreendida, tomando como base apenas as palavras de conteúdo. Por essa razão, as inovações linguísticas tendem a incidir sobre essa classe de palavras. Da mesma forma, a incidência das inovações recai, na maioria, sobre os verbos de ação que são adaptados à estrutura da língua portuguesa, com a sufixação seguindo a primeira conjugação como parâmetro para o aportuguesamento; provavelmente eles entram na primeira conjugação por ser essa a nossa conjugação verbal de maior produtividade. Exemplos: *parkear* (*estacionar*), *printar* (*imprimir*), *shopar* (*comprar*).

7. Falantes bilíngues com maior grau de proficiência no inglês tendem a estigmatizar o uso das inovações.

Um dos objetivos do imigrante brasileiro residindo nos EUA, na maioria dos casos, é o avanço social através da conquista de um bom emprego, a aquisição de bens materiais, uma boa formação acadêmica e melhores condições de vida. Quem tem boa proficiência na língua inglesa tem mais chances de alcançar esse objetivo e de conviver mais de perto com nativos falantes exclusivamente do inglês. À medida que avança social e intelectualmente e prospera na sociedade americana, o imigrante brasileiro que é fluente em inglês tende a hipervalorizar a língua inglesa, a cultura e o estilo de vida americanos; tal comportamento pode até mesmo ser uma forma de gratidão pelo sucesso alcançado. Com isso, ele passa a estigmatizar o uso de inovações linguísticas por considerá-las como desvios, erros a serem evitados, por uma questão de prestígio, a fim de não prejudicar o novo *status* social alcançado junto à sociedade americana.

2. QUADRO TEÓRICO

“Falar uma língua é adotar uma forma de comportamento regido por regras.” (John R. Searle, 1995)

Neste capítulo vamos comentar a teoria baseada nos princípios abordados por linguistas como Labov, Fishman, Weinreich, entre outros, e seus estudos no campo da linguística e da sociolinguística que estão relacionados com a presente pesquisa.

Iniciaremos falando da língua como fato social. Depois, nas subseções que se seguem, vamos descrever o contexto de línguas em contato que envolve as

seguintes questões: variedade linguística, bilinguismo, imigração, imigrantes e bilíngues e seu comportamento linguístico e social, os conceitos de bilinguismo e diglossia e os aspectos pertinentes à língua como mudança de código (*code switching*), as variantes e o tempo e a língua como identidade social.

2.1. A língua como fato social

De acordo com Labov (1972/2008), as línguas sofrem mudanças e podem variar e isso se dá por causa dos falantes e suas interações sociais. A rigor, não há língua padrão, não padrão, certa ou errada cuja classificação foi determinada e imposta pelas classes dominantes, mas sim uma forma de falar própria dos falantes que vivem em sociedades complexas, hierarquizadas e heterogêneas. E o uso da língua como escolha do falante ajuda a causar mudanças sociais, por um lado, e a reforçar ou estabilizar mudanças sociais por outro lado.

Para Labov, os valores sociais são atribuídos a regras linguísticas quando há variação. Os falantes têm dificuldade de aceitar duas expressões distintas que têm o mesmo sentido e tendem a dar diferentes significados a elas. Quando um grupo específico de falantes usa uma determinada variante, os valores sociais atribuídos a esse grupo são transferidos a essa variante linguística.

Ainda segundo Labov, é necessário estudar, com seriedade, os fatores sociais que motivam a evolução linguística para se avançar no entendimento do processo de mudança linguística. Até mesmo para a análise de regras básicas, invariantes, de um ato de fala, deve-se considerar o contexto social e outras variáveis como idade, classe socioeconômica, escolaridade, proficiência linguística do falante e a forma do enunciado.

Também de acordo com Labov (1972/2008), todo linguista reconhece que a língua é um fato social. Entretanto, nem todos dão a mesma ênfase a esse fato. O estudo da mudança linguística no contexto social gira em torno de dois grupos: o grupo A, que é o grupo social, o qual procura explicar a mudança linguística levando-se em consideração os fatores sociais, bem como a importância da diversidade linguística e das línguas em contato. A esse grupo pertencem linguistas como Whitney, Meillet, Jespersen, Schuchardt, Vendryes, Sturtevant. O outro é o grupo B, o grupo associal, que dá mais ênfase aos fatores internos, estruturais ou psicológicos para explicar a mudança linguística, muitas vezes baseados em experiências imaginárias. O grupo social preocupa-se com o contexto social e explora os fatos sobre o falante e seu

comportamento extralinguístico enquanto o grupo associal exclui as questões extralinguísticas o máximo possível em seus estudos sobre a mudança linguística.

Ainda segundo Labov, a língua é um instrumento usado pelos membros de uma comunidade para se comunicar entre si. Uma mudança linguística não acontece em decorrência de atos individuais de fala ou sem referência dos falantes, nem sem uma transferência gradual do padrão de um falante para o outro. Pelo contrário, ela só ocorre quando um grupo de falantes dessa comunidade usa uma variedade particular para se comunicar entre si. A explicação de Labov para a mudança linguística, em suas palavras, “parece envolver três problemas distintos: a origem das variações linguísticas; a difusão e propagação das mudanças linguísticas; e a regularidade da mudança linguística.” (Labov, 2008, p. 19). Essa mudança começa com a aceitação da variedade, depois sua difusão e propagação pelos outros falantes até haver uma regularidade e, finalmente, a mudança linguística. Se algum indivíduo introduz uma palavra ou pronúncia na língua, tanto uma quanto a outra pode se tornar parte da língua se for propagada e adotada pelos outros falantes da comunidade. Sendo assim, podemos dizer que a origem de uma mudança linguística é a sua aceitação e propagação pelos falantes da comunidade; depois, quando há uma regularidade da mudança, ela passa a fazer parte da língua.

Labov (1972/2008) também ressalva que não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Contudo, nem toda mudança está relacionada ao quadro social e por essa razão várias investigações são necessárias para se compreendê-la plenamente.

Falando sobre interação verbal, Bakhtin (1992) diz que a expressão–enunciação é determinada pela situação social mais imediata e o meio social mais amplo – interação entre indivíduos socialmente organizados.

Para Bakhtin a palavra é função do interlocutor e sofrerá alterações de acordo com aspectos sociais. Ao contrário do que diz o subjetivismo individualista, a enunciação (expressão) está centrada no meio social que envolve o falante, no exterior e não no interior; a estrutura da enunciação e da atividade mental a exprimir (expressão) é de natureza social.

Para a realização desta pesquisa, tomaremos como modelo o grupo social, que enfatiza o contexto social, para explicar as interferências na língua portuguesa e o comportamento linguístico dos falantes da comunidade brasileira de

imigrantes nos EUA em relação a elas, pois acreditamos que, além dos fatores linguísticos, os sociais também desempenham um papel importante na variação linguística.

2.2. O contexto de línguas em contato: variedade linguística, bilinguismo e migração

É interessante observar que, mesmo em uma comunidade monolíngue, há diferenças na língua – como, quando e com quem se fala pode variar o repertório, como mostra Fishman (1971), ao falar sobre a sociologia descritiva da linguagem. Uma comunidade de fala monolíngue pode apresentar variedades no uso de uma mesma língua devido à diversidade de classes sociais e profissões e ao comportamento linguístico do falante. Essas variedades podem ser de ordem fonológica (na forma de pronunciar as palavras), lexical (no vocabulário que é usado) e gramatical (na relação sistemática entre as palavras). Como já comentamos anteriormente na Introdução, uma **variedade linguística** é qualquer expressão linguística sistematicamente controlada por variáveis situacionais. Uma **variável**, por sua vez, é uma representação de um elemento pertencente a uma classe ou a uma categoria de objetos, eventos ou situações dentro das quais podem variar instâncias específicas; ela pode ser **independente**, quando representar um fato, algo que não muda, que é livre e não está condicionado a outros fatores, como, por exemplo, gênero, idade, profissão, escolaridade e também pode ser **dependente**, ou seja, pode acontecer ou não, pois depende de algum fator como do falante, do assunto, do lugar.

Ainda nesse contexto, Fishman (1971, p. 4) dá o exemplo de um novaiorquino nativo que fala de forma diferente em situações diferentes: um mesmo jovem que, às vezes, diz “Espero que vocês, caras, apaguem as luzes antes de sair.” (“*I sure hope yuz guys’ll shut the lights before leavin.*”) pode também dizer, ou pelo menos escrever, “Gentileza desligar toda a iluminação antes de desocupar as instalações.” (“*Kindly extinguish all illumination prior to vacating the premises.*”) – tradução nossa. É tudo uma questão de quando falar a um interlocutor e quando falar a outro, quando interagir com indivíduos que seriam capazes de compreender as duas variedades, mas, dependendo da situação e do lugar, uma ou outra seria considerada inadequada. O que ocorre então é uma *mudança situacional*. Os membros de uma rede social que compartilham um repertório linguístico devem saber (e sabem) quando alterar de uma variedade para outra. Uma mudança na situação pode (não necessariamente, mas pode) requerer uma variedade linguística específica. Uma variedade linguística pode sinalizar

uma mudança no relacionamento entre os membros de uma rede social; ou uma mudança no assunto e no propósito de suas interações ou ainda uma mudança na privacidade ou no lugar de suas interações.

Ora, se tais mudanças são passíveis de ocorrer em uma comunidade monolíngue, o que dizer então de uma comunidade bilíngue ou multilíngue? Ao comentar sobre uma única população que faz uso de duas (ou mais) línguas ou variedades de uma mesma língua para propósitos de comunicação interna, Fishman (1967) deixa claro que a escolha habitual da língua em uma comunidade de fala multilíngue está longe de ser uma questão aleatória de inclinação momentânea. O uso adequado diz que somente uma das línguas ou variedades teoricamente disponíveis vai ser escolhida por determinadas classes de interlocutores, em determinados tipos de situações, para falar de determinados tipos de assuntos.

O **bilinguismo**, que é o uso alternado de dois sistemas linguísticos diferentes, baseado na escolha do falante, de acordo com as circunstâncias que o envolvem e seus interesses, também está sujeito a um controle social. O bilinguismo é bastante estudado na pesquisa e teoria sociolinguísticas, principalmente porque a mudança de código é frequentemente mais perceptível do que outros tipos de variação sociolinguística.

Um dos fenômenos que tem permitido a ocorrência do bilinguismo, ou até mesmo do multilinguismo, ao longo da história mundial é a **migração**. Ela se dá quando um indivíduo deixa seu país de origem e dá entrada em outro país, com intenção permanente ou temporária, por motivos diversos e motivação voluntária ou imposição política, social. As causas mais comuns da migração são condições políticas desfavoráveis, situação econômica precária, perseguição religiosa ou política, guerras, fome, seca, desastres naturais e interesses pessoais como casamento, trabalho, educação, cultura, tecnologia, tratamento de saúde e busca por melhores condições de vida.

A mobilidade geográfica, ou migração, leva pessoas a se relacionarem com outras que adquiriram um sistema linguístico diferente em sua pátria de origem. O contato entre diferentes códigos linguísticos ocorre, então, quando duas línguas, diferentes interagem num mesmo espaço. Como consequência dessa interação, uma pode influenciar a outra. De fato, o purismo linguístico pode ser considerado uma utopia, pois, na realidade, o contato linguístico é uma constante na dinâmica das línguas e é natural que ocorram processos de alternância entre línguas ou entre variedades de uma mesma língua. Muitas vezes, a mais forte predomina sobre a mais fraca; a

dominante, por ser econômica, política ou militarmente mais forte, pode se impor sobre a língua dominada, podendo até mesmo causar o desaparecimento dessa.

Com o fenômeno migratório ocorrendo em todo o mundo, em maior escala nos últimos séculos e com indivíduos saindo de países não desenvolvidos, emergentes ou em desenvolvimento e indo morar nos países mais desenvolvidos, pelas razões citadas anteriormente, o bilinguismo, ou mesmo o multilinguismo, é uma realidade nas grandes metrópoles mundiais. Entretanto, nenhuma cidade no cenário mundial atual exemplifica melhor a ocorrência desse fenômeno do que a cidade de Nova Iorque. Fishman e Ofélia Garcia (1997), ao falarem sobre as línguas na cidade de Nova Iorque, declaram que, de acordo com o censo americano de 2000, os Estados Unidos serão cada vez mais multilíngues no século XXI. Ainda segundo eles, outras línguas estrangeiras contribuíram para fazer da cidade de Nova Iorque uma das metrópoles culturalmente mais vibrantes e linguisticamente mais diversificadas do mundo atual.

Contudo, parece que o governo americano ainda está na contramão da tendência mundial, pois nunca houve aceitação e reconhecimento oficial do multilinguismo nos EUA, embora tanto a minoria quanto a maioria linguística tenham se beneficiado econômica, social e politicamente do uso de outras línguas em Nova Iorque. Enquanto os EUA exigem monolinguismo inglês para alguém ser um verdadeiro cidadão americano, o resto do mundo, e, mais especialmente, os países da União Europeia, tem feito do multilinguismo uma prioridade social para seus cidadãos.

Ainda segundo Garcia e Fishman, apesar do multilinguismo na cidade de Nova Iorque, há menos escolas que ensinam uma segunda língua na cidade do que na maioria das cidades europeias. A área de negócios reconhece e promove o multilinguismo em Nova Iorque por interesse financeiro, porque eles sabem que podem vender mais na língua do cliente (língua do “coração”), ainda que o cliente seja bilíngue. Quanto ao governo, ele reconhece o multilinguismo novaiorquino quando as pessoas são falantes monolíngues de outra língua que não o inglês e adota uma política de tolerância durante a transição para o inglês. Mas uma vez que se tornam bilíngues, a língua de origem tem pouco espaço em qualquer domínio público social na cidade. O bilinguismo fica relegado à família, à comunidade étnica e às suas instituições.

Hymes, prefaciando Fishman em *The Sociology of Language* – 1972, diz que a noção de bilinguismo deve realmente se estender para contemplar todas as variações que fazem parte do repertório linguístico dos falantes. A multiplicidade das

variações linguísticas (e os padrões de escolha entre elas) é um fenômeno fundamental e universal.

Embora os Estados Unidos da América demonstrem certa resistência à aceitação do multilinguismo, um dos discursos mais expressivos dos últimos tempos sobre “imigração, imigrantes e refugiados na América do Norte” foi pronunciado pelo então presidente dos Estados Unidos, Barack Obama. Em uma cerimônia de naturalização realizada em 15 de dezembro de 2015 em Washington, D.C., ele deu as boas vindas a homens e mulheres de mais de vinte e cinco países como novos cidadãos dos EUA.

Segue abaixo a nossa tradução de um resumo do texto da jornalista Melanie Garunay publicado no blog oficial da Casa Branca em 16 de dezembro de 2015, cujo texto original consta nos anexos (p. 111):

“Ele falou como a imigração é a história original da nossa nação...”

"Quase todas as nações do mundo, de certa forma, recebem imigrantes. Mas há algo único sobre a América. Nós não apenas recebemos novos imigrantes, não apenas acolhemos os recém-chegados - nós nascemos de imigrantes. É isso que somos. A imigração é a nossa história original. E por mais de dois séculos, ela permaneceu no centro do nosso caráter nacional; é a nossa tradição mais antiga. É o que somos. É parte do que nos faz excepcionais. Afinal de contas, a não ser que a sua família seja de americanos nativos, um dos primeiros americanos, nossas famílias - todas as nossas famílias - vieram de algum outro lugar".



Figura 01 – (da esquerda para a direita) Barack Obama - Presidente dos EUA; Alejandro Mayorkas – Vice-secretário do Dep. de Segurança Interna; Leon Rodriguez – Diretor do Serviço de Cidadania e Imigração dos EUA; Richard Roberts – Juiz-presidente do Tribunal Distrital dos EUA, D.C.; David D. Ferriero – Arquivista dos EUA na cerimônia de naturalização. (Foto oficial da Casa Branca por Pete Souza)

“... E nos lembrou que, embora não tenhamos sempre vivido para esses ideais...”

"Desde o início, os africanos foram trazidos para cá acorrentados, contra a sua vontade, e, em seguida, trabalharam debaixo do chicote. Eles também construíram a América. Um século atrás, as lojas da cidade de Nova Iorque exibiam aquelas placas, 'Nenhum irlandês deve procurar trabalho aqui'. Os católicos foram alvejados, sua lealdade questionada - tanto assim que recentemente nos anos de 1950 e 60, quando JFK teve que concorrer às eleições, ele teve que convencer as pessoas de que seu compromisso não era prioritariamente com o Papa."

"Imigrantes chineses enfrentaram perseguição e estereótipos cruéis, e foram, por um tempo, até mesmo proibidos de entrar na América. Durante a Segunda Guerra Mundial, os residentes alemães e italianos foram detidos, e em um dos capítulos mais negros da nossa história, imigrantes japoneses e até mesmo cidadãos americanos de origem japonesa foram forçados a deixar suas casas e foram aprisionados em campos. Nós sucumbimos ao medo. Nós traímos não só os nossos colegas americanos, mas os nossos valores mais profundos. Nós traímos esses documentos. Isso já aconteceu antes."

"E a maior ironia certamente foi -- é que aqueles que traíram esses valores eram os próprios filhos de imigrantes. Como esquecemos tão rápido. Uma geração passa, duas gerações passam, e, de repente, não nos lembramos de onde viemos. E sugerimos que de alguma forma, há 'nós' e há 'eles', não nos lembrando que éramos 'eles'".



Figura 02 – Imigrantes de mais de 25 países sendo recebidos como cidadãos americanos na cerimônia de naturalização no Arquivo Nacional dos EUA em Washington, D.C. (Fonte: www.whitehouse.gov/blog).

“... Devemos, como cidadãos, fazer o trabalho contínuo de viver de acordo com nossos valores como americanos e de defender os direitos dos outros.”

"Em dias como hoje, precisamos decidir nunca mais repetir erros como esse de novo. Temos que decidir sempre falar contra o ódio e a intolerância em todas as suas formas, quer seja por provocações contra o filho de um camponês imigrante ou ameaças contra um comerciante muçulmano. Somos americanos. Defender um ao outro é o que os valores consagrados nos documentos desta sala nos obrigam a fazer -- especialmente quando é difícil. Especialmente quando não é conveniente. Isso é o que conta. Isso é o que importa -- não quando as coisas são fáceis, mas quando as coisas são difíceis."

Esse discurso do Presidente americano reflete a importância da imigração para a sociedade americana em vários aspectos. Qualquer outra sociedade pode, igualmente beneficiar-se ao receber imigrantes. Além de contribuir para a disseminação da diversidade cultural e linguística, o fenômeno migratório tem a tendência de impactar o comportamento verbal dos falantes no processo do contato com uma nova língua. Nesse contexto, o imigrante, na maioria das vezes, torna-se bilíngue e, durante a aquisição da segunda língua, está mais propenso a criar inovações linguísticas, o que pode ocorrer naturalmente em qualquer processo de aprendizagem de uma língua estrangeira. Tais inovações devem ser analisadas considerando-se as características sociais juntamente com as características linguísticas que definem as situações de contato de línguas; tal análise é objeto da presente pesquisa.

2.3. O comportamento linguístico do falante em relação ao bilinguismo e ao multilinguismo

Em *Language in Sociocultural Change* – 1972, Fishman aborda a questão dos imigrantes e seu comportamento linguístico. Ele diz que certos tipos de imigrantes são mais propensos a contribuir para a manutenção da língua de origem do que outros. Professores, escritores, artistas, músicos, líderes religiosos e de organizações e outros intelectuais são mais propensos a contribuir conscientemente para a perpetuação dos recursos linguísticos do que outras categorias de imigrantes.

Estudantes imigrantes se tornam grandemente desinteressados pela língua mãe à medida que avançam nos anos de escolaridade; atribuem isso à apatia dos pais ou à oposição à língua nativa. Eles tendem a ver a língua mãe que eles ensinam como a menos prestigiada nos Estados Unidos. Em relação aos esforços e processos para a manutenção linguística, observa-se a seguinte posição: os imigrantes são mais retentivos (na família e fora dela) do que os indivíduos da segunda geração; os filhos mais velhos são linguisticamente mais retentivos do que os mais novos, e assim sucessivamente, até

a terceira geração, diminuindo até as gerações seguintes, quando a perda da língua de origem é total.

Segundo Weinreich (1970), quanto mais diferentes forem os sistemas linguísticos, maiores serão os problemas de aprendizagem e maior será a extensão potencial de interferência e a ocorrência de desvios das normas linguísticas por parte dos falantes.

Falando em situações de línguas em contato, uma situação bem diferente é comentada por Fishman (1972) sobre o bilinguismo encontrado em Montreal, Canadá. Lá, o domínio do inglês e o domínio do francês são mantidos funcionalmente bem separados, com predominância do francês – o inglês é usado somente para propósitos específicos. As duas línguas convivem bem, distintas, mas em harmonia, cada qual cumprindo seu papel de acordo com as escolhas e os propósitos dos falantes, o que Fishman chama de *bilinguismo estável*.

Quanto à comunidade brasileira de imigrantes na América do Norte, não há um bilinguismo estável. Pelo contrário, as duas línguas não convivem em harmonia; nem sempre há uma distinção clara do uso apropriado de cada uma delas por parte dos falantes. Nas interações verbais diárias, os brasileiros misturam o português com o inglês, dando origem a inovações linguísticas.

O bilinguismo estável encontrado no Canadá nem sempre ocorre em outras comunidades de fala; elas comportam-se de forma diferenciada ao lidarem com duas línguas diferentes, por motivos particulares, e cada caso deve ser analisado individualmente.

Por exemplo, o trabalho de Susan Gal (1979) na cidade austríaca de Oberwart evidencia a escolha linguística determinada pela faixa etária da população. Embora Oberwart seja uma comunidade bilíngue onde alemão e húngaro convivem há décadas, em seus estudos ficou comprovada uma forte tendência ao uso do alemão pelas gerações mais novas.

As pesquisas desenvolvidas por Gal em Oberwart comprovaram que o uso do húngaro se dá em situações mais tradicionais, formais, mais ligadas ao passado em relações de maior intimidade: os bilíngues usam húngaro, em primeiro lugar, para falar com Deus. Depois, em segundo lugar, para falar com os avós e a geração destes; também escolhem o húngaro para os negócios, para falar com os clientes do “mercado negro” e ainda usam o húngaro para falar com os pais e a geração destes.

Nesse caso, a idade é significativa na escolha do idioma. Há um contraste

entre gerações diferentes: usam o húngaro para falar com os avós, mas preferem o alemão para falar com os netos e a geração destes. Os mais idosos tendem a usar o húngaro com todas as gerações enquanto os mais jovens tendem a falar alemão em casa, com seus irmãos, cônjuges e em consultas médicas. Entretanto, falam húngaro com Deus, com os avós e os pais. Devido a esse comportamento da geração mais jovem, é possível dizer que em Oberwart o húngaro está cedendo lugar para o alemão.

Contudo, a extensão do multilinguismo em uma determinada região, bem como as atitudes da população em relação às línguas em contato, pode apresentar um resultado diferente do esperado.

Heye (1975) investigou o multilinguismo na parte sul da Suíça que fala italiano – Cantão de Ticino, no verão de 1968. Ele queria saber:

1. a extensão do multilinguismo em Cantão de Ticino e as atitudes da população em relação às línguas padrão faladas na área (italiano e alemão) e a outros dialetos (ticino e suíço-alemão);
2. a correlação entre o desempenho do falante da língua estrangeira e suas atitudes linguísticas;
3. se o nível socioeconômico do falante estava relacionado ao seu desempenho com a língua estrangeira e em que dimensão esses fatores estavam relacionados. Para tanto, ele enviou questionários em alemão e italiano pelo correio, aleatoriamente, a uma amostra da população das três maiores áreas urbanas: Lugano, Locarno e Bellinzona.

No final da sua pesquisa, após analisar os dados, Heye constatou que a correlação entre o nível socioeconômico e o desempenho de língua estrangeira; o nível socioeconômico e as atitudes linguísticas, e o desempenho de língua estrangeira e as atitudes linguísticas eram insignificantes. Nenhum desses aspectos dependia um do outro. As atitudes em relação à língua de um determinado ambiente não dependiam da renda, escolaridade ou profissão, assim como da habilidade em usar essa língua. Também o uso de dialetos não estava limitado ou condicionado a qualquer posição socioeconômica (situação oposta a encontrada por Labov – 1996 – em relação ao seu famoso estudo da estratificação social do inglês em Nova Iorque).

Heye concluiu sua pesquisa dizendo que as três áreas da sociolinguística investigadas – nível socioeconômico, desempenho de língua estrangeira e atitudes linguísticas dos informantes – não apresentaram nenhuma correlação significativa. Elas eram independentes umas das outras. Embora não haja correlação significativa entre as

partes, o questionário que Hyes usou para coletar seus dados mostrou-se internamente válido e confiável.

Portanto, a existência de dois ou mais códigos linguísticos sendo utilizados em um mesmo ambiente e as atitudes dos falantes em relação a eles ocorrem de forma diferenciada em cada comunidade de fala. Certamente são situações determinadas por fatores diversos que precisam ser investigados separadamente.

2.4. O comportamento linguístico determinado por classe social, estilo e prestígio

“A língua é uma forma de comportamento social... ela é usada por seres humanos num contexto social, comunicando suas necessidades, ideias e emoções uns aos outros.” (Labov, 1972/2008, p.215)

Uma variação linguística pode ser também estilística uma vez que o falante se comunica em situações que podem ser formais ou informais e em circunstâncias diferentes quanto ao ambiente geográfico, profissão, assunto e interlocutores.

Quando Labov trata a questão do estilo, por exemplo, como um ajuste linguístico, tem a intenção de caracterizar um conjunto de formas linguísticas e associá-las a fatores sociais e ao contexto em que o falante está inserido.

“Por estilo... queremos dizer a inclusão de qualquer conjunto consistente de formas linguísticas utilizadas por um falante, qualitativas ou quantitativas, que podem ser associadas a um conjunto de temas, participantes, meio ou a um contexto social mais amplo.” (Labov, 1974/1984 – tradução nossa)²

Ainda segundo Labov, a teoria linguística não pode ignorar o comportamento social dos falantes de uma língua. Para Labov (1972/2008), há uma rica produção de mudança linguística inovadora ao nosso redor, mas que, no contexto social, precisa ser melhor investigada. Essa mudança linguística, encaixada em um contexto social, é ativada num tempo e lugar particulares e ela ocorre como consequência da mudança social. Labov fala de dois tipos de variação: a variação social e a variação

2. “By style... we mean to include any consistent set of linguistic forms used by a speaker, qualitative or quantitative, that can be associated with a set of topics, participants, channel, or the broader social context.” (Labov, 1974/1984)

linguística. A primeira corresponde aos traços da língua que caracterizam vários subgrupos numa sociedade heterogênea, enquanto a segunda, às alternâncias pelas quais um falante adapta sua linguagem ao contexto imediato do ato da fala.

Pesquisas sociolinguísticas sobre o comportamento linguístico com amostras de homens e mulheres comprovaram que as mulheres usam menos variantes não padronizadas e estigmatizadas e são mais sensíveis aos modelos de prestígio. Entretanto, esse resultado pode ser diferente se as circunstâncias em que se faz o uso da língua forem diferentes. Prova disso é o estudo desenvolvido por Xavier Albó sobre o quéchua falado pelos índios bolivianos em Cochabamba, Bolívia (*Social Constraints on Cochabamba Quechua*, Cornell University, 1970). Pesquisando o uso do sufixo do progressivo do quéchua em Cochabamba, ele constatou que os homens preferem a forma de mais prestígio social [-sga] enquanto as mulheres escolhem a forma de menor prestígio [-sha], diferentemente dos resultados de outras pesquisas. Neste caso as circunstâncias culturais determinaram o comportamento feminino. Isso por causa de uma condição sociocultural imposta às mulheres daquela comunidade que as restringe ao espaço doméstico e as impossibilita do contato urbano.

De acordo com Fishman (1972), os fenômenos sociais se relacionam de forma relevante com o uso da língua. As interações verbais se dão entre o uso de uma língua e a organização social do comportamento humano. Para ele a *concorrência comunicativa sociolinguística* acontece quando o falante tem o conhecimento do uso apropriado da língua em um contexto específico. O importante é identificar quem está falando ou escrevendo, qual língua, com quem está sendo falada, quando, em quais circunstâncias e com que finalidade, o que Fishman chama de *sociologia descritiva*. Quanto à *sociologia dinâmica*, o foco está nas alternâncias linguísticas que ocorrem de forma rápida e abrangente em situações de língua em contato.

2.5. A língua como identidade social

Carvalho (2010, p. 172), em sua pesquisa sobre as inovações lexicais feitas por brasileiros imigrantes nos Estados Unidos, também observou a língua como produto da *identidade social* dos indivíduos, sendo que suas escolhas linguísticas podem torná-los parte do grupo ou dele excluí-los.

Segundo Weinreich (1970), os fatores extralinguísticos podem ser analisados também em relação a grupos, não apenas indivíduos. Grupos bilíngues podem gerar uma interferência ainda maior na língua e os seguintes aspectos são relevantes: a *densidade*, que se refere ao tamanho do grupo bilíngue e seus subgrupos; a *avaliação social*, que corresponde às atitudes dos indivíduos bilíngues em relação a cada língua (prestígio) e os fatores de natureza *psicológica* como, por exemplo, a tolerância ou intolerância em relação à mistura das línguas e incorreção em cada língua.

As relações sociais são de grande relevância para se entender o comportamento dos indivíduos, inclusive o comportamento linguístico. Considerando os estudos de Milroy (1980) em Belfast sobre as redes sociais (*social networks*), que podem ser considerados como espaços de interação de um indivíduo, e o uso da língua na comunidade, percebemos que os grupos sociais dentro de uma mesma classe social reforçam uma norma de comportamento que passa a ser a identidade daquele grupo. A língua falada pelos membros da comunidade é uma marca, um símbolo de identidade que, de acordo com o modelo apresentado por Milroy, pode ser examinado individualmente mostrando a relação entre as escolhas linguísticas e as redes sociais (*networks*) para promover um ajuste ao contexto social. Há certa lealdade ao vernáculo local, por ser ele um símbolo da identidade do grupo, conclui Milroy (1980).

O comportamento dos membros de uma comunidade de fala normalmente demonstra necessidade que cada indivíduo tem de identificação com o grupo ao qual pertence. Labov (1972/2008) chama essa categoria de pertencimento de *identidade local*. Nos seus estudos na ilha de Martha's Vineyard, ele verificou que a rede de categorias sociais se correlaciona com a mudança linguística em progresso de forma mais significativa do que profissão, área geográfica, educação ou sexo. Isto é, a direção e o desenvolvimento da mudança linguística estavam vinculados às categorias básicas da *identidade local*.

Penélope Eckert (1996), em seu estudo sobre a variável (ay) - o alçamento do núcleo do ditongo (ay) - nos subúrbios de Detroit, correlaciona o comportamento linguístico de dois grupos de adolescentes, os *burnouts* e os *jocks*, a uma atitude de orientação na direção do padrão de Detroit. De acordo com seus estudos, os *burnouts* eram muito mais orientados em relação a Detroit do que os *jocks*, em termos dos valores simbólicos. Ela fala de *networks* como uma comunidade de prática que nada mais é do que um agrupamento de pessoas em torno de um objetivo comum, que os leva a uma prática particular de comportamento, a um modo específico de fazer

as coisas e de expressar suas crenças e valores. Dentro dessa prática estão o comportamento linguístico e o uso de variações que vão refletir as escolhas da comunidade de fala e não apenas as escolhas individuais quanto ao uso de variedades linguísticas. A variação é uma prática da comunidade e, dentro dela, adquire um significado social.

A comunidade brasileira nos EUA também pode ser considerada como um agrupamento de imigrantes com um objetivo comum, em sua maioria: prosperidade financeira e melhores condições de vida (segurança, saúde e educação). E, à medida que seus objetivos vão sendo alcançados, são naturalmente orientados para uma valorização exacerbada da cultura, da língua, do estilo de vida e dos valores americanos em detrimento da manutenção da cultura e dos valores brasileiros, fato que ficou evidente nas entrevistas realizadas para esta pesquisa.

2.6. Mudança de código (*code switching*)

Segundo Fishman (1972), a língua é um indicador de *status* social e relacionamentos pessoais, um marcador de situações e tópicos, bem como de alvos sociais e valores de interação em grande escala que tipificam o discurso de cada comunidade.

Qualquer discurso comunitário revela muitas variedades de língua, todas funcionalmente diferenciadas umas das outras. Em alguns casos as variedades podem representar ocupações ou interesses diferentes; portanto, contêm vocabulário e pronúncia específicos, particulares. Por isso, os falantes de uma variedade de língua podem mudar para outra em suas interações verbais com outros falantes; isto é, eles não necessariamente usam uma mesma variedade o tempo todo uns com os outros; pode haver uma mudança de código linguístico em função do assunto, do lugar e do interlocutor. Durante minha estadia nos EUA, tal fato pôde ser verificado principalmente nas conversações entre jovens imigrantes bilíngues que mudavam de uma língua para outra (inglês x português) várias vezes durante um mesmo discurso.

Weinreich (1970), ao falar sobre os aspectos sociológicos das mudanças linguísticas, diz que a mudança do uso habitual de uma língua para outra é inteiramente extraestrutural; deve ser analisada em termos da função das línguas na situação de

contato, uma vez que um grupo da língua mãe pode mudar para uma nova língua em certas funções, mas não em outras.

Essa mudança na escolha da língua pôde ser observada quando estive com algumas famílias de imigrantes brasileiros em Nova Iorque. Não faziam uso de inovações linguísticas o tempo todo, em qualquer situação. Pelo contrário, a escolha linguística estava condicionada ao lugar, ao assunto e aos papéis sociais desempenhados por cada falante na comunidade brasileira.

Ainda segundo Fishman, em algumas ocasiões, falantes de uma variedade específica não a usam para falar entre si, mas mudam para uma variedade linguística diferente que é usada em maior escala ou é indicativa de interesses e relacionamentos diferentes que não estão associados à sua variedade.

É a partir desse ponto de vista da sociolinguística que fizemos esta pesquisa procurando compreender o caminho que os imigrantes brasileiros residentes nos EUA fazem e os fatores culturais e socioeconômicos que os envolvem ao longo desse caminho para chegar à criação de inovações linguísticas no português do Brasil.

Fishman (1972) descreve vários tipos possíveis de variação que levam à mudança de código linguístico (*code switching*). Ele apresenta uma conversação entre um chefe e sua secretária, ambos de origem porto-riquenha. O diálogo inicia-se em inglês e continua enquanto tratavam de assuntos profissionais - ele está ditando uma carta para ela digitar. A certa altura da conversa, o chefe passa a falar com a secretária em espanhol ao mudar de assunto, agora de ordem mais pessoal e informal - ele quer saber se ela foi a um desfile porto-riquenho. Então ambos comentam a ida deles ao desfile e como gostaram de ter ido e ainda criticam as pessoas que participam de eventos festivos e não vão à igreja ou à missa, tudo em espanhol. Repentinamente, o chefe volta a falar com sua secretária em inglês, voltando a tratar de assunto profissional quando lhe pergunta sobre a possibilidade da emissão da carta naquele mesmo dia. Ela, por sua vez, sempre o corresponde em cada mudança de código, alternando do inglês para o espanhol e vice versa. Ocorre aqui o que Fishman chama de **variação interna**. O falante A nem sempre fala do mesmo jeito, nem o falante B que é seu interlocutor. Essa mudança de código linguístico (*code switching*) acontece com frequência entre falantes bilíngues nas suas interações verbais.

2.7. As variantes e o tempo

A língua sofre alterações ao longo do tempo. Algumas mudanças linguísticas são temporárias, outras permanecem. Em relação ao seu progresso, algumas são mais rápidas, outras mais lentas.

As variantes linguísticas também podem mudar com o tempo e sofrer mudanças por um acaso ou por um propósito. A questão do prestígio também pode estar condicionada ao tempo, pois variantes usadas em palácios ou universidades em uma determinada época podem ser usadas mais tarde por analfabetos e na área rural. O léxico pode ser alterado com palavras caindo em desuso ou influenciado por variantes de maior prestígio temporariamente. Uma variedade linguística pode se tornar de menor ou maior prestígio, dependendo do uso e do desejo dos falantes num determinado período de tempo.

Segundo Weinreich (1970), um determinado tipo de interferência pode mudar com o tempo. As interferências na língua são provocadas pelo falante bilíngue que é o agente do contato e da interferência, de acordo com o que a língua representa para ele, ou seu *status* relativo às línguas. Por isso, ela pode ser alterada com o passar do tempo. Estudos também indicam que a extensão e o tempo de uma mudança linguística podem ser diferentes em função do tipo de comunidade de fala. Por exemplo, enquanto as mudanças linguísticas entre os imigrantes urbanos na América são normalmente rápidas e totais, entre os imigrantes das comunidades rurais elas são frequentemente parciais e ocorrem em pelo menos duas ou três gerações.

Ainda segundo Weinreich, o fator tempo na interferência pode ser analisado de duas formas significantes: 1ª) através da cronologia relativa da habitualização ou eliminação das características da interferência; 2ª) através do tempo absoluto decorrido antes deste ou aquele fenômeno de interferência ser habitualizado ou eliminado. Algumas das afirmações referentes à quantidade relativa de interferência nos vários domínios da língua (fonética, vocabulário etc.) levam a uma interpretação cronológica. De acordo com uma opinião geral na Europa, imigrantes adquirem o sotaque americano após poucos anos de residência nos EUA; o que parece mostrar que a fonética da língua mãe é facilmente afetada pelo bilinguismo. Segundo o comentário de Weinreich (1970), Dauzat diz que o fato de a morfologia ser menos afetada implica que ela é afetada por último; acredita-se que a interferência no vocabulário é a maior e isso também implica que começa primeiro.

Portanto, as interferências feitas hoje no português pelos imigrantes brasileiros vivendo na América podem mudar, isto é, podem sofrer alterações na sua forma, na sua pronúncia, no seu significado ou até deixar de existir e darem lugar a outras daqui a alguns anos, décadas ou séculos. O progresso dessas interferências certamente continuará a ser objeto de interesse de linguistas e será acompanhado e estudado em pesquisas posteriores.

2.8. Diglossia e bilinguismo

Diglossia é uma situação linguística em que duas variedades diferentes de uma determinada língua são utilizadas no mesmo terreno geográfico de modos diferentes, desempenhando papéis sociais diferentes, por exemplo, uma sendo utilizada para o ensino, para a religião e para o governo, e a outra em nível das interações familiares; são duas formas linguísticas que ocorrem ao mesmo tempo na comunidade de fala, cada uma delas com uma função social distinta.

Esse conceito de diglossia iniciou-se com Ferguson (1959) que a definiu em duas formas linguísticas distintas: variedade alta e variedade baixa e procurou descrever, inicialmente, quatro situações em todo o mundo: a Grécia, a Suíça Alemã, o mundo árabe e o Haiti. Segundo sintetizou Carvalho (2010, p. 48) quanto ao uso das duas variedades, - “a variedade alta: é usada na Igreja, nas Letras, nos Discursos, na Universidade, dentre outros; goza de maior prestígio social; tem sido utilizada para produzir uma literatura reconhecida e admirada; é adquirida na escola; é reconhecida como a norma gramatical (gramáticas e dicionários) – a variedade baixa: é utilizada nas conversas familiares e na literatura popular; não tem prestígio social; é adquirida naturalmente, sendo a primeira língua dos falantes. Ambas as variedades têm gramática, léxico e fonologia relativamente divergentes” (texto adaptado).

Já o bilinguismo é uma situação linguística em que duas línguas coexistem na mesma comunidade, ou em que um indivíduo apresente competência gramatical e comunicativa em mais de uma língua.

Segundo Fishman (1970), em comunidades de fala bilíngue/diglósica, crianças não utilizam seu repertório completo em casa ou nos grupos da vizinhança. Na verdade, aqueles que normalmente ficam em casa ou na vizinhança (crianças da pré-escola ou idosos aposentados) tendem a usar funcionalmente uma única língua ou variedade, embora todos os membros da comunidade tenham conhecimento de ambas.

Sob certas condições de interação, a incidência e a configuração relativa do bilinguismo estabilizam e permanecem constantes, por um tempo, dentro de várias comunidades de fala bilíngue-diglossica. Todavia, sob outras circunstâncias, uma variedade ou outra pode ser mais usada e crescer e, depois, decrescer quando a variedade em questão se torna a língua dominante dos mais idosos e a língua mãe dos mais jovens.

Fishman ainda apresenta mais três situações possíveis de ocorrer com bilinguismo e diglossia. Segundo ele, em uma comunidade de fala pode haver diglossia sem bilinguismo, como, por exemplo, o que acontece entre a elite europeia e homens do campo. A elite fala francês ou outra língua de alto prestígio para fins de interação com seu grupo (intragrupo) enquanto a massa fala outra variedade para interação com seu grupo (intragrupo). A maioria das elites e a maioria das massas jamais interagem uma com a outra e, portanto, não formam uma comunidade de fala única – o repertório linguístico delas é descontínuo, e a comunicação entre elas se dá por intérpretes, tradutores. Como o repertório linguístico delas é bastante estreito, limitado, não há como o bilinguismo se desenvolver; estão unidas por situações políticas, geográficas e econômicas, mas cada uma tem sua língua apropriada para seus interesses próprios.

Também pode haver bilinguismo sem diglossia. O bilinguismo é essencialmente uma caracterização da versatilidade linguística individual enquanto a diglossia é a caracterização da atribuição social de funções a uma língua ou variante diferente. A partir das instituições formais, a língua da escola e do governo substitui a língua falada em casa e na vizinhança principalmente porque ela confere *status*, prestígio. A língua de maior prestígio tende a substituir a língua de menor prestígio. Muitas comunidades de fala que passaram pela experiência de industrialização e urbanização em massa controlada por outra comunidade de fala acabaram por abandonar rapidamente seus padrões socioculturais e tradições e aprenderam (ou foram ensinados) a língua associada aos meios de produção. Alguns reagiram valorizando as vantagens advindas da nova língua ligada à educação e indústria e outros reagiram procurando substituir a última língua por uma versão elaborada da sua própria língua. O ambiente urbano favorece a mudança. Imigrantes e seus filhos tendem particularmente a usar sua língua mãe e outra língua para a comunicação intragrupo de forma aparentemente aleatória, mas acabam por usar a língua da escola e do trabalho em casa também. Línguas e variantes mantidas anteriormente separadas influenciam umas às outras na forma lexical, semântica, fonética e até mesmo gramatical. O bilinguismo sem

diglossia tende a ser transitório tanto em termos de repertório linguístico das comunidades de fala quanto às variedades de fala por si mesmas.

É possível não ocorrer nem diglossia nem bilinguismo. Mas isso só é possível em comunidades de fala muito pequenas, isoladas e indiferentes. Fatores como exogamia (casamento de um indivíduo com um membro de grupo estranho àquele a que pertence: japonês com alemão, italiano com africano etc.), guerra, expansão populacional, crescimento econômico e contato com outros levam à diversidade interna e, conseqüentemente, ao repertório diversificado. Esta diversidade é o início do bilinguismo, e a sua normatização social é a marca da diglossia.

2.9. Fatores determinantes do comportamento linguístico de um bilíngue

Sabemos que as inovações linguísticas ocorrem como consequência das formas de interferência mútua entre as línguas em contato. Segundo Weinreich (1970) os fatores socioculturais regulam a interferência em uma língua através da mediação do falante bilíngue. Entretanto, o comportamento linguístico de um bilíngue depende de vários fatores. Weinreich afirma que, para se investigar os efeitos do bilinguismo na fala de um indivíduo, é preciso considerar os fatores extralinguísticos, não apenas os fatores socioculturais como os já citados anteriormente, mas também os psicológicos.

Ainda de acordo com os estudos de Weinreich, entre os fatores não estruturais estão as características de um falante bilíngue que vão determinar ou facilitar a ocorrência de variações linguísticas como as comentadas a seguir.

- A habilidade (ou aptidão) do falante em se expressar verbalmente, dominar duas línguas e sua proficiência em cada língua (o que pode ser medido por testes). A aptidão para se aprender uma língua estrangeira fica evidente na proficiência do falante e isso é um traço natural, particular, que varia de pessoa para pessoa. Há falantes que estão em contato com a língua inglesa há muitos anos e ainda têm proficiência mínima enquanto outros, recém-chegados aos EUA, em pouco tempo de contato com a segunda língua já têm proficiência média e se tornam fluentes rapidamente. Como exemplo, temos os casos dos seguintes informantes: 13H é motorista de caminhão e reside nos EUA há 30 anos; 23H é faxineira e está há 15 anos nos EUA; 24H é mordomo há 20 na América: os três declararam ter proficiência mínima no inglês. Por outro lado, a informante 20M é babá há 5 anos nos EUA e é fluente em inglês; 29M, estudante, há

apenas 4 meses na América do Norte já tem proficiência média. Todos eles tiveram contato efetivo com a língua inglesa ao chegarem aos EUA. Parte desse resultado tem a ver com aptidão. Contudo, em muitos casos, a aptidão não é a única responsável pela facilidade na aquisição da segunda língua. Há outros fatores, como idade e profissão, que agem concomitantemente e devem ser avaliados.

- ***O uso particular de cada língua.*** Uma mesma pessoa bilíngue pode demonstrar variados tipos de interferência na sua fala dependendo das circunstâncias da situação imediata da fala. Um bilíngue ideal muda de uma língua para outra de acordo com as mudanças requeridas pelo contexto da fala (interlocutores, assuntos, utilidade da língua). Nesse caso, o assunto e o interlocutor, juntamente com a necessidade do uso da língua, desempenham um papel importante na comunicação bilíngue e podem contribuir para a ocorrência de inovações.

De acordo com Weinreich (1970) muitos bilíngues estão acostumados a conversar sobre certos assuntos em apenas uma de suas línguas ou a usar somente uma língua em certas ocasiões; uma transição repentina para a outra língua abre a porta para interferências; se o bilíngue domina certos assuntos em uma única língua e, de repente, tenta discutir um desses assuntos na outra língua, terá dificuldade e estará propenso a misturar ambas as línguas. Alguns bilíngues também estão acostumados a usar somente uma língua com uma determinada pessoa e têm extrema dificuldade em mudar para outra língua, o que pode facilmente levar a interferências.

Fishman (1972) exemplifica hipoteticamente a situação de um falante trilíngue de forma interessante: um funcionário do governo em Bruxelas chega a casa depois de passar no clube para tomar uma bebida. Ele geralmente fala francês padrão no escritório, holandês padrão no clube e uma variante local do flamengo em casa. Em cada caso ele se identifica com uma rede de fala diferente à qual ele pertence, quer pertencer e na qual ele busca aceitação. Todas essas redes estão incluídas na sua comunidade de fala abrangente, embora cada uma esteja mais frequentemente associada a uma variedade de fala do que a outra. Entretanto, é possível haver ocasiões no escritório em que ele fala ou ouve uma ou outra variedade de flamengo. Há também ocasiões no clube quando ele fala ou ouve francês; finalmente, há ocasiões em casa quando ele se comunica em holandês padrão ou até mesmo francês. Ele provavelmente vai usar flamengo no escritório quando ele se encontrar com outro funcionário que vem da mesma cidade que fala também essa variedade. Eles cresceram e estudaram juntos;

compartilham muitas experiências e pontos de vista em comum (ou pensam que sim, ou fingem que sim) e por isso tendem a falar entre si na língua que representa para eles a intimidade que eles compartilham. Eles não deixam de ser funcionários do governo quando conversam em flamengo; apenas preferem tratar um ao outro como íntimos ao invés de funcionários. Contudo, deve-se observar que eles não conversam em flamengo invariavelmente. Quando falam sobre os negócios do mundo, os mundos da arte e literatura, sem falar no mundo do governo, eles tendem a mudar para o francês (ou revelar uma influência fonológica, lexical e até gramatical do francês no flamengo), embora o tom de intimidade e familiaridade permaneça claramente evidente.

Esse exemplo dado por Fishman mostra como o falante é capaz de controlar o uso da língua em função do assunto, interlocutor, lugar e papel social. Ainda segundo Fishman, o fato de dois indivíduos que normalmente falam entre si em X principalmente e, no entanto, mudam para Y (ou oscilam mais perceptivelmente entre X e Y) quando conversam sobre certos assuntos, leva-nos a considerar que o assunto em si é um regulador do uso linguístico em ambientes multilíngues. A implicação de que a escolha linguística é regulada pelo assunto é que certos assuntos são de alguma forma tratados melhor ou mais apropriadamente em uma língua do que outra em certos contextos multilíngues. Entretanto, essa adequação pode refletir ou trazer à tona vários fatores diferentes, mas de reforço mútuo. Então, alguns falantes multilíngues podem adquirir o hábito de falar sobre o assunto X na língua X em parte porque esta é a língua na qual eles foram treinados para lidar com esse assunto - nesse caso a forma de aprendizagem da língua é significativa; ou em parte porque eles e seus interlocutores podem não ter o conhecimento de termos específicos para uma conversação satisfatória de X na língua Y - o que depende também do domínio e proficiência dos falantes; também em parte porque a língua Y pode no momento não ter os termos exatos ou tantos quantos necessários para tratar o assunto X como seria na língua X - limitação do código linguístico; ou ainda em parte porque é considerado estranho ou inapropriado conversar X na língua Y - influência cultural ou religiosa. Então, o assunto sozinho não é o único regulador da escolha da língua, mas está associado ao contexto, ao interlocutor, à atitude do falante e a outros fatores sociais e linguísticos.

Observando e conversando com alguns brasileiros em Nova Iorque nos intervalos dos cultos e/ou nas reuniões da liderança na igreja, pudemos perceber que a preferência linguística era sempre pelo português, embora a maioria fosse bilíngue. Os assuntos religiosos e até mesmo os problemas relacionados à vida administrativa da

igreja eram tratados com mais fluidez, clareza, segurança e objetividade quando falados na língua mãe.

Ao comunicar-se com um monolíngue, o bilíngue tende a limitar a interferência e a eliminar até os empréstimos habituais de sua fala, o que Weinreich chama de *limitação interlocutória*. Ele se policia para se fazer entendido na língua única do seu interlocutor. Mas quando o outro interlocutor também é bilíngue, a preocupação com a inteligibilidade da conversação é reduzida drasticamente e não há limitação para interferência – formas podem ser transferidas livremente de uma língua para a outra e até usadas de forma adaptada. Não obstante, as línguas de imigrantes americanos faladas por bilíngues e a bilíngues têm sido sujeitas a grandes interferências, o que leva à criação de inovações linguísticas.

Convivendo com brasileiros bilíngues (inglês/português) imigrantes vivendo nos EUA é fácil perceber como eles se sentem à vontade para conversar com outros brasileiros bilíngues e, como bem disse Weinreich, não se importam em fazer interferências ainda que sejam adaptações ou mistura entre as línguas. O que importa para eles no momento da fala é comunicar e se fazer entendido. Nas conversações do dia a dia quando se requer apenas compreensão, entendimento, até a dicção é negligenciada e, aí, pode haver mais interferência.

Da mesma forma, a utilidade de uma língua é um dos mais importantes motivos para seu aprendizado, sendo a causa para o contato, cuja extensão do uso pode ser uma fonte de interferência. Em muitos casos de afasia (perda abrupta do desempenho linguístico em consequência de uma lesão cerebral), a língua que foi mais usada no período que antecedeu o trauma foi recuperada primeiro devido à extensão do uso da mesma.

- ***A forma, a ordem e a idade de aprendizagem de cada língua.*** Qual língua foi aprendida primeiro é muito importante. A língua mãe é considerada a língua dominante no início do estágio do bilinguismo. De acordo com estudos da psicolinguística, a língua mãe, que é aprendida antes de qualquer outra, está numa posição privilegiada para resistir a interferências. Com o passar do tempo, muitos imigrantes acabam por ter uma proficiência melhor na segunda língua. Tal fato pôde ser verificado nas conversações com jovens filhos de imigrantes brasileiros nos EUA, nascidos no Brasil e alfabetizados em português. Eles conversavam fluentemente em inglês, mas quando mudavam para o português, que é a língua mãe deles, tinham dificuldade em lembrar algumas palavras,

expressões e em conjugar alguns verbos. Todavia, em certas circunstâncias, eles continuavam se expressando melhor na língua mãe, principalmente quando havia algum envolvimento emocional. Estudos mostram que, em relação à idade de aprendizagem, a proficiência é melhor quando a criança é exposta à segunda língua nos anos iniciais de vida; e uma pessoa adulta terá mais dificuldade para dominar uma segunda língua.

Nos casos de imigrantes em situação de língua em contato, isso também vai depender de outros fatores extralinguísticos como aptidão, profissão, tempo de contato com a língua e a intensidade do uso da segunda língua. Por exemplo, dos 41 informantes adultos e idosos da população estudada nesta pesquisa (entre 35 e 82 anos de idade), 15 se declararam fluentes no inglês, 14 têm fluência média e 12 mínima. Entre os fluentes estão os que já haviam estudado inglês no Brasil, na infância ou na adolescência, antes de migrarem para os EUA e/ou usam o inglês diária e intensamente nas atividades profissionais. Os de fluência média estudaram inglês depois que chegaram à América do Norte e/ou ainda estão estudando e, de alguma forma, usam o inglês na profissão. Já os de fluência mínima nunca tiveram contato com o inglês antes de migrarem, não estudaram inglês em uma instituição de ensino regular nos EUA e desempenham atividade profissional de baixo prestígio como faxineiro, mordomo, motorista de caminhão e empregado doméstico. Estes últimos também, em sua maioria, trabalham exclusivamente com brasileiros e não usam o inglês na profissão.

- ***As atitudes do falante em relação a cada língua.*** Dois bilíngues que conhecem as mesmas línguas e têm aptidão e facilidade de mudança linguística idênticas podem ter uma posição diferente em relação às duas línguas por causa do *status* que cada língua tem para cada um deles. A apreciação do bilíngue pela literatura e cultura de uma determinada língua também pode levar à preferência por uma delas – o prestígio definido pela apreciação intelectual ou estética em relação à literatura e cultura. Normalmente os jovens imigrantes tendem a considerar a segunda língua como de maior prestígio por causa das interações sociais (amizades, namoro, faculdade) com nativos e interesses culturais (música, filmes e outros entretenimentos em inglês). Nesse contexto, a possibilidade da ocorrência de interferências e criação de inovações é grande e vai depender da posição de prestígio e do *status* que cada língua tem para cada falante.

- ***O envolvimento emocional.*** A intensidade das experiências emocionais em uma das línguas pode determinar o comportamento do bilíngue. Segundo Weinreich (1970) a

relação da quantidade ou tipo de interferência com o grau variável de estresse emocional sob o qual o falante atua é um problema de certa complexidade para a psicolinguística. Há palavras e categorias gramaticais afetivas e até empréstimo afetivo gerados a partir de situações de estresse e/ou envolvimento emocional vivenciados pelo falante. Até mesmo um afásico pode recuperar primeiro a segunda língua se ele tiver tido um apego emocional mais intenso a ela antes do trauma, tamanha a força do envolvimento emocional.

- **Os papéis sociais.** Fishman (1972) diz que grande parte da mudança de código linguístico (*code switching*) é funcionalmente metafórica, ou seja, ela indica um contraste na ênfase (do humor para o sério, da concordância para a discordância, do supérfluo ou secundário para o essencial ou primário, em qualquer conversação já iniciada em uma determinada variante linguística). Daí, os interlocutores podem variar na extensão ao iniciarem ou ao engajarem em tal mudança, dependendo do papel que cada um desempenha em relação ao outro.

Dois interlocutores devem reconhecer o papel que cada um desempenha dentro de uma determinada comunidade de fala, em tempo específico: pai/filho, marido/mulher, professor/aluno, amigo/amigo, chefe/empregado etc. O papel social é um conjunto de direitos e obrigações mútuos reconhecidos e aceitos entre membros de um mesmo sistema sociocultural. Existem as interações transacionais que acontecem em função dos direitos e obrigações mútuos dos participantes, como, rei/súdito, patrão/empregado. Há também as interações pessoais que são mais informais, fluídas e variadas, como entre um vendedor e o cliente.

Ainda falando sobre papéis sociais, Fishman diz que um membro de uma família em interação é tanto ouvinte quanto falante e seu comportamento linguístico pode ser simplesmente uma questão de preferência individual ou facilidade, mas também uma questão do papel que desempenha na família.

Convivendo por vinte e um dias com uma família de amigos brasileiros imigrantes vivendo em Nova Iorque, onde fiquei hospedada, percebi como o papel social é importante no comportamento linguístico. O pai e marido é o informante 3H que é pastor, tem 59 anos, nível superior, fluência média em inglês; ele morou dezesseis anos nos EUA, voltou ao Brasil onde morou por dez anos e depois retornou a Nova Iorque onde está morando há dois anos. Ele procura falar o português padrão o tempo todo, não apenas diante da congregação que pastoreia, mas também nas interações

informais fora da igreja, exercendo, com excelência, seu papel social de líder espiritual. Ele admite a ocorrência das inovações linguísticas, mas se polícia para não fazer uso delas e realmente não o vi usar nenhuma, em momento algum, em vinte e um dias de convivência diária. Entretanto, presenciei uma situação interessante de mudança de código linguístico durante uma discussão informal familiar. Ele estava repreendendo seu filho mais velho na minha presença e da esposa. O filho reclamou que estava sendo exposto a uma situação constrangedora por causa da minha presença. Diante disso o pai passou a falar em inglês, justificando que eu era como uma pessoa da família e não havia motivos para constrangimentos e continuou a repreender o filho, em inglês, de forma mais enfática e séria. A esposa e também mãe do jovem, por sua vez, fez alguns comentários em discordância com o que o pai estava falando, em voz baixa, só para eu ouvir, também em inglês.

Houve uma troca situacional. A mudança da língua A para a língua B pode implicar que uma dessas línguas tende a ser usada (ou mais usada) em certos tipos de atos de fala ou eventos do que a outra, com propósitos específicos determinados pelo falante. Um dos falantes bilíngues pode mudar de uma língua para a outra no meio da conversação puramente por propósitos metafóricos (quando uma mudança é transitória, utilizada com o propósito de ênfase ou contraste), como diz Fishman. O que muda vai além do assunto da conversação, tem a ver com a definição da situação na qual os interlocutores se encontram.

Fiquei pensando no que os levou a mudar de repente do português para o inglês. Seria para enfatizar a seriedade do assunto da discussão? Ou para tornar a situação mais formal e assim evidenciar a autoridade parental? Ou para deixar a situação menos íntima por causa da minha presença como visitante? Ou pode ser uma mistura de vários elementos. Tal comportamento linguístico me causou estranheza porque se espera que imigrantes e seus filhos tendem, particularmente, a usar sua língua mãe em casa, no ambiente familiar, principalmente nas interações verbais mais íntimas. É o que Weinreich chama de *mudança parcial* e não total no uso da língua, quando um imigrante em um novo país usa a nova língua para lidar com autoridades governamentais e em relações profissionais enquanto os filhos a usam na escola; ao mesmo tempo, a língua antiga continua sendo usada em casa e em encontros informais. Um exemplo citado por Fishman é o de pais e filhos porto-riquenhos bilíngues em Nova Iorque: eles provavelmente conversam em espanhol em casa sobre assuntos familiares, mas provavelmente conversam em inglês no prédio público da escola. São duas

situações diferentes que requerem papéis funcionais diferentes e a utilização de duas línguas ou variações diferentes em função do lugar e assunto.

- **A língua e o ambiente.** De acordo com Weinreich (1970), o comportamento linguístico de um falante bilíngue é determinado pelo ambiente e pelo lugar onde ele está inserido. Isso significa que a forma como ele utiliza a língua, o status literário-cultural que a língua representa para ele e seu avanço social na sociedade dependem do ambiente onde ele está. Até mesmo a ordem e a idade de aprendizado da segunda língua, a extensão do uso da escrita, a proficiência e o envolvimento emocional do falante com as línguas são estabelecidos pela sociedade. Entretanto, o *ambiente* pode tornar certos tipos de situação de fala mais relevantes do que outros. Uma cultura pode ter preferência por certo tipo de comportamento – um tipo de comportamento favorecido em um grupo pode ser condenado em outro; uma mudança, ou mistura linguística na fala, pode ser condenada como qualquer outro traço de personalidade indesejável. Weinreich está dizendo que tudo isso pode ocorrer em função do ambiente, do lugar onde as interações acontecem. Fishman (1972) compartilha do mesmo pensamento quando diz que os domínios do comportamento linguístico podem variar de ambiente para ambiente; o uso da língua e a escolha linguística deveriam ser descritos e analisados em um determinado ambiente multilíngue em termos de papéis sociais dentro de domínios específicos considerados como mais reveladores para aquele ambiente.

- **Situação social: congruente ou incongruente.** Falando em *ambiente (lugar)*, *papéis sociais* e somando a eles o *tempo* temos a configuração de uma **situação social**, que é de grande valor na sociolinguística. A situação social vai revelar a atuação de um determinado papel social, no ambiente (lugar, local) mais apropriado ou mais típico para ele e o tempo socialmente definido como apropriado para aquele papel social.

Há dois tipos de situação social: a **congruente** e a **incongruente**. Na situação social congruente, o papel social, o lugar e o tempo vão se juntar de um modo culturalmente esperado. O que ocorre aqui é uma situação em que os indivíduos interagem uns com os outros em seus papéis sociais (papéis funcionais convenientes à situação), nos lugares apropriados para eles, engajados em assuntos apropriados e no tempo adequado para sua realização. Já a situação social incongruente apresenta um comportamento enviesado, impróprio, numa hora e lugar também impróprios, inconvenientes, de acordo com os padrões sociais estabelecidos pelas instituições de

uma sociedade. Contudo, depois de ajustes em meio à situação, hora e lugar incongruentes, uma nova situação congruente é interpretada como real e para tal novos requerimentos comportamentais e sociolinguísticos são implementados. Blom e Gumperz (1972) e Fishman (1968b) indicaram que, aparentemente, situações incongruentes ocorrem com frequência e são processadas de forma compreensível e aceitável assim como são as sentenças aparentemente agramaticais que ouvimos na maioria das falas espontâneas. Os interlocutores reinterpretem as incongruências a fim de recuperar alguma semelhança com a congruência pela qual eles compreendem seu papel social e atuam a partir dele.

- **Domínios.** No caso das situações sociais congruentes, os contextos institucionais e suas coocorrências comportamentais congruentes são chamados de **domínios**. Os domínios nos permitem entender que a escolha linguística e o assunto estão relacionados a normas socioculturais e expectativas bem conhecidas. Segundo Fishman (1972), o domínio é uma construção sociocultural abstraída de tópicos de comunicação, relações entre comunicadores e locais de comunicação, de acordo com as instituições sociais e as esferas de atividade de uma comunidade de fala, de certa forma que o comportamento individual e os padrões sociais podem ser distintos um do outro e ainda relacionados um ao outro.

Estudando a comunidade de fala porto-riquenha na grande Nova Iorque, Greenfield (1968) generalizou cinco domínios para investigar se uma situação típica poderia ser apresentada para cada domínio como um dado válido em relação à escolha linguística: família, amizade, religião, educação e ocupação. Já Barker (estudou americanos bilíngues – espanhol -1947) e Barber (estudou os índios Yaqui – trilingues), em estudos de aculturação de populações no Arizona, formularam domínios ao nível da análise sociopsicológica: íntimo, informal, formal e intergrupo; o domínio formal coincidiu com atividades de cerimônias religiosas enquanto o intergrupo correspondeu a atividades econômicas e recreativas, assim como interações com autoridades legais e governamentais.

Certamente, em contextos de acolhimento de imigrantes, nos quais somente a língua da sociedade anfitriã é reconhecida para fins governamentais, outros e talvez menos domínios seriam requeridos, principalmente se as gerações mais jovens constantemente deixam a sociedade de origem e entram na sociedade anfitriã.

Diante do exposto acima, podemos dizer que tanto a interferência quanto a mudança linguística estão por um lado relacionadas aos domínios e fontes de variação

do bilinguismo e, por outro lado, aos processos socioculturais e tipos de interação. É nesse contexto que os brasileiros imigrantes residentes nos EUA fazem suas escolhas linguísticas e interferências no português; seu comportamento linguístico é um reflexo de suas características pessoais, dos fatores socioculturais que os envolvem e do ambiente em que estão inseridos.

2.10. As variações linguísticas como consequência de línguas em contato

Qualquer comunidade de fala, ainda que de baixa complexidade, pode revelar variedades linguísticas que são funcionalmente diferenciadas umas das outras, principalmente se as características de seus falantes forem variadas. A comunidade de imigrantes brasileiros residindo nos Estados Unidos é composta por pessoas oriundas de várias partes do Brasil, na maioria, vindas das regiões mais industrializadas e economicamente mais desenvolvidas como Sul e Sudeste; eles são de classe social, nível de escolaridade e idade variados, mas quase todos foram em busca de um mesmo objetivo: ganhar dinheiro e ter melhores condições de vida para si e para a família. Alguns, ao chegarem à América do Norte, já tinham uma proficiência média no inglês e poucos eram fluentes; grande parte deles teve o primeiro contato com a língua inglesa quando chegou lá. Entretanto, a maioria se torna bilíngue em pouco tempo devido à necessidade de interação com os nativos por causa do trabalho, da escola, do comércio, da assistência médica e de outras interações sociais.

Nesse processo de contato com uma segunda língua, em situações, contextos e dimensões já comentados anteriormente nesta pesquisa, ocorrem inovações linguísticas como consequência das interferências feitas pelo falante ao misturar as duas línguas.

O foco desta pesquisa foi na descrição sistemática da língua falada considerando os sistemas sonoro e gramatical da língua (fonologia, fonética, gramática, léxico, semântica e morfologia) e as mudanças que nela ocorrem devido às diferentes interações e aos processos de contato que acontecem com o passar dos anos.

Essas palavras e expressões novas acontecem naturalmente para atender às necessidades de ajustes nas interações verbais, na tentativa de garantir o sucesso da comunicação entre falante e interlocutor; isso acontece principalmente como uma estratégia compensatória por parte do falante que tem nível de proficiência baixo na língua de contato.

O português falado pelos imigrantes brasileiros nos EUA, em pouco tempo de contato com o inglês, deixa de ser aquele português padrão aprendido e ensinado nas escolas brasileiras. Eles usam inovações quando lhes falta uma palavra que corresponde ao que eles querem expressar, por não saberem ou por não lembrarem, principalmente nas conversas espontâneas. Na tentativa de preencherem imediatamente as lacunas lexicais, quando em contato com o inglês, são levados a criar palavras e expressões novas, aportuguesadas, como, *shopar*, para falar comprar – do verbo *shop* que em inglês significa comprar. O que realmente importa para eles no momento do ato de fala é expressar, comunicar e se fazerem entendidos.

Nesse processo de formação de novas palavras pela comunidade brasileira, parece não haver muita preocupação com a correção ou, pelo menos, com a tentativa de correção em relação à língua padrão por parte de outros membros do grupo. Não há uma ideologia de purismo linguístico entre eles. Pelo contrário, há uma aceitação imediata dos neologismos, às vezes de forma até divertida, como se fossem normais e necessários para a comunicação, para o bom relacionamento e até mesmo para fortalecer a identidade do grupo. Afinal, somente eles são capazes de compreender o real sentido dos neologismos criados por eles mesmos.

Portanto, esse português falado pelos imigrantes brasileiros que vivem nos EUA ainda não pode ser considerado um ***pidgin***, que é uma palavra inglesa que define a língua resultante de contato entre línguas, usada como língua de comunicação, não sendo língua materna de nenhum falante; nem um ***crioulo***, que é uma língua originada pelo contato de uma língua dominante com a língua nativa de uma região, que se tornou língua materna de uma comunidade. Também não se trata de uma ***interlíngua***, que é a linguagem produzida pelo aprendiz de segunda língua ou língua estrangeira durante o processo de aprendizagem, caracterizada pela interferência de língua materna na escrita ou na fala. Alguns chamam esse novo jeito de falar de “portuglês” ou “portinglês”. Preferimos não dar um nome a esse português que está sendo falado pela comunidade brasileira na América. Entendemos que não se trata de um código linguístico completo, inteiramente novo e diferente do português falado no Brasil. Não é ainda uma língua definitiva que possibilita uma comunicação efetiva entre os falantes. Continua sendo o português. Contudo, ele está permeado por palavras e expressões novas que certamente soam estranhas aos ouvidos de qualquer brasileiro, sendo até incompreensíveis na maioria das vezes.

Os assuntos – a língua como fato e identidade sociais, o contexto das línguas em contato, as variedades linguísticas, o comportamento linguístico dos falantes e os fatores que o determinam – estão relacionados a esta pesquisa e, por isso, foram tratados aqui. Entendemos que as abordagens teóricas expostas neste capítulo nos trazem fundamentos importantes da linguística e da sociolinguística variacionista de William Labov, que procura estudar a língua, suas variedades e mudanças, no contexto social da comunidade de fala. Com isso, queremos nortear esta pesquisa com base na proposta sociolinguística que estabelece uma correlação entre língua e sociedade e propõe uma análise linguística de regras variáveis condicionadas a fatores linguísticos e extralinguísticos.

3. QUADRO SOCIAL

A sociologia da linguagem investiga o comportamento humano em relação à sua interação social com outros indivíduos quanto ao uso de uma língua, bem como as atitudes e os comportamentos linguísticos relacionados à língua e a seus usuários, de acordo com Fishman (1972). Ela investiga **quem** fala (ou escreve) **qual língua** (ou qual variedade linguística), **para quem, quando e com que propósito**; também **porque e como** as interações linguísticas acontecem de forma seletiva em uma mesma comunidade de fala, em ocasiões diferentes.

Ainda segundo Fishman (1972), a sociolinguística estuda as características das variedades linguísticas, as características de suas funções, as características de seus falantes e como essas três interagem e influenciam umas às outras, constantemente, dentro de uma comunidade de fala; o papel do falante é importante porque as variedades linguísticas podem sofrer alteração na forma e no uso, dependendo do interesse desse falante em função do assunto, do lugar e do interlocutor.

Considerando esses princípios da sociolinguística, procuramos conhecer e descrever as características dos falantes que são um grupo de imigrantes brasileiros residentes nos Estados Unidos e que constituem a população investigada nesta pesquisa, bem como o seu comportamento linguístico e os parâmetros que os envolvem na situação de imigrantes.

Para tanto, o nosso interesse se volta para o brasileiro bilíngue que tem o português como língua mãe e o inglês como segunda língua, na situação de língua em contato, e os fatores extralinguísticos que determinam seu comportamento em relação a essas línguas.

Nesse contexto de migração e bilinguismo estão milhares de brasileiros imigrantes vivendo nos EUA. De acordo com o Ministério das Relações Exteriores do Brasil, há cerca de 1.368.300 brasileiros vivendo nos Estados Unidos – dados atualizados em 28/08/15. Entretanto, estima-se que esse número é muito maior porque muitos brasileiros estão em situação ilegal e não se submetem a registros oficiais de imigração.

3.1. Os sujeitos da pesquisa

Para esta pesquisa contamos com a participação de quarenta e nove pessoas, entre homens e mulheres de idade, escolaridade, proficiência na língua inglesa e profissão variadas, pertencentes à comunidade brasileira de imigrantes residentes na América do Norte, para serem os nossos informantes.

A maioria desses informantes é membro de igrejas evangélicas nos EUA e o meu contato com eles se deu através de pastores que são meus amigos e que residem há muitos anos na América. Grande parte deles veio de estados brasileiros mais desenvolvidos e da região Sudeste (São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Minas Gerais). Muitos deles são oriundos das cidades de Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Vitória, Governador Valadares e de cidades do interior de São Paulo; nos Estados Unidos são moradores dos estados de Nova Jersey, Nova Iorque, Massachusetts, Connecticut e Flórida, onde há uma maior concentração de imigrantes brasileiros. São pessoas compromissadas com sua fé que se encontram regularmente duas ou três vezes por semana nas suas respectivas denominações para os cultos dominicais e para alguns encontros durante a semana, como reuniões administrativas, estudos bíblicos e ensaios; trabalham muito e são dedicados à família; em geral, tendem a valorizar a cultura americana e estão sempre dispostos a elogiar o sistema de educação americano, a estrutura das escolas e faculdades, a segurança de que goza a população, as facilidades nas atividades do dia a dia e os incentivos que recebem para prosperarem financeiramente. Eles se mostram muito agradecidos pelo modo como foram acolhidos

na América; grande parte deles se diz satisfeita em viver lá e não pretende voltar para o Brasil.

A maioria deles migrou para os EUA motivada pelo “*American Dream*”, o sonho americano de ganhar dinheiro e alcançar melhores condições de vida para si e para a família que, na maior parte dos casos, ficou no Brasil. Muitos deles tinham uma profissão de prestígio no Brasil, como advogado, empresário, contador, enfermeiro, bancário, professor, diretor de escola, mas nos EUA trabalham com uma atividade profissional menos prestigiada como faxineiro, ajudante de construção civil, entregador de pizza, babá, empregado doméstico. Muitos deles começaram a estudar inglês assim que chegaram aos EUA, mas abandonaram os estudos meses depois por causa da dificuldade em conciliar o horário de aulas com o horário da atividade profissional. Vários deles tiveram seus filhos nascidos na América do Norte, constituindo a segunda geração, propensa a dominar a língua inglesa mais facilmente e a utilizar com menos frequência o português.

Segue abaixo um resumo das características desses informantes:

- **Gênero** - 23 homens e 26 mulheres;
- **Faixa etária** – 08 jovens (entre 17 e 26 anos) e 41 adultos/idosos (entre 35 e 82 anos);
- **Escolaridade** – 28 de pós-graduação/superior/superior incompleto, 15 de ensino médio e 06 de ensino médio incompleto/fundamental/fundamental incompleto;
- **Proficiência na língua inglesa** – 21 fluentes, 16 de fluência média e 12 mínima;
- **Tempo de residência nos EUA** - 19 de 0-10 anos, 14 de 11-25 anos e 16 de 26-45 anos;
- **Classe social** – 28 da classe média e 21 da trabalhadora;
- **Atividade profissional**³ – 14 da mão de obra braçal (construção, empregado doméstico, faxineiro, eletricista, jardineiro, marceneiro), 27 da mão de obra especializada (babá, motorista, contador, gerente, educador, corretor de imóveis, pastor, cabeleireiro, depilador, lapidário e decorador) e 08 estudantes;
- **Local de residência** – 02 em Massachusetts (01 em Everett e 01 em Lowell), 03 em Connecticut (Bridgeport), 04 em Nova Jersey (01 em Newark e 03 em Harrison), 37 em Nova Iorque (32 na cidade de Nova Iorque e 05 em Long Island), 03 na Flórida (01 em Orlando e 02 em Deerfield Beach).

3. Atividade profissional: “*mão de obra braçal*”: construção, empregado doméstico, faxineiro, eletricista, jardineiro, marceneiro; “*mão de obra especializada*”: babá, motorista, contador, gerente, educador, corretor de imóveis, pastor, cabeleireiro, depilador, lapidário, decorador.

A tabela 01 traz as principais características de cada um dos informantes:

Tabela 01 - Principais características dos informantes

Informante	Idade	Profissão atual / profissão anterior	Escolaridade	Classe social	Proficiência / Tempo de contato com o inglês	Tempo de residência nos EUA
1H	26	construção / aux. financeiro	superior incompleto	média	média 1ano e meio	1 ano e 7 meses
2M	18	estudante / estudante	ensino médio	média	fluente 2 anos	2 anos (nasceu em NY, aos 6 anos foi p/ Brasil e retornou aos 16 anos)
3H	59	pastor / pastor	superior	média	média 28 anos	2 anos (16 anos nos EUA + 10 no Brasil, retornou há 2 anos p/ NY)
4M	42	babá / marketing	superior	trabalhadora	média 15 anos	10 anos
5M	55	empregada doméstica / empregada doméstica	ensino médio	média	mínima 4 anos	4 anos
6M	46	governanta / cozinheira	ensino fundamental incompleto	média	média 27 anos	27 anos
7H	44	eletricista / hoteleiro	superior	trabalhadora	média 10 anos	9 anos e meio
8M	49	cabeleireira / cabeleireira	superior incompleto	trabalhadora	fluente 20 anos	20 anos
9H	20	estudante / estudante	superior incompleto	média	fluente 2 anos	2 anos (nasceu em NY, aos 8 anos foi p/ Brasil e retornou aos 18 anos)
10M	55	babá / digitadora	ensino médio	trabalhadora	média 28 anos	28 anos
11M	57	babá / operadora de máquina	ensino fundamental incompleto	trabalhadora	média 26 anos	26 anos
12H	50	corretor de imóveis / militar	superior incompleto	média	fluente 26 anos	26 anos
13H	52	motorista de caminhão / mecânico	ensino fundamental incompleto	trabalhadora	mínima 30 anos	30 anos
14M	36	estudante / enfermeira	superior	trabalhadora	mínima 2 anos	2 anos
15M	51	faxineira / estudante	superior	trabalhadora	média 29 anos	29 anos
16H	25	professor de música	pós graduação	média	fluente 25 anos	25 anos
17M	19	Estudante	superior incompleto	média	fluente 19 anos	19 anos
18M	17	estudante	ensino médio	média	fluente 17 anos	17 anos
19H	17	estudante	ensino médio	média	fluente 17 anos	17 anos
20M	42	babá / gerente-consultora	superior	trabalhadora	fluente 5 anos	5 anos e meio
21H	51	construção (acabamento)/comércio	superior incompleto	média	fluente 30 anos	30 anos
22M	52	faxineira / secretária	ensino médio	média	média 27 anos	27 anos
23M	46	faxineira / estudante	superior	trabalhadora	mínima 15 anos	15 anos
24H	82	mordomo / chefe de segurança	ensino fundamental	trabalhadora	mínima 20 anos	20 anos
25M	62	decoradora / funcionária pública	superior	trabalhadora	fluente 33 anos	28 anos
26M	50	contadora / auxiliar de escritório	superior	média	fluente 26 anos	26 anos
27M	52	babá e faxineira / instaladora de antena	superior	média	média 10 anos	10 anos
28H	67	gerente de restaurante/ gerente de imobiliária	superior incompleto	média	fluente 44 anos	44 anos

Informante	Idade	Profissão atual / profissão anterior	Escolaridade	Classe social	Proficiência / Tempo de contato com o inglês	Tempo de residência nos EUA
29M	17	estudante / estudante	ensino médio	média	média 3 anos	4 meses
30M	39	professora assistente / estudante	superior incompleto	média	fluente 23 anos	23 anos
31H	49	motorista / construção	ensino médio	média	fluente 26 anos	26 anos
32M	58	faxineira e pastora / bioquímica	superior	trabalhadora	fluente 28 anos	2 anos (16 anos nos EUA + 10 no Brasil, retornou há 2 anos p/ NY)
33H	64	jardineiro / contador- bancário	ensino médio	média	fluente 43 anos	43 anos
34H	52	motorista / jogador de futebol	ensino médio	média	média 22 anos	22 anos
35M	50	faxineira / estilista	superior incompleto	trabalhadora	mínima 2 anos	1 ano e 3 meses
36H	49	motorista / comerciante	ensino médio	trabalhadora	fluente + 7 anos	7 anos
37H	62	lapidário/ lapidário	ensino médio incompleto	média	média 30 anos	30 anos
38H	47	empresa de limpeza(faxina) / empresário	superior	trabalhadora	fluente + 15 anos	14 anos e meio
39H	43	comércio(gerente de padaria) / comerciante	superior incompleto	média	média 14 anos	14 anos
40H	50	motorista / trabalhador rural	ensino médio	trabalhadora	média 26 anos	26 anos
41H	46	motorista / militar	superior	média	fluente 27 anos	27 anos
42M	39	corretora de imóveis / professora	ensino médio	média	média 27 anos	10 anos
43M	57	depiladora / manicure	ensino fundamental	trabalhadora	mínima 12 anos	15 anos
44M	35	admin. financeira / estudante	superior	média	mínima 1 ano	1 ano e meio
45H	39	marceneiro autônomo / empresário	ensino médio	média	mínima 2 mês	2 anos
46M	50	babá / bancária	ensino médio	trabalhadora	mínima 2 anos	2 anos
47H	52	pastor / pastor	superior	média	mínima 2 anos	2 anos
48M	50	professora de música/ musicista	superior	trabalhadora	fluente 20 anos	20 anos
49H	60	pastor / pastor, advogado	pós-graduação	trabalhadora	mínima 20 anos	20 anos

* H = Homem // M = Mulher – Fonte: Dados da pesquisa.

Como professora dos ensinos fundamental e médio há mais de vinte anos, percebo que o brasileiro, de um modo geral, tem certa resistência a variedades linguísticas e uma atitude preconceituosa em relação a elas. Isso porque estamos em uma cultura linguística oficialmente monolíngue. Ensinamos e somos ensinados a valorizar e a manter a “língua padrão”. Aprendemos a respeitar a Gramática Normativa, que rege as regras da norma culta da linguagem e não vê com bons olhos as mudanças linguísticas, principalmente o uso de estrangeirismos, os quais considera como vícios de linguagem a serem evitados. Entretanto, ao chegarem à América do Norte, por causa da urgência em se adaptar econômica e culturalmente, alguns imigrantes rapidamente

esquecem a língua de origem, principalmente os que têm melhor conhecimento do inglês; outros, porém, por não dominarem o inglês e na tentativa de se ajustarem ao contexto social o mais rápido possível, influenciados pela nova língua (inglês), ao se comunicarem entre si, fazem escolhas linguísticas que favorecem a utilização de inovações.

Por causa da necessidade de comunicação para facilitar as atividades diárias, principalmente as profissionais, e as demais interações verbais com falantes nativos do inglês, isto é, a segunda geração (filhos de imigrantes nascidos nos EUA), e outros brasileiros, a comunidade brasileira se expressa através de inovações linguísticas em contextos específicos.

Muitas vezes, quando esses falantes são confrontados com situações comunicativas que estão muito além do seu nível de proficiência, acabam por recorrer a estratégias compensatórias e criam formas linguísticas (até mesmo incompreensíveis) na tentativa de comunicar sua mensagem.

Nesse processo para se estabelecer uma comunicação efetiva, podem transferir erroneamente regras da língua nativa (português) para a língua alvo (inglês); isso quando não há um aprendizado completo do uso de uma determinada regra da língua alvo, levando à utilização incorreta e sistemática de regras da língua nativa. Esses arranjos paralelos na estrutura linguística entre a língua nativa e a língua alvo ocasionam o surgimento de novas palavras criadas pelos falantes da comunidade brasileira nos EUA. Isso é, usam a língua portuguesa misturada a inovações linguísticas. Alguns exemplos são: *espicar* para dizer falar, do verbo *speak* em inglês que significa falar; *bisado* para ocupado, do substantivo *busy* em inglês que quer dizer ocupado, atarefado.

Consideramos que o contexto social descrito neste capítulo e que envolve os nossos informantes que se encontram na situação de imigrantes em contato com uma língua dominante (inglês) é relevante para esta pesquisa porque, de alguma forma, pode determinar, direta ou indiretamente, a criação e o uso das inovações linguísticas.

4. METODOLOGIA

Refletindo sobre a variação e a mudança linguística, tomamos como pressuposto metodológico a perspectiva da sociolinguística variacionista proposta e desenvolvida por Willian Labov (1966) que, como dissemos anteriormente no

fechamento do capítulo dois, procura estudar a língua, suas variedades e mudanças, no contexto social da comunidade de fala, estabelecendo uma correlação entre língua e sociedade e propondo uma análise linguística de regras variáveis condicionadas a fatores linguísticos e extralinguísticos.

Segundo Guy e Zilles (2007), a variação linguística implica alternância entre dois ou mais elementos linguísticos, daí não pode ser analisada só do ponto descritivo, em termos categóricos ou estritamente qualitativos. É necessária também a utilização de métodos quantitativos, pois eles melhoram a afirmação qualitativa e ajudam o pesquisador a interpretar e explicar os dados, considerando as medidas de significância, confiabilidade e replicabilidade; também permitem medir a probabilidade de uma regra se aplicar ou não; evidenciam o que favorece e o que desfavorece a ocorrência de um fenômeno; se o número de ocorrências é relevante ou não, além de demonstrarem a importância de questões como identidade, prestígio e estigma.

“O uso de métodos estatísticos, contudo, tem permitido demonstrar o quão central a variação pode ser para o entendimento de questões como identidade, solidariedade ao grupo local, comunidade de fala, prestígio e estigma, entre tantas outras.” (Guy e Zilles, 2007, p. 73)

4.1. Levantamento de dados

A presente pesquisa leva em conta a metodologia quantitativa para se levantar resultados estatísticos sobre os dados observados quanto ao número e o tipo de ocorrências das inovações linguísticas, bem como as características dos informantes. Ou seja, as inovações em questão serão consideradas tanto do ponto de vista de suas características estruturais quanto do ponto de vista das características sociais dos informantes. Depois, os dados levantados são correlacionados através de observações e interpretação de tabelas, a fim de melhor avaliar qualitativamente a ocorrência do fenômeno.

Os procedimentos para responder as questões que constituem os objetivos específicos desta pesquisa se deram por meio da observação e análise dos **dados**⁴ coletados através das entrevistas informais e questionários formais aplicados aos informantes, conforme descritos a seguir.

4. **Dados:** valores qualitativos ou quantitativos coletados para se estudar uma determinada variável.

4.2. Determinando a população, a amostra e as variáveis

Para proceder à coleta dos dados, definimos a nossa **população**⁵: imigrantes brasileiros, falantes nativos do português e residindo nos Estados Unidos da América, incluindo seus filhos nascidos lá. As pessoas escolhidas para serem os informantes desta pesquisa foram selecionadas independentemente do sexo, idade, profissão, classe social, proficiência, local de residência, escolaridade ou tempo de residência na América. A única condição era ser imigrante brasileiro (ou filho de imigrante brasileiro nascido nos EUA) morando na América do Norte e cuja língua mãe fosse o português.

Como nunca é possível trabalhar com uma população inteira, ou seja, com toda a comunidade de imigrantes brasileiros vivendo nos EUA, constituímos uma **Amostra**⁶. Segundo Guy e Zilles (2007), “a amostra refere-se ao grupo de indivíduos selecionados para representar, no estudo, a população ou o universo do qual fazem parte e que o pesquisador deseja estudar”.

“Há, pois, uma pressuposição de que o comportamento linguístico dos indivíduos cujo discurso examinamos reflete regularidades ligadas ao fato de que aderem às normas de seus respectivos grupos sociais; é nesse sentido que os resultados do estudo do comportamento de certo número de indivíduos (a amostra) são generalizados para os grupos sociais aos quais eles pertencem (e representam).” (Guy e Zilles, 2007, p.109)

A nossa amostra foi assim definida: em um primeiro momento, um grupo de quarenta e um informantes entrevistados em maio de 2015; no segundo momento, um grupo de oito informantes que preencheram um questionário formal em dezembro de 2015, perfazendo o total de quarenta e nove informantes que constituem a nossa amostra representativa da comunidade brasileira de imigrantes residentes em diferentes

5. População ou universo: conjunto de indivíduos que compartilham pelo menos uma característica em comum, em uma área delimitada no espaço e no tempo, sobre os quais desejamos obter informações.

6. Amostra: um subconjunto representativo, ou seja, um grupo de indivíduos retirados de uma população.

estados da América do Norte, conforme descrevemos no item 3.1 do capítulo anterior.

A fim de trabalhar com os dados coletados, definimos previamente as **variáveis⁷ sociais, independentes: gênero, faixa etária, escolaridade, proficiência na língua inglesa, tempo de residência nos EUA, classe social e atividade profissional**. De acordo com Guy e Zilles (2007), os sociolinguistas consideram que as características sociais, de algum modo, causam, influenciam ou determinam a ocorrência de um traço linguístico.

Consideramos que os fatores sociais citados acima (as variáveis sociais) são os mais relevantes e podem determinar, direta ou indiretamente, a criação e o uso das inovações linguísticas. Optamos por não levar em conta fatores como religião, preferências pessoais referentes à política, atividades sociais e de entretenimento, cultura e hábitos alimentares (alguns até fizeram parte das entrevistas e dos questionários) por julgarmos que não são significantes para a ocorrência do fenômeno estudado. A proficiência no inglês (fluente, média e mínima) e a classe social (média e trabalhadora) foram consideradas de acordo com o que os informantes declararam nas entrevistas e nos questionários e não foi utilizado nenhum método de medida específico para comprovar as informações dadas.

Além das variáveis sociais definidas acima, também consideramos os fatores estruturais na ocorrência do fenômeno e determinamos **as inovações linguísticas como as variáveis linguísticas (estruturais)** desta pesquisa. Elas foram obtidas nas conversas informais, nos depoimentos e nas entrevistas feitas com os nossos informantes, cujos questionários e transcrições fazem parte do anexo. As inovações ocorrem em quatro situações possíveis para classe de palavras:

- verbos; substantivos; adjetivos; construções sintáticas. Segue a lista com as inovações linguísticas obtidas.

7. Variável: uma variável é uma condição ou característica dos elementos de uma população e pode ser qualitativa – ou categorizada; quantitativa – ou numérica; dependente – pode acontecer ou não; independente – um fato, livre, não se condiciona a outros fatores; a variável é o traço, forma ou construção linguística cuja realização apresenta variantes observadas pelo investigador.

4.3. Lista das inovações linguísticas

- VERBOS:

1. Aplicar (apply for) – candidatar-se, inscrever-se
2. Baby-sitar/sitar (baby-sit) – trabalhar como babá
3. Bakear (bake) – assar, cozinhar no forno
4. Blowar (blow) - soprar folhas com um aparelho
5. Blowdraiar (blow dry) – secar o cabelo com um secador
6. Broilar/broilear (broil) – assar, grelhar
7. Brushar/brushear (brush) – usar uma escova, escovar
8. Buquear/bookear (book) – agendar, reservar
9. Burnar (burn) – queimar, gravar um CD
10. Butar/bootar (boot) – inicializar um computador
11. Chamar/callar (call) – telefonar, fazer uma ligação telefônica
12. Chargear (charge) – cobrar, responsabilizar
13. Deletar (delete) - apagar
14. Draiar (dry) - secar
15. Draivar (drive) - dirigir
16. Draiwallar (drywall) – fazer um drywall (placa de gesso, “parede seca”)
17. Dropar (drop) – deixar cair, gotejar, descer
18. Escanear (scan) – digitalizar
19. Escheduar/esquedular (Schedule) – programar, planejar, escalar
20. Espicar/spicar (speak) - falar
21. Espreiar (spray) – pulverizar, borrifar
22. Estampar (stamp) – carimbar, selar
23. Estartar (start) - iniciar
24. Estimar /esteamear/ (steam) – cozinhar no vapor de água
25. Forgetar/forgetear (forget) - esquecer
26. Frizar (freeze) - congelar
27. Haiar/raiar (hire) – contratar
28. Insular/insuleitear (insulate) - isolar
29. Laicar/laikar (like) – curtir (no Facebook)

30. Marquetear (market) – comprar ou vender, fazer “marketing”
31. Mopear/mopar (mop) – passar pano/esfregão no chão
32. Mulchear (mulch) – cobrir com folhas (jardinagem)
33. Ordenar (order) – pedir, encomendar
34. Parkear (park) - estacionar
35. Pickupear/picapear (pick up) – pegar, apanhar
36. Plugar (plug) – ligar/conectar na tomada
37. Pokear/poquear (poke) – cutucar, empurrar
38. Praimar (prime) – passar uma demão de tinta branca antes de pintar
39. Printar (print) - imprimir
40. Realizar (realize) - perceber
41. Rentar (rent) - alugar
42. Salvar (save) - guardar, reservar
43. Serapear (set up) – estabelecer, montar, configurar
44. Shawar (shower) – tomar banho de chuveiro
45. Sherar/sherear (share) - compartilhar
46. Shipar (ship) – enviar encomenda/embarcar mercadoria por navio (a bordo)
47. Shopar/shopear (shop) – comprar, ir às compras
48. Snowar (snow) - nevar
49. Textear (text) – enviar mensagem de texto (internet)
50. Touar (tow) – rebocar (o carro)
51. Transleitar (translate) - traduzir
52. Tripar/tripear (trip) – viajar
53. Vaquear (vacuum) – limpar com aspirador de pó

- SUBSTANTIVOS:

1. Aplicação (application) – inscrição, requerimento
2. Apontamento (appointment) – agendamento, consulta
3. Boila (boiler) - caldeira
4. Classe (class) – aula
5. Closeta (closet) - armário
6. Cona (corner) - esquina

7. Dona (donut) - rosquinha
8. Embagador (bagger/bag boy) – ensacador, embalador
9. Estima (steamer) - vaporizador
10. Incha (inch) – uma polegada
11. Moura veículos (Motor Vehicles) – Departamento que administra o registro de veículos e carteiras de motorista nos EUA.
12. Papel (paper) – documento de legalização
13. Permite (permit) – licença/autorização para dirigir
14. Rufo (roof) - telhado
15. Rumos (rooms) – quartos, cômodos
16. Taipista (typist) - digitador
17. Tíquete (ticket) – multa de trânsito
18. Tráfico (traffic) – tráfego, trânsito
19. Troque (truck) - caminhão
20. Um cora (a quarter) – ¼ de dólar, 25 centavos de dólar
21. Uóra (water) – água

- ADJETIVOS:

1. Bisado (busy) – ocupado, atarefado
2. Bookado/buqueado (booked) – reservado, agendado
3. Bugado (bug) - defeituoso
4. Escaneado (scanned) – digitalizado
5. Frizado (frozen) – congelado
6. Haiado/raiado (hired) – contratado
7. Printado (printed) – impresso
8. Rentado (rented) - alugado
9. Stuckado (stuck) – agarrado
10. Touado (towed) – rebocado

- CONSTRUÇÕES SINTÁTICAS:

1. Cashear/quechar o cheque (cash the check) – descontar/trocar o cheque
2. Checar o casaco (check the coat) – pendurar o casaco (em lugar público)

3. Estar suposto de (be supposed to) – estar previsto de, deveria estar...
4. Estou bem (I'm fine) – “não precisa”
5. Fazer a laundry/a cama/dinheiro (do the laundry/make the bed, make money) – lavar roupa, arrumar a cama, ganhar dinheiro
6. Fazer um apontamento (make an appointment) – agendar uma consulta
7. Me deixa saber (let me know) – me fala, me conta
8. Posso ter? (Can I have...?) – você me arruma... você pode me...
9. Responder à corte (answer to the Court) – comparecer ao tribunal
10. Tenha um bom tempo (have a good time) – divirta-se

Fonte: Dados da pesquisa.

4.4. Procedimento das entrevistas

A escolha da amostra, do local e dos informantes aconteceu em duas fases distintas e em decorrência de duas viagens que fiz aos Estados Unidos em 2015.

Na primeira fase, que corresponde à primeira viagem, em maio, passei vinte e dois dias na cidade de Nova Iorque. Fiquei hospedada em Forest Hills, na região do Queens, na casa de um casal de amigos que são pastores de uma igreja brasileira – Brazilian Missionary Church, o que muito contribuiu positivamente para o sucesso da minha tarefa em coletar dados, pois a maioria dos informantes era membro da citada igreja. Planejei entrevistar, no mínimo, trinta brasileiros imigrantes residentes nos Estados Unidos a fim de verificar o uso de inovações linguísticas na língua portuguesa e acabei por entrevistar quarenta e uma pessoas de diferentes idades, profissões e tempo de contato com a língua e residência nos Estados Unidos. Entrevistei todos os que se dispuseram a responder às perguntas do questionário e permitiram que a entrevista fosse gravada.

Como os brasileiros trabalham durante o dia todo e raramente estão disponíveis à noite, aproveitei os fins de semana para fazer as entrevistas, antes e/ou depois dos cultos de domingo pela manhã, bem como alguns dias da semana, à noite, quando havia reuniões e ensaios das bandas da igreja.

A maioria dos informantes estava disposta a participar e interessada em dar a entrevista ou em preencher o questionário porque achou o assunto sobre variações linguísticas no português pertinente e interessante. Procurei deixar o ambiente o mais

descontraído possível. Entretanto, isso não foi possível o tempo todo porque alguns deles se sentiram constrangidos em dar informações pessoais, principalmente aqueles que ainda estão em situação ilegal nos Estados Unidos.

As entrevistas foram feitas de modo informal e gravadas com o conhecimento dos informantes, quase todas nas dependências da igreja (apenas sete entrevistas foram realizadas na casa dos informantes).

Durante a entrevista, os informantes responderam à perguntas sobre: idade; formação e atividade profissional; formação acadêmica; cidade de origem; nível de escolaridade; classe social; tempo e local de residência nos EUA; motivo para estar residindo nos EUA; família, vizinhos, amigos e outros relacionamentos sociais; intenção de retornar ou não ao Brasil; proficiência nas duas línguas (português e inglês); idade, tempo e forma de aprendizagem das línguas; habilidade linguística em ambas as línguas (ler, escrever, falar e ouvir); preferência linguística; atividades sociais e de lazer; o uso das línguas no dia a dia; a importância (ou não) da manutenção da língua mãe nas gerações futuras e o uso de inovações linguísticas no português.

O questionário serviu apenas para orientar a entrevista sem ***ser visto, preenchido ou respondido formalmente pelos informantes.***

Na segunda fase, que corresponde à segunda viagem, em dezembro de 2015, passei vinte e dois dias visitando cidades da Flórida (Deerfield Beach e Orlando), Nova Jersey (Harrison) e Connecticut (Bridgeport), em contato com imigrantes brasileiros. Dessa vez, um questionário semelhante ao utilizado na primeira fase foi aplicado. Decidi fazer algumas alterações, suprimindo algumas perguntas e deixando somente aquelas que julguei mais pertinentes, como também acrescentando questões/testes para reconhecimento ou não de inovações linguísticas e a atitude dos informantes em relação a elas. Dessa vez não houve entrevistas gravadas. Oito informantes preencheram o segundo questionário.

4.5. Os dados obtidos nas entrevistas

Com base nas entrevistas feitas na primeira fase, ou seja, realizadas no meu primeiro contato com 41 imigrantes brasileiros nos EUA, foi feito um levantamento dos dados quanto ao **número de ocorrências** de inovações linguísticas.

Foram considerados os fatores: gênero, faixa etária, escolaridade, profissão, fluência na língua inglesa, tempo de residência nos EUA e classe social em três situações:

1. Ocorrência de inovação linguística (de qualquer tipo / pelo menos uma) **em fala espontânea** (*observada e anotada durante a entrevista enquanto o informante respondia e falava sobre si*);
2. Ocorrência de inovação linguística (de qualquer tipo / pelo menos uma) **por solicitação** (*quando foi solicitado ao informante para dar exemplos de inovações que conhecia*);
3. **Nenhuma ocorrência** de inovação linguística (*quando o informante não usou nem se lembrou de nenhuma inovação*).

Seguem abaixo as tabelas com os respectivos dados:

Tabela 02 – Total de ocorrência de inovações linguísticas em entrevistas com 41 informantes (imigrantes brasileiros residentes nos EUA)

	N	Percentual (%)
1. Ocorrência de inovação linguística em fala espontânea.	06 / 41	14,6
2. Ocorrência de inovação linguística por solicitação.	29 / 41	70,8
3. Nenhuma ocorrência de inovação linguística.	06 / 41	14,6
TOTAL	41 / 41	100

Fonte: Dados da pesquisa.

Tabela 03 – Gênero

	HOMEM		MULHER	
	N	%	N	%
1. Ocorrência de inovação linguística em fala espontânea.	03 / 20	15	03 / 21	14,3
2. Ocorrência de inovação linguística por solicitação.	14 / 20	70	15 / 21	71,4
3. Nenhuma ocorrência de inovação linguística.	03 / 20	15	03 / 21	14,3
TOTAL	20 / 20	100	21 / 21	100

Fonte: Dados da pesquisa.

Tabela 04 – Faixa etária

	JOVEM		ADULTO	
	N	%	N	%
1. Ocorrência de inovação linguística em fala espontânea.	01 / 08	12,5	05 / 33	15,15
2. Ocorrência de inovação linguística por solicitação.	06 / 08	75	23 / 33	69,70
3. Nenhuma ocorrência de inovação linguística.	01 / 08	12,5	05 / 33	15,15
TOTAL	08 / 41	100	33 / 41	100

Jovem = 17 - 26 anos; adulto = 36 - 82 anos. - Fonte: Dados da pesquisa.

Tabela 05 – Escolaridade

	Pós graduação/ Superior/ Superior incompleto		Ensino médio		Ensino médio incompleto/ Fundamental/ Fundamental incompleto	
	N	%	N	%	N	%
1. Ocorrência de inovação linguística em fala espontânea.	03 / 24	12,5	01 / 12	8,3	02 / 05	40
2. Ocorrência de inovação linguística por solicitação.	19 / 24	79,2	08 / 12	66,7	02 / 05	40
3. Nenhuma ocorrência de inovação linguística.	02 / 24	8,3	03 / 12	25	01 / 05	20
TOTAL	24 / 24	100	12 / 12	100	05 / 05	100

Fonte: Dados da pesquisa.

Tabela 06 – Proficiência

	FLUENTE		MÉDIA		MÍNIMA	
	N	%	N	%	N	%
1. Ocorrência de inovação linguística em fala espontânea.	03 / 20	15	02 / 15	13,3	01 / 06	16,7
2. Ocorrência de inovação linguística por solicitação.	16 / 20	80	09 / 15	60	04 / 06	66,6
3. Nenhuma ocorrência de inovação linguística.	01 / 20	5	04 / 15	26,7	01 / 06	16,7
TOTAL	20 / 20	100	15 / 15	100	06 / 06	100

Fonte: Dados da pesquisa.

Tabela 07 – Tempo de residência nos EUA

	0 – 10 anos		11 – 25 anos		26 - 45 anos	
	N	%	N	%	N	%
1. Ocorrência de inovação linguística em fala espontânea.	01/14	7,14	02/11	18,2	03/16	18,75
2. Ocorrência de inovação linguística por solicitação.	10/14	71,43	08/11	72,7	11/16	68,75
3. Nenhuma ocorrência de inovação linguística.	03/14	21,43	01/11	9,1	02/16	12,5
TOTAL	14 / 14	100	11 / 11	100	16 / 16	100

Fonte: Dados da pesquisa.

Tabela 08 – Classe social

	MÉDIA		TRABALHADORA	
	N	%	N	%
1. Ocorrência de inovação linguística em fala espontânea.	03 / 24	12,5	03 / 17	17,6
2. Ocorrência de inovação linguística por solicitação.	16 / 24	66,7	13 / 17	76,5
3. Nenhuma ocorrência de inovação linguística.	05 / 24	20,8	01 / 17	5,9
TOTAL	24 / 24	100	17 / 17	100

Fonte: Dados da pesquisa.

Tabela 09 – Atividade profissional

	1. Ocorrência de inovação linguística em fala espontânea.		2. Ocorrência de inovação linguística por solicitação.		3. Nenhuma ocorrência de inovação linguística.	
	N	%	N	%	N	%
Mão de obra braçal	02 / 06	15,4	09 / 29	69,2	02 / 06	15,4
Mão de obra especializada	02 / 06	9,5	16 / 29	76,2	03 / 06	14,3
Estudante	02 / 06	28,6	04 / 29	57,1	01 / 06	14,3

Fonte: Dados da pesquisa.

Obs.: “**mão de obra braçal**”: construção, empregado doméstico, faxineiro, eletricista, jardineiro, marceneiro; “**mão de obra especializada**”: babá, motorista, contador, gerente, educador, corretor de imóveis, pastor, cabeleireiro, depilador, lapidário, decorador.

Distribuímos as atividades profissionais dos nossos informantes com base nos termos *blue collar* e *white collar* utilizados em países como Austrália, Canadá, Reino Unido e Estados Unidos; eles distinguem duas classes de trabalhadores: os *blue collar* (colarinho azul) normalmente realizam trabalhos manuais (mão de obra braçal) e recebem por hora trabalhada ou pela quantidade de trabalho produzido, trabalham em setores de fabricação, construção, limpeza, manutenção, instalações técnicas etc.; os *white collar* (colarinho branco) geralmente são trabalhadores assalariados e desempenham tarefas administrativas, de gerenciamento, em escritório ou repartições administrativas (mão de obra especializada) e não executam tarefas que exigem esforço físico ou manual. As cores azul e branco referem-se, respectivamente, aos macacões e camisas azuis usados pelos operários que realizavam trabalhos manuais (para esconder a sujeira) em contraste com as camisas brancas usadas pelos trabalhadores de escritório durante grande parte dos séculos XIX e XX em países ocidentais. (www.wikipedia.org.)

4.6. Os dados do segundo questionário aplicado aos informantes

Os oito últimos informantes constantes da tabela 01 descrita no item 3.1 (sujeitos da pesquisa), 42M a 49H, responderam formalmente ao segundo questionário aplicado na segunda fase, ou seja, na minha segunda viagem aos EUA.

As informações sobre idade, sexo, atividade profissional, nível de escolaridade, classe social, proficiência, tempo de contato com a língua inglesa e tempo de residência nos EUA já estão inclusas na tabela mencionada acima. O que é relevante e diferente nesse segundo questionário em relação ao primeiro diz respeito às questões/testes de 24 a 27 para reconhecimento ou não de inovações linguísticas e a atitude do informante em relação a elas.

No item 24 do segundo questionário, o informante deveria circular a(s) palavra(s) que ele considerava incorreta(s) num pequeno texto. As palavras (ou expressões) que esperávamos que fossem reconhecidas como fora do padrão do português estão sublinhadas e destacadas.

24. Leia o texto abaixo e circule a(s) palavra(s) que você considera incorreta(s):

Minha amiga Patrícia trabalha com marketing e agora no final do ano ela está muito bisada porque trabalha com remessa de mercadorias e tem que shipar várias encomendas. O problema é que todo mundo deixa para ordenar os pedidos na última hora. Em casa ela não tem tido tempo nem para fazer as camas, fazer a laundry e muito menos para chamar os parentes no Brasil. Às vezes, quando fica stuckada no trânsito, ela aproveita para textear ou espicar com eles. Amanhã ela está suposta de faltar ao trabalho porque tem um apontamento com seu oftalmologista. Espero que no weekend ela tenha um bom tempo.

Foi feito um levantamento sobre o número de palavras que foram reconhecidas pelos informantes como “incorretas” (nesse texto do item 24), conforme demonstrado na tabela 10.

Tabela 10 - Palavras consideradas “incorretas” pelos informantes

Palavra/expressão considerada “incorreta”	Número de informantes	Número de vezes que a palavra foi selecionada	Percentual %
Shipar	08	08	100
Stuckada	08	08	100
Espicar	08	08	100
Bisada	08	07	87,5
Textear	08	07	87,5
Ordenar	08	05	62,5
fazer as camas	08	05	62,5
fazer a laundry	08	05	62,5
está suposta de	08	04	50
Apontamento	08	04	50
Weekend	08	04	50
Chamar	08	03	37,5
tenha um bom tempo	08	02	25

Fonte: Dados da pesquisa.

No item 25 o informante deveria ler um grupo de três palavras correlacionadas entre si quanto ao uso e selecionar aquela que ele mais usa (ou usaria) nas conversações do dia a dia.

25. Leia o grupo de palavras abaixo e, dentre as três em cada linha, marque um “X” diante daquela que você MAIS USA (ou USARIA) nas suas conversações do dia a dia:

- a. parkear _____ / park _____ / estacionar _____
- b. printar _____ / print _____ / imprimir _____
- c. shopar _____ / shop _____ / comprar _____
- d. ordenar _____ / order _____ / pedir _____
- e. chamar _____ / call _____ / telefonar _____
- f. deletar _____ / delete _____ / apagar _____
- g. forgetar _____ / forget _____ / esquecer _____
- h. rentar _____ / rent _____ / alugar _____
- i. aplicar _____ / apply _____ / candidatar _____
- j. estartar _____ / start _____ / começar _____
- k. mopear _____ / mop _____ / passar o esfregão _____
- l. vaquear _____ / vaccum _____ / aspirar o pó _____
- m. salvar _____ / save _____ / guardar _____
- n. aplicação _____ / application _____ / requerimento _____
- o. apontamento _____ / appointment _____ / consulta _____
- p. tíquete _____ / ticket _____ / multa de trânsito _____
- q. bugado _____ / bug _____ / defeituoso _____
- r. frizado _____ / freezing _____ / gelado _____
- s. bisado _____ / busy _____ / ocupado _____
- t. stuckado _____ / stuck _____ / agarrado _____

A tabela 11 mostra a porcentagem do uso das palavras que os informantes, segundo eles próprios, mais usam (ou usariam) nas conversações do dia a dia; a primeira seria uma inovação linguística, a segunda a correspondente em inglês e a terceira a correspondente em português. Alguns informantes deixaram de marcar algumas opções (as três palavras de uma mesma letra ficaram sem marcação) e um informante marcou mais de uma opção na mesma letra em alguns grupos de palavras e, nesses casos, suas respostas não foram consideradas, daí o número de informantes ser diferenciado.

Tabela 11 – Palavras que os informantes mais usam (ou usariam) nas suas conversações do dia a dia (escolhidas entre inovação x inglês x português)

número de informantes	inovação linguística		inglês		Português	
	Percentual (%)		Percentual (%)		Percentual (%)	
07	3 parkear	42,86	1 park	14,28	3 estacionar	42,86
06	1 printar	16,7	2 print	33,3	3 imprimir	50
06	0 shopar	0	2 shop	33,3	4 comprar	66,7
08	1 ordenar	12,5	3 order	37,5	4 pedir	50
08	2 chamar	25	2 call	25	4 telefonar	50
08	4 deletar	50	2 delete	25	2 apagar	25
06	0 forgetar	0	2 forget	33,3	4 esquecer	66,7
06	0 rentar	0	2 rent	33,3	4 alugar	66,7
07	2 aplicar	28,6	3 apply	42,8	2 candidatar	28,6
06	0 estartar	0	2 start	33,3	4 começar	66,7
06	2 mopear	33,33	2 mop	33,3	2 passar o esfregão	33,33
06	1 vaquear	16,7	2 vaccum	33,3	3 aspirar o pó	50
07	2 salvar	28,6	4 save	57,1	1 guardar	14,3
07	3 aplicação	42,8	2 application	28,6	2 requerimento	28,6
07	1 apontamento	14,2	3 appointment	42,9	3 consulta	42,9
07	1 tíquete	14,3	4 ticket	57,1	2 multa de trânsito	28,6
05	0 bugado	0	2 bug	40	3 defeituoso	60
07	2 frizado	28,6	2 freezing	28,6	3 gelado	42,8
07	1 bisado	14,2	3 busy	42,9	3 ocupado	42,9
06	0 stuckado	0	2 stuck	33,3	4 agarrado	66,7

Fonte: Dados da pesquisa.

No item 26 os informantes deveriam reler as palavras do item 25 e circular aquelas que eles nunca usam (ou nunca usariam). Isto é, cada informante tinha diante de si 60 palavras/expressões para escolher aquelas que ele jamais usa ou jamais usaria. Um informante não circulou nenhuma palavra e não foi incluído na contagem, embora tenha justificado no item 27 o motivo de nunca as usar levando-nos a crer que havia palavras que ele nunca usa ou nunca usaria; talvez tenha se esquecido de fazer a devida marcação. Outro informante circulou várias palavras que nunca usa (ou nunca

usaria), mas não justificou sua escolha no item 27. Na tabela 12 está a relação das palavras escolhidas com o respectivo número de vezes em que foram selecionadas.

Tabela 12 – Palavras que os informantes nunca usam (ou nunca usariam) e o número de vezes em que foram selecionadas

Número de informantes: 07					
Inovação linguística quantidade		Inglês quantidade		Português Quantidade	
parquear	1	Park	0	estacionar	0
printar	2	Print	0	imprimir	0
shopar	6	Shop	0	comprar	0
ordenar	1	Order	0	pedir	0
chamar	1	Call	0	telefonar	0
deletar	1	Delete	0	apagar	0
forgetar	6	Forget	1	esquecer	0
Rentar	3	Rent	0	alugar	0
aplicar	1	Apply	1	candidatar	0
estartar	5	Start	0	começar	0
moppear	4	Mop	0	passar o esfregão	0
vaquear	6	vaccum	0	aspirar o pó	0
Salvar	1	Save	0	guardar	0
aplicação	1	Application	0	requerimento	0
apontamento	1	Appointment	0	consulta	0
tíquete	2	Ticket	0	multa de trânsito	0
bugado	6	Bug	0	defeituoso	1
frizado	2	Freezing	0	gelado	0
Bisado	1	Busy	0	ocupado	0
stuckado	5	Stuck	0	agarrado	0

Fonte: Dados da pesquisa.

A tabela 13 mostra um resumo da tabela 12 em termos de porcentagem das palavras que, segundo os informantes, eles **nunca usam ou nunca usariam** considerando as três formas - inovação, inglês e português.

Tabela 13 – Porcentagem das palavras que os informantes nunca usam (ou nunca usariam) contemplando as três formas: inovação, inglês e português

Número de informantes:	07	
Quantidade de palavras selecionadas:	59*	
	Quantidade	Percentual
Total de inovações selecionadas:	56	94,9 %
Total de palavras em inglês selecionadas:	02	3,4 %
Total de palavras em português selecionadas:	01	1,7 %

* Total de palavras selecionadas pelos 7 informantes num universo de 420 palavras (considerando 60 palavras/expressões para cada informante).

Fonte: Dados da pesquisa.

No item 27 os informantes deveriam justificar porque nunca usam (ou nunca usariam) as palavras que selecionaram no item 26. Seguem as transcrições das justificativas.

42M – “...não faz parte do meu dia a dia, nunca uso.”

43M – “Porque são palavras que não são importantes. Estas palavras não são comuns.”

44M – “Porque além de saber que está errado porque é uma junção de português com inglês, eu acho o som esquisito... soa muito mal e detesto a sensação de estar falando errado.”

45H – “Porque não...uma forma correta de pronuncia.”

46M – “Porque essas palavras são inventadas e não soam bem aos ouvidos.”

47H – “Procuro manter o uso correto da língua portuguesa. Não me sinto bem usando termos adaptados ou errados. Não sou dado a neologismos.” (Justificou, mas não selecionou nenhuma palavra, isto é, não fez o item 26)

48M – “Não soa bem. Completamente estranho.”

49H – (Selecionou várias palavras, mas não justificou, isto é, deixou o item 27 em branco)

Os dados apresentados neste capítulo foram coletados a partir de entrevistas e questionários aplicados aos informantes. Observando, interpretando e analisando estatisticamente esses dados poderemos avaliar melhor a ocorrência das inovações linguísticas. No próximo capítulo procederemos a uma análise mais

consistente desses dados utilizando o teste de correlação entre variáveis *Qui-quadrado* (Chi-Square) para testar hipóteses e avaliar as circunstâncias em que o fenômeno ocorre, considerando os fatores linguísticos e extralinguísticos que favorecem ou desfavorecem sua ocorrência.

5. ANÁLISE DOS DADOS

5.1. Introdução

Os dados coletados e caracterizados no capítulo 4 dessa dissertação foram submetidos a dois tipos de análise, uma quantitativa e outra qualitativa. Como na maioria das pesquisas empíricas, formulamos hipóteses que foram testadas; algumas foram validadas, outras rejeitadas.

Considerando os fatos quantitativos encontrados no estudo, decidimos usar um procedimento estatístico a fim de interpretar os dados e testar as hipóteses formuladas no início. Para tanto, em um primeiro momento, utilizamos os dados quantitativos obtidos nas entrevistas e as variáveis independentes (extralinguísticas) e dependentes (estruturais), conforme definidas no capítulo 4, item 4.2, para verificarmos a ocorrência de inovação linguística em três situações: em fala espontânea, por solicitação e nenhuma ocorrência.

A partir das observações feitas, usamos o teste de significância *Qui-quadrado* (Chi-Square), com nível de significância 0,05%, com o objetivo de testar as variáveis em relação às condições socioeconômicas dos informantes e, a partir disso, fazer inferências e verificar a nulidade ou a validade das hipóteses consideradas para cada situação de ocorrência de inovação mencionada acima.

5.2. Testando as variáveis

Todos os entrevistados confirmaram o uso de inovações linguísticas por parte dos brasileiros imigrantes residentes nos EUA e grande parte admitiu usar essas expressões para facilitar a comunicação. A nossa intenção, no primeiro momento, foi verificar se o uso de inovação estava relacionado à situação de sua ocorrência. Observando a tabela 02 que mostra os dados obtidos nas entrevistas em relação à

ocorrência de inovações linguísticas em fala espontânea, por solicitação ou nenhuma ocorrência consideramos duas hipóteses:

H_0 = a ocorrência de inovação independe da situação;

H_1 = a ocorrência de inovação depende da situação.

No gráfico 1, encontramos os dados obtidos e, na tabela 14, encontramos o resultado do teste *Qui-quadrado*, sendo: O F E = ocorrência em fala espontânea, O S = ocorrência por solicitação, N O = nenhuma ocorrência; nível de significância = 0,05% e graus de liberdade = 2.

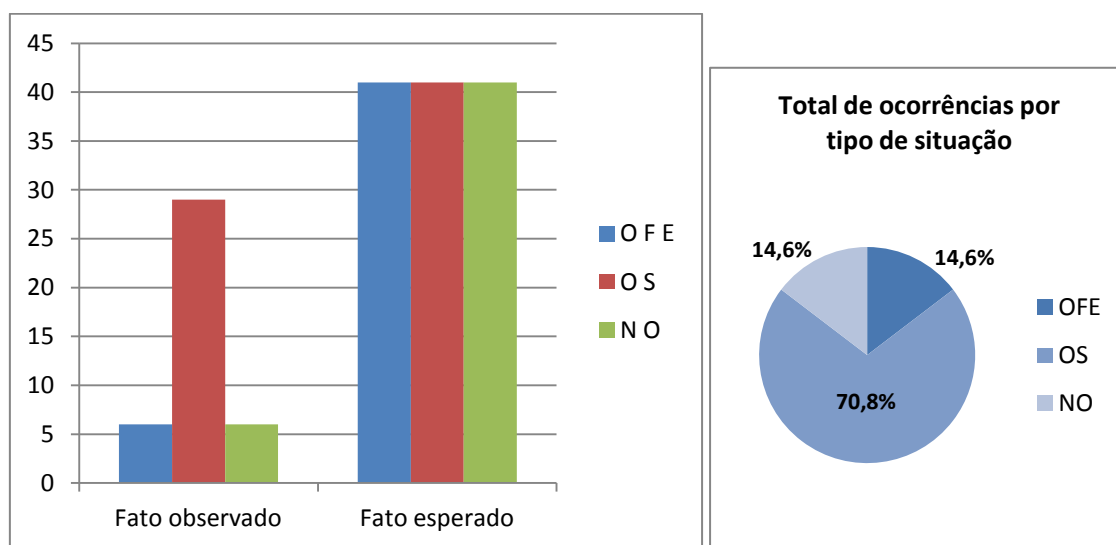


Gráfico 1 – Total de ocorrência de inovações em três situações: fala espontânea, por solicitação, nenhuma ocorrência. - Fonte: Dados da pesquisa.

Tabela 14 - Total de ocorrências por tipo de situação

	O F E	O S	N O	Row Totals
Fato observado	6 (11.75) [2.81]	29 (17.50) [7.56]	6 (11.75) [2.81]	41
Fato esperado	41 (35.25) [0.94]	41 (52.50) [2.52]	41 (35.25) [0.94]	123
Column Totals	47	70	47	164 (Grand Total)

The chi-square statistic is 17.5797. The p -value is .000152. The result is significant at $p < .05$.

Fonte: Dados da pesquisa.

O gráfico 1 mostra que o maior número de ocorrências de inovação linguística ocorreu por solicitação (70,8%), enquanto fala espontânea e ausência de inovação tiveram o mesmo percentual (14,6%).

O resultado de *Qui-quadrado*: $X^2 = 17,57 > 5,991 / df = 2 / \alpha = 0,05\%$ nos permite rejeitar a hipótese nula (H_0) e dizer que a ocorrência de inovação linguística depende da situação em que foi coletada. Uma explicação que se pode oferecer aqui é a de que, provavelmente, os informantes estavam mais atentos a sua fala e, como sabiam que a entrevista estava sendo gravada, evitaram conscientemente o uso de inovações. Se

isso é verdade, então podemos entender o alto grau de rejeição (94,9%) apresentado pelos informantes na tabela 13, página 75, com relação ao uso dessas inovações. Se a conversa tivesse sido desenvolvida em uma situação diferente, sem gravação, sem a expectativa da entrevista, poderíamos ter um resultado diferente, pois as inovações linguísticas ocorrem com mais frequência na fala descuidada.

Quanto ao gênero, consideramos as seguintes hipóteses:

H_0 = o uso de inovações independe do sexo;

H_1 = mulheres fazem mais uso de inovações do que homens.

No gráfico 2, encontramos os dados obtidos e, na tabela 15, encontramos o resultado do teste *Qui-quadrado*:

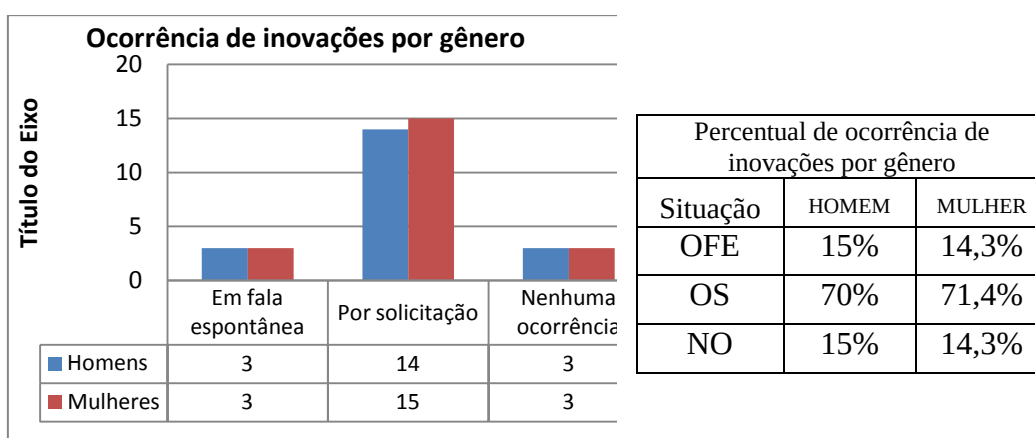


Gráfico 2 – Ocorrência de inovações por gênero em três situações: fala espontânea, por solicitação, nenhuma ocorrência. - Fonte: Dados da pesquisa.

Tabela 15 - Gênero

	O F E	O S	N O	Row Totals
Homens	3 (2.93) [0.00]	14 (14.15) [0.00]	3 (2.93) [0.00]	20
Mulheres	3 (3.07) [0.00]	15 (14.85) [0.00]	3 (3.07) [0.00]	21
Column Totals	6	29	6	41 (Grand Total)

The chi-square statistic is 0.0101. The p -value is .994963. The result is *not* significant at $p < .05$.
 Fonte: Dados da pesquisa.

Os dados mostram que o fator gênero não foi significativo estatisticamente e não alterou o resultado: 70% dos homens e 71,4% das mulheres usaram inovações por solicitação, enquanto 15% dos homens e 14,3% das mulheres apresentaram inovações em fala espontânea ou nenhuma inovação. O resultado do teste: $X^2 = 0,0101 < 5,991 / df = 2 / \alpha = 0,05\%$ nos leva a inferir que o uso de inovações não depende do sexo e, portanto, a hipótese nula não pode ser rejeitada.

Para o fator idade, consideramos as seguintes hipóteses:

H_0 = o uso de inovações independe da idade;

H_1 = os adultos são os que fazem mais uso das inovações.

Os dados do gráfico 3 e o χ^2 da tabela 16 revelam que a faixa etária também não é um fator significativo nesta situação e apresentou resultado semelhante: 75% dos jovens e 69,70% dos adultos para inovação por solicitação, 12,5% dos jovens e 15,15% dos adultos para fala espontânea ou nenhuma inovação:

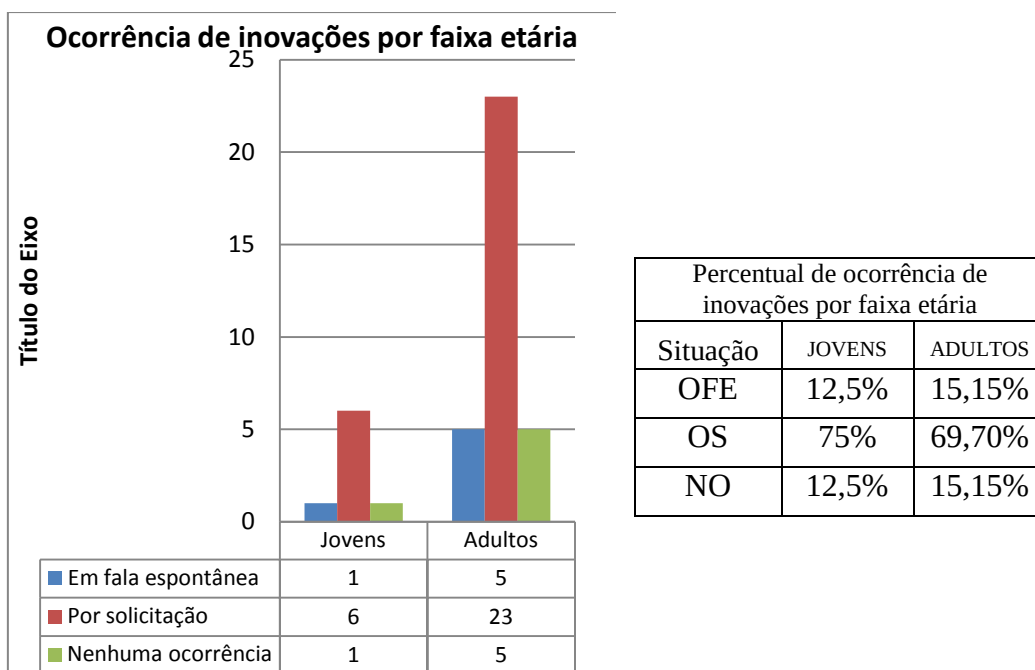


Gráfico 3 – Ocorrência de inovações por faixa etária em três situações: fala espontânea, por solicitação, nenhuma ocorrência. - Fonte: Dados da pesquisa.

Tabela 16 - Faixa etária

	OFE	OS	NO	Row Totals
JOVEM	1 (1.17) [0.02]	6 (5.66) [0.02]	1 (1.17) [0.02]	8
ADULTO	5 (4.83) [0.01]	23 (23.34) [0.00]	5 (4.83) [0.01]	33
Column Totals	6	29	6	41 (Grand Total)

The chi-square statistic is 0.0875. The p -value is .957208. The result is *not* significant at $p < .05$.

Fonte: Dados da pesquisa.

O resultado do *Qui-quadrado*: $\chi^2 = 0,0875 < 5,991 / df = 2 / \alpha = 0,05\%$ não nos permite rejeitar a hipótese nula (H_0) e nos faz inferir que qualquer imigrante brasileiro pode fazer uso de inovações independente da sua idade.

Quanto à escolaridade, temos as seguintes hipóteses para serem testadas:

H_0 = o uso de inovações independe do nível de escolaridade;

H_1 = o uso de inovações depende do nível de escolaridade.

No gráfico 4, encontramos os dados obtidos e, na tabela 17, encontramos o resultado do teste *Qui-quadrado* para os três níveis de escolaridade (Pós-

graduação/superior/superior incompleto, Ensino médio e Ensino médio incompleto/Fundamental/Fundamental incompleto):

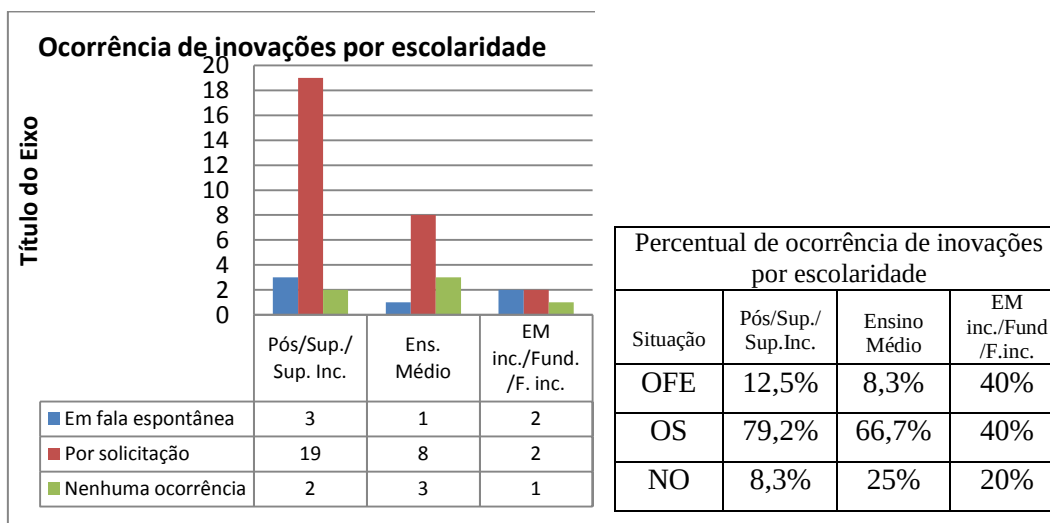


Gráfico 4 - Ocorrência de inovações por escolaridade em três situações: fala espontânea, por solicitação, nenhuma ocorrência. - Fonte: Dados da pesquisa.

Tabela 17 - Escolaridade

	O F E	O S	N O	Row Totals
Pós/Sup/Supi	3 (3.51) [0.07]	19 (16.98) [0.24]	2 (3.51) [0.65]	24
Ens. Médio	1 (1.76) [0.33]	8 (8.49) [0.03]	3 (1.76) [0.88]	12
EMi/Fund./Fi	2 (0.73) [2.20]	2 (3.54) [0.67]	1 (0.73) [0.10]	5
Column Totals	6	29	6	41 (Grand Total)

The chi-square statistic is 5.1662. The *p*-value is .270662. The result is *not* significant at $p < .05$.

Fonte: Dados da pesquisa.

Novamente, a ocorrência maior de inovação é por solicitação, puxado pelos informantes de maior escolaridade (79,2%) e seguida pelos do ensino médio (66,7%) e depois os de menor nível de escolaridade (40%). Em fala espontânea, quem mais usou inovações linguísticas tem menor nível de escolaridade (40%) e provavelmente as usa inconscientemente, como parte natural do vocabulário, enquanto 8,3 % foram para os do ensino médio e 12,5% para os de maior escolaridade. O maior índice de ausência de inovação ficou com os informantes de ensino médio (25%), seguido pelos de menor nível de escolaridade (20%) e depois pelos de maior nível (8,3%). Com base no resultado do *Qui-quadrado*: $X^2 = 5,1662 < 9,488 / df = 4 / \alpha = 0,05\%$ não podemos rejeitar a hipótese nula (H_0) e inferimos que o uso de inovações independe do nível de escolaridade de cada falante. Portanto, o nível de escolaridade não é significativo para a ocorrência do fenômeno estudado. Tanto um falante que tem pós-graduação quanto um falante que tem ensino fundamental incompleto podem fazer uso de inovações linguísticas. Entretanto, é interessante ressaltar que há uma estigmatização por parte dos imigrantes brasileiros em relação ao uso dessas inovações,

principalmente daqueles que têm maior escolaridade, pois estão mais conscientes e/ou têm mais conhecimento da sua ocorrência; são capazes de reconhecê-las e até nomeá-las, mas as estigmatizam e reprovam o seu uso.

Considerando a proficiência na língua inglesa, temos as seguintes hipóteses:

H_0 = o uso de inovações independe da proficiência;

H_1 = o uso de inovações está relacionado à proficiência linguística.

Os dados mostram o seguinte:

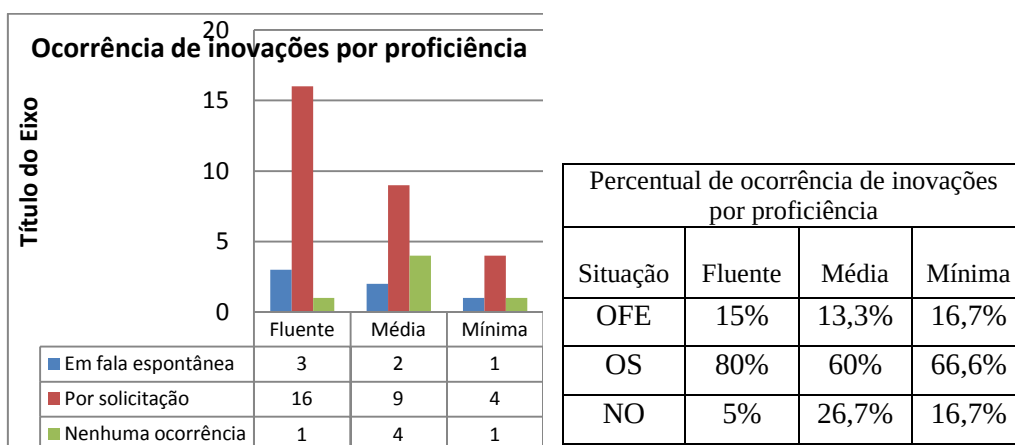


Gráfico 5 - Ocorrência de inovações por proficiência em três situações: fala espontânea, por solicitação, nenhuma ocorrência. - Fonte: Dados da pesquisa.

Tabela 18 - Proficiência

	O F E	O S	N O	Row Totals
Fluente	3 (2.93) [0.00]	16 (14.15) [0.24]	1 (2.93) [1.27]	20
Média	2 (2.20) [0.02]	9 (10.61) [0.24]	4 (2.20) [1.48]	15
Mínima	1 (0.88) [0.02]	4 (4.24) [0.01]	1 (0.88) [0.02]	6
Column Totals	6	29	6	41 (Grand Total)

The chi-square statistic is 3.3067. The p -value is .507871. The result is *not* significant at $p < .05$.

Fonte: Dados da pesquisa.

De acordo com o gráfico 5, assim como nos casos anteriores, a ocorrência de inovação por solicitação é muito maior e principalmente para os informantes que são fluentes (80%), sugerindo, outra vez, que eles têm bom conhecimento e consciência quanto ao uso de inovações. Na fala espontânea, há um equilíbrio no número de ocorrências puxado levemente pelos menos fluentes (16,7%), seguidos pelos mais fluentes (15%) e depois de fluência média (13,3%). Considerando o resultado do teste *Qui-quadrado* mostrado na tabela 18: $X^2 = 3,3067 < 9,488 / df = 4 / \alpha = 0,05\%$ não podemos rejeitar a hipótese nula (H_0) e inferimos que o uso de inovações independe da proficiência do falante na língua inglesa. A proficiência no inglês não é,

portanto, um fator significativo para a ocorrência do fenômeno aqui estudado. Isso nos permite dizer que qualquer imigrante brasileiro está propenso a usar inovações, seja ele conhecedor ou não do inglês. Contudo, entendemos que esse resultado poderia ser diferente se o nível de proficiência na língua inglesa tivesse sido comprovado por testes específicos que verificassem as habilidades e a competência linguística de cada informante. Como isso não foi possível, consideramos a fluência declarada pelo próprio informante.

Quanto ao tempo de residência nos EUA, testamos essas hipóteses:

H_0 – o uso de inovações independe do tempo de residência nos EUA;

H_1 - o uso de inovações está relacionado ao tempo de residência nos EUA.

No gráfico 6, encontramos os dados obtidos e, na tabela 19, encontramos o resultado do teste *Qui-quadrado*.

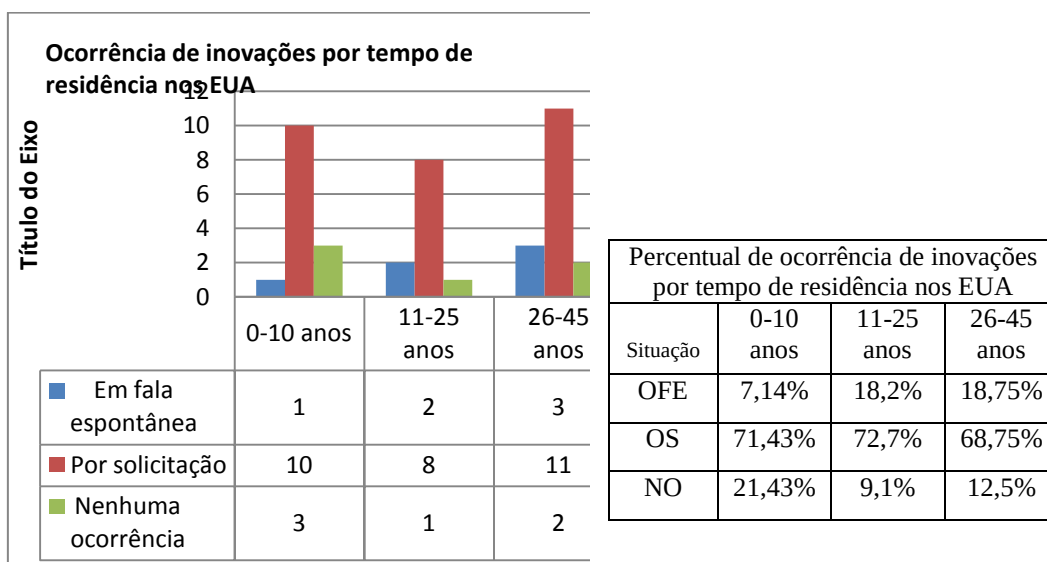


Gráfico 6 - Ocorrência de inovações por tempo de residência nos EUA em três situações: fala espontânea, por solicitação, nenhuma ocorrência. - Fonte: Dados da pesquisa.

Tabela 19 - Tempo de residência nos EUA

	O F E	O S	N O	Row Totals
0 - 10 anos	1 (2.05) [0.54]	10 (9.90) [0.00]	3 (2.05) [0.44]	14
11 - 25 anos	2 (1.61) [0.09]	8 (7.78) [0.01]	1 (1.61) [0.23]	11
26 - 45 anos	3 (2.34) [0.19]	11 (11.32) [0.01]	2 (2.34) [0.05]	16
Column Totals	6	29	6	41 (Grand Total)

The chi-square statistic is 1.5551. The p -value is .816832. The result is *not* significant at $p < .05$.

Fonte: Dados da pesquisa.

Mais uma vez, a ocorrência de inovação por solicitação é a maior. Contudo, de acordo com o gráfico 6, quanto à fala espontânea, quem mora há mais tempo na América (26 – 45 anos) é que faz mais uso de inovações (18,75%), enquanto para quem mora há menos tempo (0 – 10 anos) a ocorrência é menor – menos da

metade (7,14%). Considerando o resultado do teste *Qui-quadrado*: $X^2 = 1,5551 < 9,488 / df = 4 / \alpha = 0,05\%$ somos levados a rejeitar a hipótese nula (H_0) e podemos inferir que o uso de inovações não está relacionado ao tempo de residência nos EUA. O tempo que o imigrante está no país, em contato com o inglês, não é um fator significativo para o uso de inovações. Esse resultado sugere que ambos, o imigrante brasileiro recém-chegado à América e o que está lá há muitos anos, podem criar e/ou usar inovações linguísticas.

A classe social considerada nesta pesquisa foi aquela declarada pelo informante. Sabemos que, quando diz pertencer à classe média ou trabalhadora, ele tem em mente as condições sociais vivenciadas no Brasil e, de fato, essas classes não correspondem à mesma classificação das classes sociais americanas.

Para a classe social, temos as seguintes hipóteses:

H_0 – o uso de inovações independe da classe social;

H_1 – o uso de inovações está relacionado à classe social do falante.

O gráfico 7 mostra os dados obtidos, e a tabela 20 mostra o resultado do teste *Qui-quadrado*.

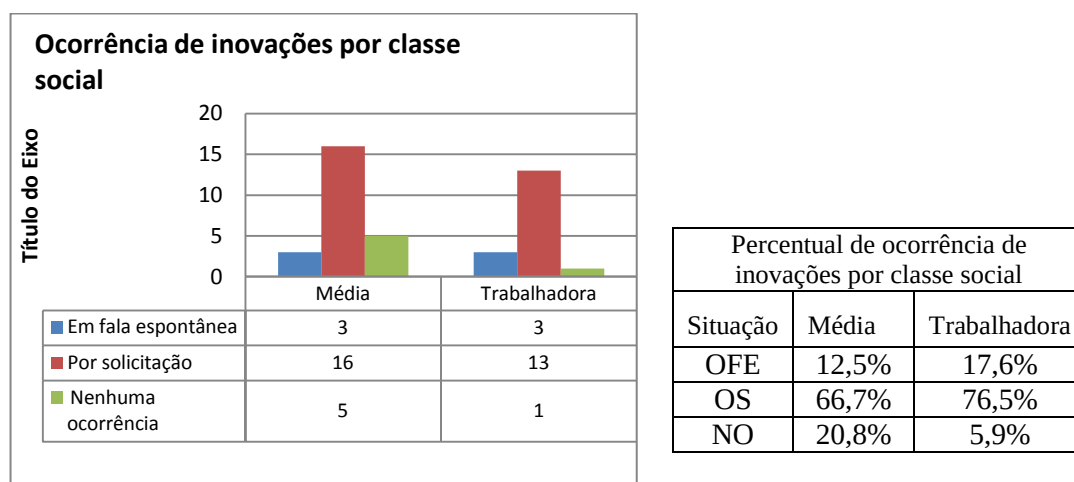


Gráfico 7 - Ocorrência de inovações por classe social em três situações: fala espontânea, por solicitação, nenhuma ocorrência. - Fonte: Dados da pesquisa.

Tabela 20 - Classe social

	O F E	O S	N O	Row Totals
Média	3 (3.51) [0.07]	16 (16.98) [0.06]	5 (3.51) [0.63]	24
Trabalhadora	3 (2.49) [0.11]	13 (12.02) [0.08]	1 (2.49) [0.89]	17
Column Totals	6	29	6	41 (Grand Total)

The chi-square statistic is 1.8354. The p -value is .399439. The result is *not* significant at $p < .05$.

Fonte: Dados da pesquisa.

De acordo com os dados do gráfico 7, o número maior de ocorrência continua sendo por solicitação. Todavia, a tabela 08 também mostra que a ocorrência de

inovação é maior para a classe trabalhadora, tanto na situação de fala espontânea (17,6 %, enquanto a classe média equivale a 12,5 %) quanto por solicitação (76,5 %, enquanto a classe média é 66,7 %); a ausência de inovação é maior para a classe média (20,8 %, enquanto a classe trabalhadora equivale a 5,9 %). O resultado do teste *Qui-quadrado*: $X^2 = 1,8354 < 5,991 / df = 2 / \alpha = 0,05\%$ nos leva a rejeitar a hipótese nula (H_0) e inferir que a classe social não é significativa nessa situação e que o uso de inovação independe da classe à qual pertence o imigrante brasileiro nos EUA.

Finalmente, temos as seguintes hipóteses para a variável atividade profissional:

H_0 – o uso de inovações independe da atividade profissional;

H_1 – o uso de inovações está relacionado à atividade profissional exercida pelo falante.

O gráfico 8 mostra os dados obtidos, e a tabela 21 mostra o resultado do teste *Qui-quadrado*.

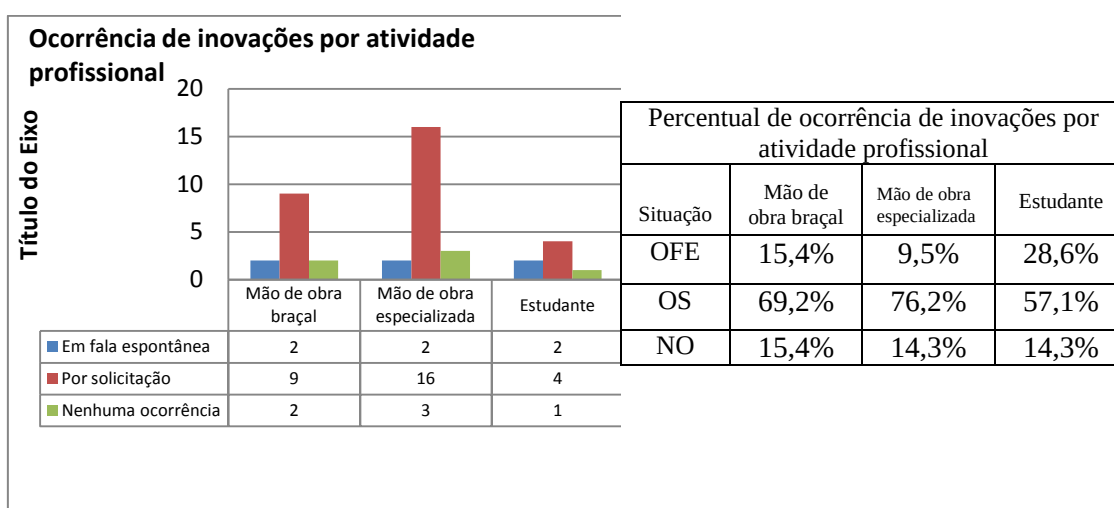


Gráfico 8 - Ocorrência de inovações por atividade profissional em três situações: fala espontânea, por solicitação, nenhuma ocorrência. - Fonte: Dados da pesquisa.

Tabela 21 - Atividade profissional

	O F E	O S	N O	Row Totals
M O Braçal	2 (1.90) [0.01]	9 (9.20) [0.00]	2 (1.90) [0.01]	13
M O Espec.	2 (3.07) [0.37]	16 (14.85) [0.09]	3 (3.07) [0.00]	21
Estudante	2 (1.02) [0.93]	4 (4.95) [0.18]	1 (1.02) [0.00]	7
Column Totals	6	29	6	41 (Grand Total)

The chi-square statistic is 1.5916. The p -value is .810302. The result is *not* significant at $p < .05$.

Fonte: Dados da pesquisa.

De acordo com o gráfico 8, o maior número de ocorrência de inovação em relação à atividade profissional também se deu por solicitação, puxado pela mão de obra especializada (76,2 %), seguida pela mão de obra braçal (69,2 %) e, depois, pelos

estudantes (57,1 %). Observamos que a ocorrência de inovação em fala espontânea foi maior para os estudantes (28,6 %), seguida pelos informantes da mão de obra braçal (15,4 %) e depois da mão de obra especializada (9,5 %). Tal resultado pode ser porque os jovens se sentiram mais à vontade na hora da entrevista e a fala despreocupada permite a ocorrência de inovação com mais facilidade. O resultado do teste *Qui-quadrado*: $X^2 = 1,5916 < 9,488 / df = 4 / \alpha = 0,05\%$ revela que a profissão não é um fator significativo e, portanto, a hipótese nula (H_0) não deve ser rejeitada; a hipótese de que o uso de inovações está totalmente relacionado à atividade profissional desempenhada pelo falante não deve, assim, ser considerada.

A tabela 22 mostra um resumo dos resultados do teste *Qui-quadrado* para as hipóteses testadas em relação ao tipo de situação (fala espontânea, por solicitação ou nenhuma ocorrência) e aos fatores extralinguísticos (sociais) que poderiam influenciar a ocorrência de inovação:

Tabela 22 – Resultados do teste *Qui-quadrado*/tipo de situação/fatores sociais

Tipo de situação / fatores sociais	Teste <i>Qui-quadrado</i>				Teste de nulidade da hipótese
	Df	α	Valor X^2 (referência)	Valor X^2 obtido	
Tipo de situação (maior por solicitação)	2	0,05%	5,991	17,57	Rejeitada
Gênero	2	0,05%	5,991	0,0101	Aceita
Faixa etária	2	0,05%	5,991	0,0875	Aceita
Escolaridade	4	0,05%	9,488	5,1662	Aceita
Proficiência	4	0,05%	9,488	3,3067	Aceita
Tempo de residência nos EUA	4	0,05%	9,488	1,5551	Aceita
Classe social	2	0,05%	5,991	1,8354	Aceita
Atividade Profissional	4	0,05%	9,488	1,5916	Aceita

Fonte: Dados da pesquisa.

Podemos concluir que, em todos os casos analisados acima, isto é: as três situações previstas para a ocorrência de inovações linguísticas (por solicitação, em fala espontânea ou nenhuma ocorrência) em relação aos fatores sociais (gênero, faixa etária, escolaridade, profissão, proficiência, classe social e tempo de residência nos EUA), o resultado foi praticamente o mesmo. Independente do fator social, o maior número de ocorrência do fenômeno aconteceu **por solicitação**. Este resultado sugere que os

informantes, na maioria das vezes, fazem uma escolha linguística consciente e a fala atenta (porque sabiam que a entrevista estava sendo gravada) é um fator inibidor do uso de inovações. Tal resultado também pode sinalizar que os falantes dessas inovações tendem a rejeitar e a estigmatizar o seu uso. Na maioria das vezes, parece haver certa resistência ao uso desses neologismos quando se trata de fala consciente. Considerando as observações que fizemos junto à comunidade brasileira, sabemos que o uso de inovações pelos imigrantes brasileiros é comum e frequente entre eles, pois os ouvimos usar essas inovações nas suas interações verbais do dia a dia. Portanto, a dificuldade que tivemos em obter tais inovações de forma espontânea pode ser devida à atitude de estigmatização ao seu uso e ao instrumento (entrevista gravada) utilizado na coleta dos dados.

Ainda de acordo com os dados apresentados e os resultados do teste *Qui-quadrado* obtidos, percebemos também que os fatores socioeconômicos não podem ser considerados como determinantes do número de ocorrência de inovações nas situações investigadas nesta pesquisa: ocorrência em fala espontânea, por solicitação e nenhuma ocorrência. Isso pode indicar que qualquer imigrante pertencente à comunidade de brasileiros vivendo nos Estados Unidos da América está propenso a usar inovações linguísticas independente do gênero, faixa etária, nível de escolaridade, proficiência, profissão, classe social e tempo de residência na América do Norte.

5.3. Analisando os dados das tabelas referentes ao segundo questionário

Em um segundo momento da pesquisa, aplicamos um questionário formal a 8 informantes, conforme mencionamos no capítulo anterior, item 4.6.

O propósito dos itens 24 a 27 do referido questionário era verificar o reconhecimento ou não de inovações linguísticas e a atitude dos informantes em relação a elas.

A tabela 10, na página 71, mostra-nos as palavras/expressões consideradas incorretas pelos informantes e constam do texto descrito no item 24 do segundo questionário. O gráfico 9 mostra como elas foram selecionadas.

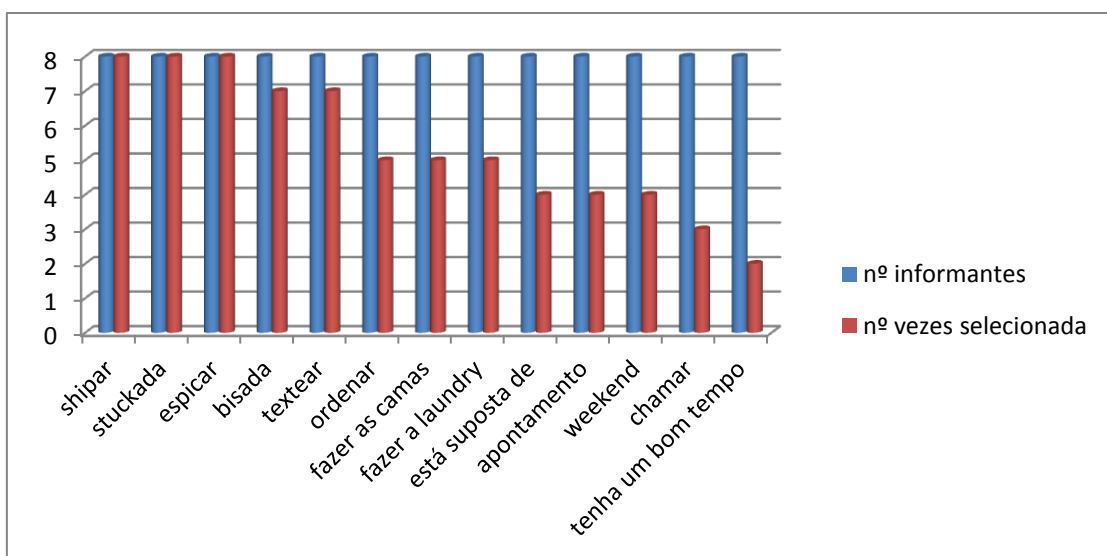


Gráfico 9 – Palavras/expressões selecionadas como “incorretas” no texto - Fonte: Dados da pesquisa.

Todos os oito informantes (100%) selecionaram *shipar*, *stuckada* e *espicar* como incorretas; as palavras *bisada* e *textear* foram selecionadas por 85,5% deles; 62,5% escolheram *ordenar*, *fazer as camas* e *fazer a laundry*; depois *está suposta de*, *apontamento* e *weekend* foram selecionadas por 50 %, *chamar* por 37,5% e finalmente *tenha um bom tempo* por 25% dos informantes.

Percebemos que as palavras/expressões escolhidas por todos como incorretas (unanimidade) não são muito conhecidas pela comunidade brasileira nos EUA. *Shipar*, por exemplo, é uma inovação conhecida e usada pelas pessoas ligadas à área de marketing; *stuckada* é usada normalmente para quem vivencia engarrafamentos no dia a dia (provavelmente morador de Nova Iorque) e tem conhecimento da palavra em inglês *stuck*. Daí, podemos dizer que o uso de uma inovação pode depender da familiaridade que o falante tem com uma determinada palavra/expressão em função da profissão e do ambiente em que ele está diretamente inserido e das suas experiências de vida em contato com a língua alvo.

É interessante observar que as palavras menos reconhecidas como incorretas são bastante familiares para os falantes do português: *chamar* e a expressão *tenha um bom tempo*. Como inovação, a estrutura linguística delas não sofreu nenhuma alteração e isso, provavelmente, fez com que parecessem corretas. Entretanto, considerando-se o campo semântico, estão sendo empregadas inadequadamente. Na verdade, no contexto em questão, o sentido é outro: o verbo *call* em inglês pode significar chamar ou telefonar, dependendo da situação. No caso do nosso texto, o ideal seria *telefonar* para os parentes no Brasil. *Chamar* os parentes não faz sentido nesse

contexto. Da mesma forma, a expressão *tenha um bom tempo* soa natural porque está estruturalmente correta em português, mas no contexto em que está sendo usada, não faz sentido; é, de fato, uma tradução literal do inglês *have a good time* que significa *divirta-se*. Isso mostra que quanto mais semelhantes ao português as inovações linguísticas forem (grafia e som), mais aceitas como corretas elas serão.

A tabela 11, na página 73, mostra o resultado do item 25 do segundo questionário quando os informantes escolhem as palavras/expressões que eles mais usam (ou usariam) nas conversações do dia a dia (inovação x inglês x português). 55% das palavras/expressões escolhidas são em português; 15% em inglês; 10% são inovações; 20% correspondem a empate ou mesmo percentual para mais de uma categoria, como nos casos de *parkear*, *mopear*, *apontamento* e *bisado*. Esse resultado sugere que a opção pelas palavras/expressões foi feita de acordo com o que era mais familiar para os informantes, principalmente por causa do tipo de procedimento avaliativo (questionário formal) que permitia a visualização das palavras. Nesse caso, a língua mãe (o português) teve um peso maior e foi escolhida em detrimento das outras duas opções (inglês e inovação) por uma questão de familiaridade, aquilo que é mais comum, mais conhecido, a forma mais próxima do padrão. Por se tratar de um teste formal, os informantes provavelmente tiveram o devido cuidado em evitar as inovações. O resultado poderia ter sido bem diferente se as mesmas pessoas tivessem a oportunidade de escolher entre as mesmas opções, mas num contexto informal, espontâneo, de ato de fala imediato, sem tempo para pensar, refletir. Esse comportamento linguístico reforça o que Fishman (1972) diz sobre a escolha consciente do falante; ele é capaz de controlar o uso da língua em função das circunstâncias, do ambiente, do assunto e do interlocutor; também confirma a hipótese de que o uso de inovações linguísticas se dá em um contexto específico, nesse caso, pode ocorrer ou não dependendo do ato de fala consciente, atento ou espontâneo, descuidado.

As tabelas 12 e 13, respectivamente nas páginas 74 e 75, mostram o resultado do item 26 do segundo questionário. Nesse item os informantes deveriam selecionar as palavras/expressões descritas no item 25 que eles nunca usam (ou nunca usariam). A atitude da maioria foi pela rejeição das inovações (94,9%). Essa rejeição continua expressa de forma veemente nas justificativas do item 27 quando os informantes dizem porque nunca usam (ou nunca usariam) as inovações. Para eles, as palavras aportuguesadas “*não são importantes... não são comuns.*”; “*está errado... o*

som esquisito... soa muito mal...”; “são inventadas e não soam bem aos ouvidos...”; “...termos adaptados ou errados.”; “não soa bem. Completamente estranho...”.

Assim como no caso anterior, o motivo desse resultado é provavelmente o instrumento que está sendo usado (questionário formal), quando o informante tem tempo para pensar e escolher o que lhe é mais conveniente, tendendo para a escolha da forma padrão da sua língua mãe (português) e pela não aceitação das inovações. Mais uma vez, a estigmatização quanto ao uso das inovações fica evidente. Assim como a entrevista gravada, o questionário formal é também um instrumento inibidor da ocorrência do fenômeno. Isto porque nas conversações informais, espontâneas, nas atividades do dia a dia, entre imigrantes brasileiros, é comum ouvi-los usar muitas dessas palavras/expressões que aqui estão sendo rejeitadas por eles mesmos.

5.4. Fatores estruturais – formação das inovações linguísticas

5.4.1. Análise das inovações linguísticas

As inovações linguísticas constituem a variável linguística (estrutural) desta pesquisa; a seguir, vamos analisar a formação desse fenômeno.

Sabemos que as expressões linguísticas de uma língua são compostas por itens lexicais. Daí a importância do léxico para o funcionamento da linguagem, pois ele é formado pelas palavras dessa língua com suas propriedades linguísticas, ou seja, seus traços semânticos, fonológicos e morfológicos. Esses traços lexicais são usados para atribuir categorias gramaticais às palavras que podem ser classificadas como: palavras de conteúdo (ou categorias lexicais) e palavras funcionais (categorias sintáticas).

As **palavras de conteúdo** referem-se ao mundo biossocial e têm conteúdo descritivo substantivo, conteúdo lexical semântico, significativo, real. São palavras como o substantivo, verbo e adjetivo e formam uma *classe aberta*. Aberta porque são ilimitadas e continuamente permitem novas entradas e saídas. Elas permitem flexão e podem incorporar uma nova raiz verbal ou nominal a qualquer momento.

Já as **palavras funcionais** têm valor gramatical (e não referencial); servem principalmente para fornecer informações sobre a função gramatical e não têm conteúdo descritivo, semântico; são limitadas e formam uma *classe fechada*, pois não

apresentam criação de itens novos e estão restritas a poucos elementos. Exemplos: artigos, conectivos, preposições e pronomes.

Quando queremos expressar nosso pensamento, normalmente focamos no que é relevante. Naturalmente enfatizamos as palavras de conteúdo que são pronunciadas com mais força, mais clareza do que as funcionais que, às vezes, mal são pronunciadas, sem o comprometimento da comunicação. Por isso pessoas afásicas (que sofreram perda abrupta do desempenho linguístico em consequência de uma lesão cerebral), que apresentam transtornos de expressão caracterizados por redução do vocabulário, do léxico e da extensão das frases (linguagem não fluente), tendem a usar palavras de conteúdo e omitir palavras funcionais, de acordo com Peña-Casanova e Pamies (2005).

De acordo com o que foi exposto acima e observando a lista de inovações linguísticas – item 4.3, p. 62, podemos confirmar a hipótese de que, em relação à categoria gramatical, a ocorrência do fenômeno incide sobre palavras de conteúdo (verbo, substantivo, adjetivo) e não sobre palavras funcionais.

O gráfico 10 mostra as palavras/expressões constantes da lista exposta no item 4.3 de acordo com suas categorias gramaticais:

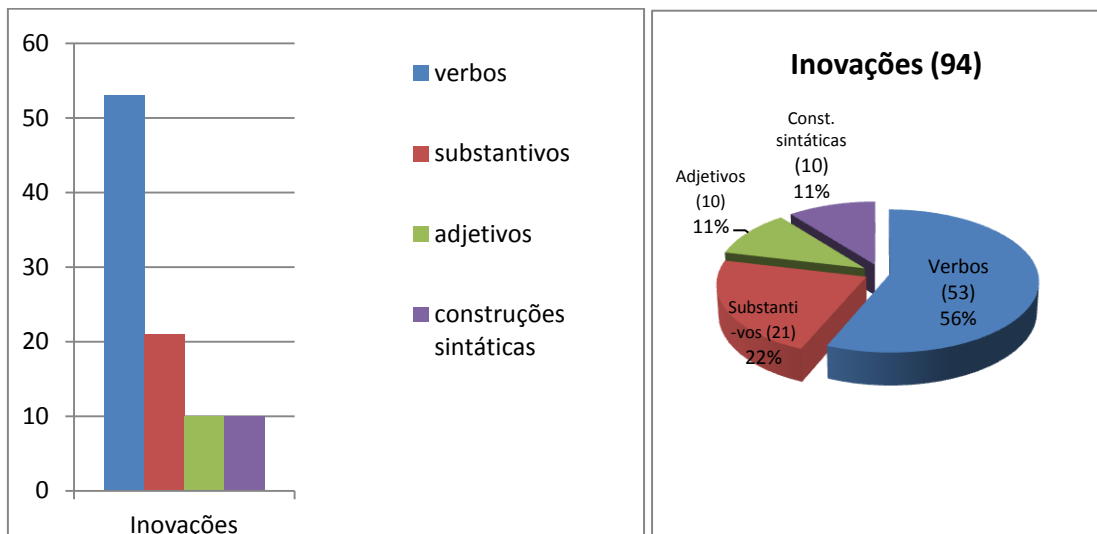


Gráfico 10 – inovações linguísticas distribuídas de acordo com sua classe gramatical.

Fonte: Dados da pesquisa.

Para mostrar se há alguma relevância na diferença entre palavras de conteúdo, utilizamos o teste de significância *Qui-quadrado* para testar as seguintes hipóteses:

H_0 = a ocorrência de inovações independe da classe gramatical;

H_1 = a ocorrência de inovações está relacionada à classe gramatical.

A tabela 23 mostra o resultado do teste *Qui-quadrado* para a significância das palavras de conteúdo:

Tabela 23 – Inovações quanto à sua categoria gramatical (palavras de conteúdo)

	verbos	substantivos	adjetivos		Row Totals
Inovações obtidas	53 (34.25) [10.26]	21 (26.25) [1.05]	10 (23.50) [7.76]		84
Total de inovações	84 (102.75) [3.42]	84 (78.75) [0.35]	84 (70.50) [2.59]		252
Column Totals	137	105	94		336 (Grand Total)

The chi-square statistic is 25.4266. The p -value is < 0.00001 . The result is significant at $p < .05$. - Fonte: Dados da pesquisa.

O resultado do teste *Qui-quadrado*: $X^2 = 25,4266 > 5,991 / df = 2 / \alpha = 0,05\%$ nos revela que a categoria gramatical é significativa para a ocorrência de inovações linguísticas.

A hipótese de a ocorrência de inovações ser maior para verbos também se confirmou. Considerando os verbos, os substantivos e os adjetivos obtidos na pesquisa (descritos no item 4.3, p. 62, sem incluir as construções sintáticas) encontramos um número maior de verbos (53 num total de 84 inovações – 63%), seguidos por substantivos (21 em 84 – 25%) e adjetivos (10 em 84 – 12%), como exposto no gráfico 10.

Carvalho (2010) chegou a um resultado diferente. Na sua pesquisa, a incidência foi maior para os substantivos e depois para os verbos. Entendemos que o tipo de inovação linguística criada pelos membros da comunidade brasileira nos EUA é resultado de diferentes fatores como, a atividade profissional e o ambiente geográfico e social que os envolvem. Daí a probabilidade da criação de mais ou menos palavras de uma determinada categoria gramatical por parte dos falantes ser diferente, pois as amostras são diferentes.

Ainda sobre os verbos constantes da lista de inovações linguísticas (item 4.3, p. 62) verificamos que se tratam de verbos de ação, confirmando mais uma das expectativas desta pesquisa. Quanto à conjugação, dos 53 verbos constantes da referida lista, 42 são da primeira conjugação (79,3%), 5 da segunda (9,4%) e 6 da terceira (11,3%), considerando sua tradução para o português. Quando mixados com o inglês e aportuguesados, vão todos para a primeira conjugação, como por exemplo, *printar* do verbo *print* que significa imprimir, *forgetar* do verbo *forget* que quer dizer esquecer.

Segundo Câmara Jr. (1984), o *estrangeirismo* é o processo de introdução de palavras vindas de outros idiomas na língua portuguesa, um empréstimo lexical; ele pode acontecer de duas formas: por *aportuguesamento*, quando a grafia e a pronúncia da palavra são adaptadas para o português – uma adaptação morfológica e fonológica

dos estrangeirismos lexicais ao português, como em basquetebol (do inglês basketball) ou **sem aportuguesamento**, quando se conserva a forma original da palavra, como, por exemplo, *mouse*, *delivery*.

A criação das inovações investigadas se dá, na maioria das vezes, pelo aportuguesamento dos verbos, dos substantivos e dos adjetivos em inglês.

O neologismo, formação de novas palavras, pode ser semântico, quando a palavra existe, mas ganha um novo sentido; lexical, a criação de uma palavra ou de um novo conceito associado a uma palavra já existente; sintático, mudança na organização/estrutura de uma palavra.

Observando os dados coletados, constatamos que as principais estratégias usadas para o aportuguesamento das palavras/expressões em inglês foram: *empréstimo*, *calque*, *transposição* e *tradução literal*. Vamos ver a definição de cada um deles, segundo Fawcett (1977):

O **empréstimo** é o processo que ocorre quando uma língua integra uma palavra existente em outra língua, sendo que a palavra não sofre grandes alterações e mantém o mesmo sentido; há uma transferência de um item da língua de origem para a língua alvo a fim de preencher uma ausência lexical (pode haver diferença na pronúncia por adaptação dos sons e adequação ao padrão fonológico da língua que receber determinada palavra); exemplos: “delete” → “deletar”; show; motoboy.

O **calque** (*calco* ou *decalque*) é o processo que acontece quando uma palavra é formada a partir da tradução de vocábulos estrangeiros e conforme as estruturas da língua de origem; quando se quer usar um conceito novo vindo da língua estrangeira, mas não se quer adotar a palavra estrangeira; o processo de mudança ocorre por empréstimo lexical de uma língua estrangeira que se apresenta com significado e estrutura semelhantes aos da língua original. O calque pode ser semântico (dar um significado novo a um termo já existente) – exemplo: “save” → “salvar” com sentido de guardar, reservar; ou morfológico (a palavra é criada a partir de uma combinação de elementos anteriormente desconhecida na língua de chegada) – exemplo: “skyscraper” → “arranha-céu”; o calque também pode ser frasal (construções sintáticas), se ocorrer em frases. Segundo Carvalho (2010), um calque ou “tradução emprestada” é uma palavra ou frase emprestada de outra língua, literalmente, palavra por palavra (do latim: “*verbum pro verbo*”) ou tradução da raiz; os calques são divididos em *calques de palavras* e *calques frasais*. Os calques de palavra são, por sua vez, subdivididos em calques fonologicamente mixados e calques fonologicamente independentes. Carvalho

dá o exemplo de “aplicar para o trabalho” como calque fonologicamente mixado: *aplicar* existe em português, mas tem outro sentido em inglês; por causa da semelhança entre os termos nas duas línguas, ele é usado como inovação linguística. Já o calque fonologicamente independente, é exemplificado com a expressão “isso pertence para lá” para “it belongs there” – somente a ideia foi traduzida e não há nenhuma semelhança fonológica entre os termos nas duas línguas.

A **transposição** ocorre quando há mudança de classe de palavras / categoria gramatical (de substantivo para verbo, de adjetivo para advérbio) – exemplo: “trip” (viagem – substantivo) → “tripar” (verbo).

A **tradução literal** é a tradução mais próxima possível da estrutura gramatical do texto de origem – exemplo: “Can I have an ice cream?” → “Posso ter um sorvete?”; “Make the bed” → “Fazer a cama”.

Voltando aos verbos da lista de inovações linguísticas (item 4.3, p. 62), grande parte é formada pela manutenção da mesma forma em inglês e acrescida do sufixo verbal “ar” que corresponde ao sufixo marcador da primeira conjugação verbal em português – exemplos: *shopar*, *rentar*, *pokear*, *printar*, *forgetar*, *shipar*, *plugar*, *dropar*, *brushar*. É interessante ressaltar que os falantes desses neologismos conjugam esses verbos de acordo com as regras de conjugação verbal da língua portuguesa (as flexões de modo, tempo, pessoa, número e voz) : “Ontem nós *shopamos* até cansar!”, “Eu já *printei* esse documento duas vezes”, “Ele vive *forgetando* tudo que a gente fala”, “Ela já está chegando... está *parkeando* o carro”, “Vou *estartar* esse computador outra vez”.

Outros verbos tiveram alteração na forma escrita em função da pronúncia em inglês, isto é, houve alteração gráfica com preservação fonológica do inglês – exemplos: *frizar* (*freeze*), *draivar* (*drive*), *blowdraiar* (*blow dry*), *haiar* (*hire*), *sherear* (*share*), *buquear* (*book*).

Alguns verbos foram formados pelo acréscimo da terminação “-ear”. Dentre esses, alguns também tiveram alteração gráfica por causa da pronúncia em inglês – exemplos: *marquetear* (*market*), *mopear* (*mop*), *picapear/pickupear* (*pick up*), *serapear* (*set up*), *textear* (*text*), *broilear* (*broil*).

Verbos iniciados com a sequência /s + **obstruinte**/ em inglês, quando aportuguesados, começam com a vogal [e] (acrécimo do som vocálico inicial) e mais o “ar” final – exemplos: *escanear* (*scan*), *espicar* (*speak*), *espreiar* (*spray*), *estartar* (*start*), *esquedular* (*squedule*), *estampar* (*stamp*), *estimar* (*steam*).

Finalmente os verbos com alteração no campo semântico, além de serem acrescidos da terminação “ar”, estão sendo usados com o sentido diferente da palavra de origem (inglês); entretanto, eles têm semelhança fonológica: a palavra existe em português, mas com um sentido diferente em inglês (com exceção do verbo “tripar” que não existe em português) - exemplos:

- *Aplicar (apply for)* → o verbo “apply” em inglês significa “aplicar” no sentido de “pôr em prática, usar” semelhante ao sentido no português de “colocar, pôr, cumprir, investir”; entretanto, quando usado com a preposição “for” significa “candidatar-se, inscrever-se, concorrer” a um concurso, a uma vaga; assim, o verbo aportuguesado “aplicar” não faz sentido nesse contexto: “Meu filho aplicou hoje para a faculdade”, “O prazo para aplicar é até amanhã”; “Vou aplicar para aquele emprego”.

- *Chamar (call)* → o verbo “call” em inglês pode significar “chamar” ou “telefonar” dependendo do contexto. Mas, em português, “chamar” não é usado no contexto de “fazer ligação telefônica”. Portanto, usar “chamar” para substituir “call”, nesse contexto não tem sentido no português: “Me dá seu número de telefone que eu te chamo mais tarde”, “Eu te chamo assim que eu chegar em casa”.

- *Ordenar (order)* → o verbo “order” em inglês pode significar “dar uma ordem, colocar em ordem (cronológica, alfabética etc.) ou fazer um pedido/encomenda” dependendo do contexto. Em português, o verbo “ordenar” só corresponde aos dois primeiros sentidos; usar “ordenar” no lugar de “order” para fazer um pedido/encomenda não faz sentido para o falante do português: “Eu ordenei uma pizza há 20 minutos”, “Vou ordenar aquele perfume pela Internet”.

- *Realizar (realize)* → o verbo “realize” em inglês significa “perceber, compreender, ter consciência de”; quando aportuguesado e usado pelos imigrantes brasileiros, está com o sentido correto do inglês, mas a forma aportuguesada não corresponde ao mesmo sentido, pois “realizar” em português significa “fazer, efetuar, por em prática, tornar real, conseguir, executar etc.”; por isso causa estranheza ao falante do português – “Ele só realizou que eu já tinha chegado quando viu minha bolsa”, “Ela nunca realiza que está errada”.

- *Salvar (save)* → o verbo “save”, em inglês, significa “salvar, guardar, poupar, preservar etc.”; embora a tradução correspondente esteja morfologicamente correta, o sentido de “guardar, reservar” não é usado no português – “Você pode salvar um pedaço de bolo pra mim?”, “Salvei um lugar pra você”.

- *Tripar (trip)* → é um caso de transposição, com mudança de classe de palavra. “Trip” é um substantivo que em inglês significa “viagem, excursão, passeio”. O verbo viajar em inglês é “travel”; neste caso, o substantivo “trip” está sendo aportuguesado e usado como verbo com o sentido do verbo “travel”. (“Trip” também é um verbo em inglês e significa “tropeçar, errar, dar um passo em falso”) – “Vamos tripar pra Las Vegas na semana que vem”, “Ele vive tripando nos fins de semana”.

Quanto aos substantivos, a tendência é também o aportuguesamento da palavra em inglês, deixando-a o mais próximo possível da pronúncia em inglês e finalizando-a com uma vogal, na maioria das vezes, o que dá a sonoridade mais familiar ao português. São passíveis das flexões próprias do substantivo em português (em número, gênero e grau): *incha (inch)*, *cona (corner)*, *dona (donut)*, *estima (steamer)*, *rufo (roof)*, *rumos (rooms)*, *apontamento (appointment)*, *classe (class)*. Mas há casos do uso de prefixo e de sufixo do português, inserindo a palavra em inglês no meio, como: “*em + bag + dor*” → “*embaqador*” (*embalador, ensacador*).

Alguns casos envolvem a alteração no campo semântico também, como, por exemplo: o substantivo “*traffic*” que, em inglês, significa “*trânsito, tráfego ou comércio ilegal*” dependendo do contexto. Os imigrantes brasileiros aportuguesaram a palavra “*traffic*” transformando-a em “*tráfico*” ao invés de “*tráfego, trânsito*”. Entretanto, a palavra “*tráfico*”, em português, significa “*negócio ilícito, comércio ilegal*”. De acordo com a gramática online da língua portuguesa – Norma Culta (<http://www.normaculta.com.br>) as “**palavras parônimas** ou **parônimos** são palavras que são escritas de forma parecida e são pronunciadas de forma parecida, mas que apresentam significados diferentes”. Em português as palavras “*tráfego*” e “*tráfico*” são exemplos de palavras parônimas: pronunciadas e escritas de forma parecida, mas com significados diferentes. Comparando as quatro palavras (*traffic*, *tráfico*, *tráfego*, *trânsito*), “*traffic*” e “*tráfico*” são as mais parecidas, em forma e pronúncia, daí a escolha imediata do falante no uso das inovações.

Já os adjetivos, além da alteração de acordo com a pronúncia em inglês, são aportuguesados pelo acréscimo do sufixo “*ado*” e seguem as regras para formação de adjetivos em português (concordância em número, gênero e grau): *bisado (busy)*, *touado (towed)*, *haiado (hired)*, *printado (printed)*, *rentado (rented)*. Às vezes, o aportuguesamento de um adjetivo não deriva diretamente do adjetivo correspondente em inglês, mas de outra classe gramatical, como no caso de “congelado” – o adjetivo em inglês é “*frozen*”, mas a inovação é “*frizado*”, de “*freeze*” (substantivo ou verbo).

Quanto às construções sintáticas, o que mais se observa é a tradução literal ou a tradução mais próxima possível da estrutura gramatical do inglês, o que compromete a semântica em português. Por isso, expressões como “*estar suposto de*” (*be supposed to*), “*checar o casaco*” (*check the coat*), “*fazer a cama*” (*make the bed*), “*tenha um bom tempo*” (*have a good time*) e “*fazer dinheiro*” (*make money*) soam estranhas aos ouvidos do falante de português, principalmente aos que não têm nenhum conhecimento de inglês. Tal fato reforça a hipótese de que quando não há correspondência semântica na língua de origem, ocorre estranhamento, levando à não compreensão da expressão. O mesmo ocorre com verbos, substantivos e adjetivos (quando há ausência de correspondência semântica).

A tabela 24 apresenta um resumo do processo de aportuguesamento descrito nesta seção e utilizado na criação das inovações linguísticas:

Tabela 24 – Processo de aportuguesamento na criação de inovações linguísticas

1) TIPO	EXEMPLOS
- empréstimo	- deletar, marketear
- calque	- salvar, aplicar
- transposição	- tripar
- tradução literal	- fazer a cama
2) VERBOS (entram na primeira conjugação)	EXEMPLOS
- acréscimo do sufixo verbal “ar” (marca do infinitivo/1ª conjugação).	- shopar, rentar, printar.
- alteração gráfica com preservação fonológica do inglês + “ar”.	- draivar, haiar, frizar.
- acréscimo da terminação “-ear”.	- textear, mopear.
- acréscimo da vogal [e] inicial para palavras iniciadas com a sequência /s + obstruinte/ + final “ar”.	- estartar, estampar, espicar.
- semelhança fonológica, mas sem correspondência semântica.	- aplicar, chamar, realizar.
3) SUBSTANTIVOS	EXEMPLOS
- semelhança fonológica + acréscimo de uma vogal final.	- incha, rufo, classe, permite.
4) ADJETIVOS	EXEMPLOS
- semelhança fonológica + acréscimo do sufixo “ado”.	- bisado, rentado, printado.
5) CONSTRUÇÕES SINTÁTICAS	EXEMPLOS
- tradução literal.	- tenha um bom tempo, estar suposto de, posso ter um café?

Fonte: Dados da pesquisa.

Depois de todas essas considerações, podemos dizer que os imigrantes brasileiros vivendo nos EUA fazem uso de estratégias de tradução, como estrangeirismo, calque, transposição e tradução literal, bem como de regras gramaticais, morfológicas e fonológicas do português para a criação de inovações linguísticas. Esse comportamento pode ser tanto consciente como inconsciente, e a produção desses neologismos é uma forma de adaptação, seja fonética ou fonológica, ao português falado no Brasil.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todas as línguas, ao longo dos séculos, têm sofrido alterações e os estudos da linguística apontam que essas alterações são inevitáveis. As línguas são vivas e estão em constante transformação; até mesmo aquelas que foram consideradas mortas, na verdade, sofreram um processo profundo de mudanças constantes e foram substituídas por outra língua mais forte, dominante, por motivos vários e particulares a cada caso. Entretanto, elas não são vivas em si mesmas, mas ganham vida porque são instrumentos indispensáveis às interações sociais entre os povos de todo o mundo, geração após geração.

Em qualquer língua, a variação linguística não acontece por acaso. É o falante quem dá vida à língua e quem causa e controla as mudanças lexicais, fonológicas, sintáticas, morfológicas, conferindo a ela *status*, sentido, prestígio, força e valor. Por outro lado, a atitude do falante em relação à língua também não é fruto do acaso, seu comportamento linguístico é determinado por um contexto social. Fishman (1970) ressalta que há situações de línguas em contato em que a interferência é consciente e proposital. Nesses casos, o falante tenta incorporar à sua língua tantos elementos e características possíveis de outra língua, incluindo interferência em padrões de acentuação, entonação e forma. É uma interferência desejável e as ocorrências das variedades são aceitáveis, desculpáveis, permitidas e consideradas até mesmo necessárias para se garantir as interações linguísticas no momento da fala. Isso ocorre com muita frequência nos ambientes profissionais; quando as pessoas estão focadas na atividade, pressionadas pelo tempo, precisam garantir a interação verbal e não se importam em fazer interferências que possam levar a inovações linguísticas. Tal fato fica evidente nas falas das informantes 23M e 26M, que admitem o uso de inovações:

23M – (faxineira) “...ah... sempre... a gente tá com brasileiro... com certeza... no caso da nossa profissão... vaquiar, né? Que é passar o aspirador de pó lá no Brasil... que é o vaquiar... que é o vacuum aqui, né? Então a gente fala vaquiar, parkear... então a gente sempre tá fazendo essas expressões, né? Acaba virando uma gíria...”.

26M – (contadora) – “... parkear... já ouvi marquetiar que seria marketing... marquetiar, shipar... que seria o envio, né? Na verdade, eu acho que nem saberia a tradução da palavra... shipping... shipar a carga...”.

Algumas inovações linguísticas são temporárias; outras, porém, passam por um processo de evolução, estabilizam-se, cristalizam e passam a integrar um código linguístico, como, *deletar* e *surfar* que já fazem parte do português.

As inovações linguísticas encontradas ao longo da pesquisa foram geradas por pessoas específicas em contexto específico: a comunidade brasileira de imigrantes vivendo na América do Norte no contexto de línguas em contato (português e inglês). As escolhas lexicais que eles fazem os tornam parte de um grupo específico. Essas pessoas compartilham algumas características em comum, a começar pela motivação de se tornarem residentes nos EUA: o sonho da prosperidade e melhores condições de vida. Todos admitem a ocorrência de inovações linguísticas embora alguns afirmem que não as usam.

Através desta pesquisa, pudemos perceber que o contexto de línguas em contato é muito significativo e favorece a ocorrência de inovações linguísticas. Entretanto, ao interpretar e analisar os dados coletados na pesquisa, constatamos que os fatores extralinguísticos considerados neste estudo não se mostraram relevantes para determinar a quantidade e o tipo de ocorrência de inovações. Contudo, baseados na interpretação e na análise dos mesmos dados, podemos concluir que a situação de fala é determinante para a ocorrência do fenômeno que é maior por solicitação, ou seja, quando pedíamos aos informantes exemplos de inovações que conheciam ou usavam. Quando o falante está atento, consciente e controlando sua forma de se expressar em situações específicas sob seu controle, a probabilidade de ocorrência de inovações linguísticas é reduzida drasticamente. A escolha das inovações depende do contexto e não ocorre o tempo todo. Tal fato confirma o que Fishman (1972) diz sobre a escolha consciente do falante; ele é capaz de controlar o uso da língua em função do seu interesse e das circunstâncias que o cercam (lugar, assunto, interlocutor).

O comportamento linguístico do falante está muitas vezes relacionado à sua atitude em relação às línguas em contato. Por exemplo, onde há atitudes e

consciência concernentes ao *purismo*, a interferência é, às vezes, vista como uma imperfeição e gera rejeição; o reconhecimento das interferências e as atitudes em relação a elas estão correlacionados aos valores que o falante atribui às línguas, resultantes de suas experiências linguísticas pessoais. Na presente pesquisa, ficou bastante evidente que os imigrantes membros da comunidade brasileira nos EUA, na sua maioria, são conhecedores das inovações linguísticas e as usam no seu dia a dia, mas, quando são interrogados formalmente a respeito de seu uso demonstram-lhes rejeição e grande cuidado em evitá-las, numa atitude de estigmatização.

Por um lado, alguns tendem a estigmatizar seu uso por uma questão de *status* e de prestígio atribuídos à língua alvo (inglês) por causa do avanço social adquirido. Fishman (1972) considera que em certas condições sociais, o domínio de uma língua se torna importante não apenas como meio de comunicação, mas também como desenvolvimento e avanço social; pode haver até um esforço pessoal forte para se superar todos os possíveis traços de interferência por uma questão de *prestígio*, determinada socialmente. Por outro lado, há também os que não alcançaram uma posição social prestigiada junto à sociedade americana, mas, igualmente, estigmatizam o uso de inovações; nesse caso, a atitude deles pode estar relacionada à afetividade e à lealdade linguística em relação à língua mãe. Para exemplificar esses comportamentos, vamos transcrever alguns trechos das entrevistas que denotam estigmatização das inovações: as falas dos informantes 9H, 20M e 30M. O primeiro é filho de brasileiros, tem 20 anos, e nasceu em Nova Iorque onde viveu até os oito anos de idade. Foi para o Brasil e viveu lá por dez anos. Está morando novamente em Nova Iorque há dois anos e atualmente estuda psicologia na faculdade Nyack, em Nova Iorque; tem fluência nas duas línguas e raramente faz uso de inovações linguísticas; pelo contrário, demonstra aversão ao uso de neologismos:

9H – (Estudante universitário) “...um deles e é o que eu mais odeio, que eu acho horrórico, é o parkear. Os meus amigos, alguns que são filhos de brasileiros que moram aqui acreditavam que parkear fosse uma palavra legítima, só que eu... quando eu vim pra cá, eu já sabia o português. Sabia que essa palavra não existe e eu fiquei assustado... parkear serve pra estacionar. Eu acho horrível essa expressão... todos usam... todos utilizam dessas palavras. Só que quem mais utiliza são as pessoas com menos educação, porque elas não estão aprendendo nem o inglês e também não têm o português desenvolvido. E com essa falta de desenvolvimento das duas línguas, a mistura das duas pra poder tentar se comunicar melhor ocorre naturalmente.”.

A outra é a informante 20M, que tem nível superior, 42 anos, é fluente em inglês e trabalhava como gerente-consultora no Brasil. Está há 5 anos nos EUA e, atualmente, trabalha como babá. Também tem atitude negativa em relação ao uso de variações linguísticas:

20M – (babá) “... *várias... várias... porque eu trabalhei num escritório de contabilidade e o contador mesmo... e eu ficava até chocada, né? ...porque se um contador que tem até um curso, ele formou aqui... como ele pode tá falando palavras que a gente sabe que não existe? Por exemplo, busy é ocupado em inglês, né? Bisado, não existe... é... quando você vai imprimir uma... alguma coisa, né? Então você... uma printer que é uma impressora. Então o que você fala? Ou você vai e fala inglês tudo ou você fala... agora, falar eu vou printar... não existe printar... esse verbo foi criado, então o brasileiro... na minha opinião tem muita preguiça de realmente... por preguiça de aprender a língua corretamente e usá-la de forma correta... não querem.... eu acho que eles não querem... porque dá pra ver que essas pessoas que geralmente falam assim são pessoas que têm um nível cultural mais baixo...*”.

A informante 30M que mora nos EUA há 23 anos, tem 39 anos, é educadora, fala inglês fluentemente e reprova enfaticamente o uso de inovações:

30M – (Professora assistente) “...*até o pessoal aqui daqui mesmo que a gente convive com eles, fala ah... você pode parkear o carro pra mim?... ou... acabei de parkear o carro, tô chegando, só falta parkear o carro... eu acho bem... é... eu já cheguei a usar, mas assim... de tanto ouvir, mas não gosto... aí eu mudei... falei estacionar... eu mesma me treinei a falar... / ...se bem que na verdade eu ouço mais é brasileiro que fala pouco o inglês fazer essa... / ...eu mesma me... fico assim... cuidando, vigiando para num entrar nessa... para falar o português direitinho... / ...mas eu tenho me disciplinado, assim, procurado não cair nessa pra deixar o português ficar bem.. bem... falado...*”.

Como comentamos anteriormente, o avanço social não é a única causa para uma atitude de rejeição e estigmatização das inovações. O sentimento afetivo pelo código linguístico em si também pode influenciar esse comportamento. Há casos de total reprovação e estigmatização das inovações por parte de falantes que não são fluentes na segunda língua, que não têm um grau de escolaridade elevado e que ainda têm atividade profissional de baixo prestígio social, diferentemente daqueles que já alcançaram certo prestígio social. Exemplo disso é a informante 22M, que está nos EUA há 22 anos; tem 52 anos, fluência média no inglês, ensino médio e é faxineira:

22M – (faxineira) “...*eu não uso, com certeza não... mas às vezes eles falam assim... não, isso que eu falo... falam assim.. mapiar... não... passar pano no chão... mop eles falam eu vou mapiar... não existe... ah... qual outra? Parkear... não existe... / ... é feio, é feio... mas porque não aprendem inglês... porque quem sabe inglês não fala... eu acho que não...*”.

Nos casos como da informante 22M, Weinreich (1970) sugere a questão da *lealdade linguística* que é um sentimento pessoal que também pode determinar o comportamento linguístico do falante. A língua padronizada (no caso, o “português padrão”) seria como um símbolo de nacionalidade. A língua seria como um conjunto de normas de comportamento, uma entidade intacta que tem alta posição na escala de valores; posição esta para ser defendida. Nesse contexto, Weinreich diz que essa lealdade leva a uma tentativa de se preservar a língua ameaçada quando diante de uma iminente troca linguística. Como uma reação à interferência, a lealdade linguística faz da versão padronizada da língua um símbolo e uma causa. Por causa dela, as pessoas se agruparão consciente e explicitamente para resistir a mudanças tanto nas funções da língua (como um resultado da mudança linguística) quanto na estrutura ou vocabulário (como uma consequência da interferência). A informante 22M enfatiza que não faz uso das variações, acha-as feio e tem atitude de reprovação, embora tenha classe social e atividade profissional de baixo prestígio, além de não ser fluente em inglês. Tal comportamento seria um mecanismo de defesa dos seus valores socioculturais nos quais está inclusa a língua mãe.

A correlação entre lealdade linguística e nacionalismo é um problema sociológico significativo. As possíveis raízes da lealdade linguística, ainda segundo Weinreich, seriam o sentimento natural de cada falante por causa do envolvimento emocional com a língua mãe que torna repugnante qualquer tipo de desvio e outros fatores sociais que variam de acordo com a situação de contato, até mesmo o temperamento do falante ou saudades da terra natal.

Quanto ao aspecto estrutural, a escolha do falante ao se expressar é de sempre evidenciar o que é mais importante e, por isso, a incidência de ocorrência das inovações é maior nas palavras de conteúdo, em verbos de ação e que entram na primeira conjugação. O empréstimo, o calque, a transposição e a tradução literal são as estratégias mais utilizadas na criação das inovações por causa da semelhança estrutural com o português que elas conferem à palavra criada. Misturando as duas línguas, surge

uma nova palavra e quanto mais essa palavra criada for parecida com o português, mais aceita e usada ela será pela comunidade brasileira de imigrantes nos EUA.

Os neologismos criados pelos imigrantes brasileiros na América são compreensíveis apenas entre eles mesmos. O falante nativo do português, fora do contexto de língua em contato, é incapaz de compreender esse vocabulário novo que lhe causa estranhamento. As alterações estruturais nas palavras criadas (fonológica, morfológica, sintática) e a ausência de correspondência semântica no português são as causas desse estranhamento.

O português que está sendo falado nos EUA pelos imigrantes brasileiros, em comparação com o português padrão falado no Brasil, não é outra língua, outro código linguístico; eles continuam falando a língua portuguesa; no entanto, estão se desviando da “língua padrão” aprendida e ensinada nas instituições de ensino brasileiras; estão ampliando o léxico através da formação de novas palavras que surgem da mistura entre o inglês e o português. O uso desses neologismos pelos imigrantes brasileiros é um fato que pode ser comprovado através de observações das suas atividades diárias em conversações espontâneas, informais, em contraste com o sentimento de rejeição e estigmatização em situações formais e de fala atenta, consciente. Tal fenômeno vem acontecendo há décadas, desde os primeiros contatos linguísticos pelos primeiros imigrantes e continuará acontecendo enquanto existir o contexto de imigrantes e línguas em contato. Carvalho (2010) encontrou neologismos semelhantes e as diferenças estruturais encontradas entre eles em cinco anos são insignificantes.

Para pesquisas futuras sobre o mesmo assunto, sugerimos a possibilidade de se aperfeiçoar os instrumentos usados para o levantamento de dados da amostra. Por exemplo, na utilização de questionários e entrevistas, sugerimos a inclusão de testes e instrumentos de avaliação que permitam medir a proficiência linguística em inglês do informante, semelhantes ao teste TOEFL (Test of English as a Foreign Language) e ao teste FCE (First Certificate in English) utilizados pelas escolas de idiomas; além disso, a gravação de conversas públicas espontâneas sem o conhecimento dos falantes (o que infelizmente não foi possível na presente pesquisa) permitiria coletar um número maior de inovações em fala espontânea. Tais procedimentos poderiam dar maior confiabilidade ao aspecto da proficiência linguística do informante na língua alvo, e a quantidade de ocorrência e o tipo de inovações linguísticas em fala espontânea poderiam até mesmo levar a um resultado diferente e mais significativo.

Acreditamos que a presente pesquisa ajuda a elucidar as questões relacionadas à criação de inovações linguísticas pelos imigrantes brasileiros nos EUA e a confirmar que esse fenômeno continua acontecendo sem alteração significativa.

Pudemos verificar que uma das motivações do falante para a criação das inovações é preencher uma lacuna lexical que surge no ato de fala imediato quando, ao se expressar, não encontra, não sabe ou não se lembra da expressão correspondente em uma das línguas em contato; sua necessidade de interação verbal é grande e imediata, e o conflito gerado pela ausência lexical o leva a criar novas expressões que, de um modo geral, são estigmatizadas pelo próprio falante.

Outra situação que estimula a criação e o uso de neologismos é a necessidade de identificação com o grupo. A escolha linguística do falante lhe confere uma identidade social que o torna parte do grupo. Sendo assim, a criação e o uso das inovações linguísticas pelos imigrantes brasileiros nos EUA reforçam uma norma de comportamento e funcionam como um símbolo de identidade da comunidade brasileira de imigrantes na América do Norte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. (VOLOSHINOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 6. Ed., São Paulo: Hucitec, 1992.

BLOM, Jan-Petter; GUMPERZ, J. J. *Social Meaning in Linguistic Structures: Code Switching in Northern Norway*, in press, New York, 1972.

CÂMARA Jr., J. Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis/RJ, Ed. Vozes, 14ª ed., 1984.

CARVALHO, Valquíria C. P. Sales de. “*Parkear or not Parkear, That’s the Question.*”: um estudo sobre as inovações lexicais realizadas por imigrantes brasileiros nos EUA. 194 f. Tese (doutorado) – Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

ECKERT, P. (1996)(ay) Goes to the City: Exploring the expressive use of variation. In.:

FAWCETT, Peter. *Translation and Language – Linguistic Theories Explained*. Manchester, UK, 1997.

FERGUSON, C. A. Diglossia. *Word* 15: 325-340, 1959.

FISHMAN, Joshua A. *Language in Sociocultural Change*. Standford University Press, California, 1972.

FISHMAN, Joshua A. *Sociolinguistics – A Brief Introduction*. Newbury House Publishers, Massachusetts, 1970/1975.

FISHMAN, Joshua A. *The Sociology of Language*. Newbury House Publishers, Massachusetts, 1972.

FISHMAN, Joshua A. (ed.) (1972) [1968] *Readings in the Sociology of Language*. Mouton, the Hague.

GAL, Susan. *Language Shift: Social Determinants of Linguistic Change in Bilingual Austria* (New York: Academic Press), 1979.

GARCIA, Ofelia & Fishman, Joshua A. (eds.) 1997. (2001, 2nd edition). *The Multilingual Apple. Languages in New York City*. Berlin: Mouton de Gruyter.

GREENFIELD, Lawrence. *Spanish and English usage self-ratings in various situational contexts*, (in J. A. Fishman, *Language in Sociocultural Change*), New York, Yeshiva University), 1968.

GUY, G. R. & A. ZILLES: *Sociolinguística Quantitativa: Instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007..

HEYE, J. B. *A Sociolinguistic Investigation of Multilingualism in the Canton of Ticino Switzerland*. The Hague:Mouton, 1975.

<https://www.whitehouse.gov/blog/2015/12/16/president-obama-welcomes-new-americans> - Acesso em 16/12/15.

https://pt.wikipedia.org/wiki/colarinho_azul/colarinho_branco - Acesso em 12/03/16.

<http://www.normaculta.com.br> – Acesso em 14/04/16.

KENEDY, Eduardo. *Curso Básico de Linguística Gerativa*. SP: Contexto, 2013.

LABOV, W. (1972/2008): *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LABOV, W. *The social stratification of English in New York City*. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1966.

MILROY, Leslie. *Language and Social Networks*. Oxford, 1980.

PEÑA-CASANOVA, Jordi; PAMIES, M. Pérez. *Reabilitação da afasia e transtornos associados*. [tradução Daniela Gil, Rosimeire Zazo Ortiz] – Barueri, SP; Manole, 2005.

SEARLE, J. R. *Expressão e significado*. Estudos da teoria dos atos de fala. São Paulo: Martins Fontes, 1995: Os atos de fala indiretos, p. 47-94.

TRUDGILL, P. *The Social Differentiation of English in Norwich*. Cambridge: Cambridge University Press, 1974.

WEINREICH, Uriel. *Languages in Contact: Findings and Problems*. 1970. The Hague:Mouton. [Originally published as Publications of the Linguistic Circle of New York, no.1, 1953.].

XAVIER, Albó. *Social Constrains on Cochabamba Quechua* – Cornell University, 1970.

ANEXOS

- PRIMEIRO QUESTIONÁRIO

PRIMEIRO QUESTIONÁRIO APLICADO AOS INFORMANTES

Número do informante _____

Nome do informante _____

1. Idade _____

2. Sexo M _____ F _____

3. Formação Profissional: _____

a. Profissão nos EUA _____

b. Profissão no Brasil _____

4. Cidade / Estado de origem: _____

5. Educação: Estudou em escola pública _____ escola particular _____

6. Nível de escolaridade (até onde chegou): primário _____ secundário _____ superior _____ pós-graduação _____ Anos completados _____
7. Classe social a que pertence: Alta _____ Média _____ Trabalhadora _____
8. Tempo passado nos EUA _____
9. Anos nos EUA _____ Idade em que chegou aos EUA _____
10. Por que veio para os EUA? _____
11. Identificação nacional:
- Como você se identifica (nacionalidade)? _____
 - E seus filhos? _____
 - Você é casado com pessoa de outra nacionalidade? Sim _____ Não _____ Qual? _____
 - Como prefere que o/a identifiquem: hispano _____ latino _____ brasileiro _____
12. Pai: Local de nascimento _____ profissão _____ grau de escolaridade _____
13. Mãe: Local de nascimento _____ profissão _____ grau de escolaridade _____
14. Qual é a nacionalidade da maioria de seus vizinhos? _____; e de suas amizades? _____
15. Você tem intenção de retornar ao Brasil? _____; ou gostaria de ficar aqui? _____ Por quê? _____
16. Inglês e português:
- Fala inglês? Sim _____ Não _____ Excelente _____ Muito bem _____ Razoável _____ Mal _____
 - Fala português? Sim _____ Não _____ Excelente _____ Muito bem _____ Razoável _____ Mal _____
17. Qual idioma aprendeu primeiro? inglês _____ português _____ ambos juntos _____
18. Em que idade aprendeu o outro idioma? _____
19. Como/onde o aprendeu? escola _____ TV _____ família _____ Internet _____ curso de idiomas _____ outro (qual?) _____
20. Qual idioma você sabe mais? inglês _____ português _____ os dois _____
21. De qual você gosta mais? inglês _____ português _____ dos dois _____
22. Leitura e escrita:
- Sabe ler _____ e escrever _____ em português.
 - Sabe ler _____ e escrever _____ em inglês.

23. Marque I, P, A nos espaços correspondentes (I = inglês, P = português, A = ambos):

Qual (is) idioma(s) fala [ou falava] com seu(s):

Pai _____ mãe _____ irmã(o) _____ filhos menores _____ filhos maiores _____
 outros parentes _____ esposo(a) ou noivo(a), namorado(a) _____ amigos _____
 chefe _____ colegas de trabalho _____ colegas de escola _____ vizinhos _____

24. Marque P, M ou N nos espaços correspondentes (P = pouco, M = muito, N = nenhum):

Quanto português você usa: em casa _____ na escola _____ no trabalho _____ em
 atividades sociais _____ ao ler _____ ao escutar o rádio _____ ao assistir à
 televisão _____ na Internet _____

25. Alguma vez você combina os dois idiomas? Sim _____ Não _____

Alguma razão? _____

26. Conhece outro(s) que faz(em) isso também? Sim _____ Não _____

Quem? _____

27. Em que situação você mescla (ou já mesclou) os dois idiomas?

Situação profissional _____ conversa com amigos _____ família _____ escola _____

Outra (qual?) _____

28. Acredita que a alternância/mescla ocorre porque aqueles que a fazem: (S) Sim /(N) Não

a. sabem os dois idiomas bem _____ b. não sabem os dois idiomas bem _____

c. existem as duas possibilidades _____

29. Qual a sua opinião sobre mesclar? _____

30. Aceita a mescla em situações:

informais (ex. com amigos) Sim _____ Não _____

formais (ex. com seu chefe/professor/autoridade) Sim _____ Não _____

ambas _____ nenhuma _____

31. Você acha que “mesclar” causa problemas ao português? Sim _____ Não _____

32. Você acha que “mesclar” causa problemas ao inglês? Sim _____ Não _____

33. Você acha que os brasileiros, nos EUA, devem manter o português? Sim _____
 Não _____

É muito importante _____ é importante _____ não importa _____

34. Você gostaria que seus filhos e netos aprendessem: português _____ inglês _____
 ambos _____

Por quê? _____

35. A sua opinião sobre a educação bilíngue é:

positiva _____ negativa _____ não a conheço _____

Por quê? _____

36. Você acha que os pais brasileiros devem ensinar português aos filhos em casa?

Sim _____ Não _____

37. Os patrões / chefes têm direito, na sua opinião, de exigir que seus empregados falem somente em inglês? Sim _____ Não _____

- SEGUNDO QUESTIONÁRIO

SEGUNDO QUESTIONÁRIO APLICADO AOS INFORMANTES

Número do informante _____

Nome do informante _____

Local de residência: _____

1. Idade _____

2. Sexo M _____ F _____

3. Formação Profissional: _____

a. Profissão nos EUA _____

b. Profissão no Brasil _____

4. Nível de escolaridade (até onde chegou): primário _____ secundário _____
superior _____ pós-graduação _____ Anos completados _____

5. Classe social a que pertence: Média _____ Trabalhadora _____

6. Tempo de residência nos EUA _____

7. Por que veio para os EUA? _____

8. Você tem intenção de retornar ao Brasil? _____; Por
quê? _____

9. Qual sua fluência no inglês? Fluente _____ média _____ mínima _____

10. Qual idioma aprendeu primeiro? inglês _____ português _____ ambos juntos

11. Em que idade aprendeu inglês? _____

12. Como/onde aprendeu inglês?

escola _____ TV _____ família _____ Internet _____ curso de idiomas _____
outro (qual?) _____

13. Qual idioma você sabe mais? inglês _____ português _____ os dois igualmente _____

14. De qual você gosta mais? inglês _____ português _____ dos dois igualmente _____

15. Marque P, M ou N nos espaços correspondentes (P = pouco, M = muito, N = nenhum):

Quanto português você usa: em casa _____ na escola _____ no trabalho _____
em atividades sociais _____ ao ler _____ ao escutar o rádio _____ ao assistir à
televisão _____ na Internet _____ na igreja _____

16. Alguma vez você misturou os dois idiomas? Sim _____ Não _____

Alguma razão? _____

17. Conhece outro(s) que faz(em) isso também? Sim _____ Não _____

Quem? _____

18. Em que situação você mescla (ou já mesclou) os dois idiomas?

Situação profissional _____ conversa com amigos _____ família _____ escola

Outra (qual?) _____

19. Acredita que a mistura entre os dois idiomas ocorre porque aqueles que a fazem:

a. sabem os dois idiomas bem _____ b. não sabem os dois idiomas bem _____

c. existem as duas possibilidades _____

20. Qual a sua opinião sobre mesclar? _____

21. Você aceita a mescla em situações:

informais (ex. com amigos)? Sim _____ Não _____

formais (ex. com seu chefe/professor/autoridade)? Sim _____ Não _____

ambas _____ nenhuma delas _____

22. Você acha que os brasileiros nos EUA devem manter o português? Sim ____ Não ____

É muito importante _____ é importante _____ não importa _____

23. Você conhece palavras ou expressões que foram criadas por uma mistura entre o português e o inglês? Favor listar abaixo:

24. Leia o texto abaixo e circule a(s) palavra(s) que você considera incorreta(s):

Minha amiga Patrícia trabalha com marketing e agora no final do ano ela está muito bisada porque trabalha com remessa de mercadorias e tem que shipar várias encomendas. O problema é que todo mundo deixa para ordenar os pedidos na última hora. Em casa ela não tem tido tempo nem para fazer as camas, fazer a laundry e muito menos para chamar os parentes no Brasil. Às vezes, quando fica stuckada no trânsito, ela aproveita para textear ou espicar com eles. Amanhã ela está suposta de faltar ao trabalho porque tem um apontamento com seu oftalmologista. Espero que no weekend ela tenha um bom tempo.

25. Leia o grupo de palavras abaixo e, dentre as três em cada linha, marque um “X” diante daquela que você MAIS USA (ou USARIA) nas suas conversações do dia a dia:

- a. parkear _____ / park _____ / estacionar _____
- b. printar _____ / print _____ / imprimir _____
- c. shopar _____ / shop _____ / comprar _____
- d. ordenar _____ / order _____ / pedir _____
- e. chamar _____ / call _____ / telefonar _____
- f. deletar _____ / delete _____ / apagar _____
- g. forgetar _____ / forget _____ / esquecer _____
- h. rentar _____ / rent _____ / alugar _____
- i. aplicar _____ / apply _____ / candidatar _____
- j. estartar _____ / start _____ / começar _____
- k. mopear _____ / mop _____ / passar o esfregão _____
- l. vaquear _____ / vaccum _____ / aspirar o pó _____
- m. salvar _____ / save _____ / guardar _____
- n. aplicação _____ / application _____ / requerimento _____
- o. apontamento _____ / appointment _____ / consulta _____
- p. tíquete _____ / ticket _____ / multa de trânsito _____
- q. bugado _____ / bug _____ / defeituoso _____
- r. frizado _____ / freezing _____ / gelado _____
- s. bisado _____ / busy _____ / ocupado _____
- t. stuckado _____ / stuck _____ / agarrado _____

26. Releia as palavras acima e CIRCULE aquelas que você NUNCA USA (ou NUNCA USARIA).

27. Agora, escreva abaixo POR QUE você NUNCA USA (ou NUNCA USARIA) as palavras que você circulou:

- TRANSCRIÇÃO DO TEXTO ORIGINAL DA JORNALISTA MELANIE GARUNAY PUBLICADO NO BLOG OFICIAL DA CASA BRANCA SOBRE O DISCURSO DO PRESIDENTE AMERICANO BARACK OBAMA A RESPEITO DE IMIGRAÇÃO

President Obama: "Immigrants and Refugees Revitalize and Renew America"

DECEMBER 16, 2015 AT 11:10 AM ET BY MELANIE GARUNAY (the WHITE HOUSE president barack obama)

Summary:

President Obama welcomed new Americans at a naturalization ceremony in Washington, D.C.

President Barack Obama participates in a naturalization ceremony at the National Archives in Washington, D.C., Dec. 15, 2015. Next to the President from left, Deputy Secretary Alejandro Mayorkas, Department of Homeland Security; Leon Rodriguez, Director, U.S. Citizenship and Immigration Services; Chief Judge Richard Roberts, U.S. District Court for the District of Columbia, and David S. Ferriero, Archivist of the United States. (Official White House Photo by Pete Souza)

On Tuesday, President Obama spoke at a naturalization ceremony in Washington, D.C., welcoming men and women from more than 25 countries as new citizens to this country.

He talked about how immigration is our nation's origin story ...

"Just about every nation in the world, to some extent, admits immigrants. But there's something unique about America. We don't simply welcome new immigrants, we don't simply welcome new arrivals -- we are born of immigrants. That is who we are. Immigration is our origin story. And for more than two centuries, it's remained at the core of our national character; it's our oldest tradition. It's who we are. It's part of what makes us exceptional. After all, unless your family is Native American, one of the first Americans, our families -- all of our families -- come from someplace else."

... and reminded us that though we haven't always lived up to these ideals ...

"From the start, Africans were brought here in chains against their will, and then toiled under the whip. They also built America. A century ago, New York City shops displayed those signs, 'No Irish Need Apply.' Catholics were targeted, their loyalty questioned -- so much so that as recently as the 1950s and '60s, when JFK had to run, he had to convince people that his allegiance wasn't primarily to the Pope.

"Chinese immigrants faced persecution and vicious stereotypes, and were, for a time, even banned from entering America. During World War II, German and Italian residents were detained, and in one of the darkest chapters in our history, Japanese immigrants and even Japanese American citizens were forced from their homes and imprisoned in camps. We succumbed to fear. We betrayed not only our fellow Americans, but our deepest values. We betrayed these documents. It's happened before.

"And the biggest irony of course was -- is that those who betrayed these values were themselves the children of immigrants. How quickly we forget. One generation passes, two generation passes, and suddenly we don't remember where we came from. And we suggest that somehow there is 'us' and there is 'them,' not remembering we used to be 'them'."

... we must, as citizens, do the continual work of living up to our values as Americans and standing up for the rights of others.

"On days like today, we need to resolve never to repeat mistakes like that again. We must resolve to always speak out against hatred and bigotry in all of its forms -- whether taunts against the child of an immigrant farmworker or threats against a Muslim shopkeeper. We are Americans. Standing up for each other is what the values enshrined in the documents in this room compels us to do -- especially when it's hard. Especially when it's not convenient. That's when it counts. That's when it matters -- not when things are easy, but when things are hard."

- TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS (trechos mais pertinentes ao assunto dessa pesquisa)

1H – "...não sei, acho que às vezes acaba querendo criar uma nova expressão ou... não sei... talvez... de alguma forma fazer com que a outra pessoa também entenda o que ele

tá querendo... a informação que ele tá querendo passar.. acontece, assim, às vezes, você usa uma expressão que você não entende, não sabe nem de onde veio.. você pergunta, aí eles vão explicar o que que é e aí você acaba associando, mas de início você não consegue associar uma coisa com a outra.....Ah... tem algumas expressões que as pessoas usam muito quando vai estacionar o carro. Fala vai parkear o carro ou vai iniciar uma máquina, ligar uma máquina pra ela começar e tem que apertar o botão de start. Eles falam vão estartar a máquina... alguma coisa assim, eles usam bastante.”.

2M - “...com os meus amigos eu falo mais inglês, na escola somente o inglês e na minha casa mais o português... pelo fato de saber as duas línguas, a palavra que vem primeiro à mente é a que a gente usa... conversa entre amigos, costume mesclar muito... pode (causar problemas no português) pelo fato de você criar palavras que não existem..”.

3H - “...em casa nós usamos mais o português, mas usamos sempre o inglês também... é... porque nós temos que lidar com telefonemas, com... é... pessoas que chegam para fazer alguma encomenda, correio e eu tenho que lidar com o inglês e com o português todos os dias porque nós temos que lidar com a sociedade em todos os aspectos... ir a mercado, supermercado..é...é.... gasolina, resolver problema de carro, de saúde, hospital, hospital principalmente, então, nós temos que lidar com os dois idiomas, muito, o tempo todo... tanto a programação de rádio quanto de televisão pra nós é tudo em inglês... (misturar os dois idiomas) isso constantemente acontece, principalmente quando nós estamos na comunidade misturada ou até mesmo na igreja aonde existem pessoas que só falam inglês ou que falam inglês e português e nós precisamos... é.... usar uma palavra em inglês, outra em português... (porque isso acontece) eu acredito que é a facilidade imediata do que vem na nossa mente na hora de expressar... é o que vem primeiro... é o que vem mais fácil na nossa mente pra poder expressar... acontece muito com amigos... e... e... também situações profissionais porque nós precisamos estar bem... é... certos de que a pessoa entendeu o que realmente nós queremos falar ou responder... porque se você fala muito bem mesmo, fluente o inglês... se você tá conversando com o americano, você vai ter que falar só o inglês... não tem como você falar o português. Agora, isso acontece é... quase que como uma coisa natural ou como um acidente quando você tá conversando com outro brasileiro que fala também fluente o inglês, mas que... é... sempre sai uma palavra em português, sempre sai... você fala uma frase em inglês e acaba pronunciando uma palavra em português no meio... depende muito da situação, do ambiente e tudo... isso causa problema no português

quando a pessoa não é... quando ela não é bem estruturada na língua portuguesa, aí causa muitos problemas... aí ela nem aprende o inglês, nem fala o português direito e isso acontece muito porque, infelizmente, principalmente aqui em Nova Iorque, uma grande parte dos imigrantes brasileiros não estudaram... é... não fizeram um curso bom, não têm uma boa base de português e falam um português muito errado e o inglês quase que a mesma coisa. Infelizmente, nós lidamos com pessoas que não têm... não têm um vocabulário bom em português e... e... o pouco que conhecem, eles falam errado, muitas vezes... o que influencia a língua inglesa, não a língua inglesa em si, influencia a comunidade que fala inglês é... é... que eles começam a aporuguesar o inglês... o inglês... falar o inglês como se estivessem falando em português e aí eles arrumam uma confusão e... e... você não sabe o que realmente eles tão querendo entender... só quem convive com eles é que sabe... até o americano não entende muitas vezes o que ... o que ele quer dizer... o que que ele tá querendo falar com isso... e o... e o brasileiro que estudou muito bem o inglês, mas que é... que ele é equilibrado nisso... e... é... é... uma pessoa estruturada e... como que eu podia dizer em português... é quando ela é... ela tem uma boa facilidade de expressão... quando o outro usa uma palavra de forma errada, tanto no português quanto no inglês, aí cria-se, cria-se uma dificuldade de compreensão...”

4M – “...(sobre mesclar os dois idiomas)...várias vezes... ah, às vezes cê tá no carro com alguém e a pessoa vai estacionar... aí você usa o termo, né, ah... fulano tá parqueando lá na frente, vai pro outro lado... isso não existe... (risos)... nem em inglês isso existe... muito... muito... e as palavras que não existe, a verdade é essa porque nem em inglês existe... a gente inventa, né? (risos)... não sabe bem (os dois idiomas), nem um nem outro, então a gente acaba vacilando na hora de pronunciar aquilo... cê num fala nem uma coisa nem outra... (prejudicar o português)... eu acho que pode.. porque você cria verbos que não... Nos Estados Unidos.... a língua americana... as pessoas até criam verbos, né? Tipo é... um exemplo que aqui eles usam muito que já virou verbo e eu falo isso não existe em português... mas no inglês existe... é quando você vai google alguma coisa por exemplo... google it virou um verbo, entendeu? Você vai google aquilo é como se... assim googar, né? Googa isso, googa aquilo... virou um verbo. Mas no americano isso já entrou na cultura e no português eu não tenho isso, entendeu? Nós não temos isso no português, então... por isso que eu acho...e a pessoa pensa que já tem a palavra... fala normalmente ..eu guguei.. as pessoas falam assim isso...pro americano já soa de uma maneira normal, mas em português num tem... e a pessoa

acha que já tem a palavra até... já escutei pessoas falando aqui por exemplo o verbo... você vai park o carro.. parkeando é português e digo... gente, mas isso não é português... português é estacionando, estacionar, estacionei... não, não... é parkeando... gente, a pessoa já tá achando que é português... ”.

5M – “(sobre mesclar os dois idiomas)...não tive essa oportunidade, porque eu não falo muito, então... ou é o inglês mesmo, ou só o português, né? (sobre outras pessoas que mesclam)... sim, muito... começa a falar o português, depois começa falar o inglês... eu acho assim, que pra você aprender você tem que falar ou uma ou outra...eu acho que eles não sabem as duas...(sobre o uso de inovações)... falta de estudar mais e aprender a língua... ”.

6M – “...eu tive lukímia (leukemia)... ...o que se fazia com 50 dólar? Na época podia fazer porque o token era 50 centavo, né? Era uma cora, depois mudou pra 50 centavo... ...eu só trabalho pro high class... (sobre o uso de inovações)... tem... tem... quando a gente mora...ah... tem muitas vezes, quando você, né...que você...às vezes tem palavra corridera que a gente...é... não lembra como falar no português, principalmente quando você mora muitos ano e tipo o... todos os meu trabalho, fala inglês.... ...eu estudo francês no meu ipad...(sobre falar o inglês)... os Estados Unido nos acolheu de braços aberto e então o mínimo que nós podemos ter, né, é falar..vai dar greencard pra uma pessoa que não sabe nem falar o money....e tem muitos brasileiro que vive 30, 40, 60 ano aqui e não fala inglês...não fala inglês... você tá num país e o mínimo que você tem que fazer é falar a língua deles... ”.

7H – “...quando eu vim pra cá, eu pensei que eu falasse inglês... mas, eu pude perceber que eu não sabia nada... eu cheguei aqui e não fui pra escola.. foi um erro,né?... aprendi inglês no peito e na marra.. no peito e na raça... informalmente.....(sobre mesclar os dois idiomas)..... ahhh.. sim... às vezes eu tô falando com um americano, e o cara é muito meu amigo, de relacionamento comercial....mas, eu, às vezes, eu falo português, uma palavrinha e eu falo... oh... ops... sorry!.... um dia ele me pediu pra pegar um pote de água, um pote não, um engradado de água no basement. Eu vim com a mangueira de incêndio no ombro...(risos)...porque eu não entendi o que ele queria... (risos)....quando a gente chega aqui, se a gente se envolve muito no meio brasileiro, no meio da nossa origem, da nossa raça, eles são... algumas pessoas falam um pouco mais, outras um pouco menos. E essas pessoas que falam um pouco menos, elas acabam adquirindo vícios errados, que acabam que mais tarde, elas não se dão conta naquele momento, mas mais tarde, elas vão carregar esses

vícios e pra sumir, desaparecer, pra apagar esses vícios de linguagem, igual parkear...né?... então, a gente escuta muito, né?...principalmente dentro das igrejas, a gente escuta... mas isso é proveniente do quê?... dá... dá... de quando chegou, ele ouviu aquilo e adotou aquilo, porque foi fácil...é.. na verdade..é.... por isso até que eu optei a não trabalhar muito pra brasileiro, porque eu percebi que eu ia acabar... (sobre prejudicar o português)... eu percebo que...é... o fato de..de....o simples fato da gente tá falando outra língua mais do que o nosso.. ou...talvez nem falando, mais...consumindo mais a língua, uma outra língua... na hora da gente escrever ou ler, depois de nove anos e meio, por exemplo, que é o meu exemplo, eu sinto alguma dificuldade, às vezes, de me lembrar alguma palavra em português... alguma dificuldade de me lembrar...é...como se escreve... então prejudica sim, se a pessoa não tá sempre exercitando e sempre buscando o correto, né, por mais que ela fale errado, mas se ela não insistir no correto, ela acaba que ela cria... acaba criando uma outra língua completamente diferente em que vai danar os dois... vai danar o português, o inglês e a língua que ela tá criando...”.

8M – “(sobre mesclar os dois idiomas)...sempre, né?... depois de um certo período a gente começa a verbalizar, a conjugar o verbo inglês em português, né? parkeia... você parkeia... você faz o seu... você tá bisada... quer dizer, não que você esteja falando errado, você tem.. tem pessoas que acham que tá falando correto, né? (porque fazem isso)...eu acho, acho que é o brasileiro, acho que é o nosso hit... assim... porque o nosso verbo...a..a.. *I'm busy*...né?...aí a gente fala, eu estou bisada...(risos)...e você traduz, né?...tipo...eu não sei se... de repente, assim, ó... algumas pessoas, não... por não saberem ..já, já entram, tipo assim, entram na partida jogando.... já é apresentada aquela forma, então.. aí depois que apresenta, que você passa a saber que é errado, você pega um pouco de hábito...como, tipo assim, como já é uma outra língua, então você acaba... tô parkeando...a.. *I'm parking*... ao invés de você usar o ‘ing’ você vai usar o ‘and’... (risos) Mas eu acho que é meio que..no fundo, eu acho que todos sabem que o verbo é parking, não é parkeando...não é?... eu acho que...mas, assim,é bom, é uma vantagem, uma outra língua, mas você acaba..../(sobre um membro da família)...mas o background dela é dominicano... quando minha sogra vem aqui é uma loucura, tem que ficar alguém translate, you know?... / ...vendi meu business... senão você fica só resumida a sua community...”.

9H – “...com meus amigos americanos eu falo inglês, e com meus familiares eu falo português...porém, com meus amigos que são filhos de brasileiros, mais que são

americanos, nascidos aqui, como eu, nós misturamos os dois, depende do tempo, nós falamos tanto inglês como português, um com o outro... (sobre mesclar os dois idiomas)...sim, o tempo todo... meus amigos que são brasileiros e americanos ao mesmo tempo, são filhos de brasileiros, porém, nascidos aqui... quando eu estou com amigos que falam o português e que falam o inglês fluente, excelente, nós misturamos... uma sentença pode ter tanto o inglês e o português ao mesmo tempo... (sobre inovações) ...vários... um deles e é o que eu mais odeio, que eu acho horroroso, é o parkear. Os meus amigos, alguns, amigos meus que são filhos de brasileiros que moram aqui acreditavam que parkear fosse uma palavra legítima, só que eu... quando eu vim pra cá, eu já sabia o português. Sabia que essa palavra não existe e eu fiquei assustado... parkear serve pra estacionar. Eu acho horrível essa expressão... (sobre o uso das inovações) ...todos usam... todos utilizam dessas palavras. Só que quem mais utiliza são as pessoas com menos educação porque elas não estão aprendendo nem o inglês e também não tem o português desenvolvido. E com essa falta de desenvolvimento das duas línguas, a mistura das duas pra poder tentar se comunicar melhor ocorre naturalmente.”.

10M – “(sobre o aprendizado de inglês)...aprendi aqui... escola regular nunca fui, nem aqui nem no Brasil...aprendi ouvindo as pessoas falarem, falando errado e depois acertando, né? e.. 28 anos... e ainda tô aprendendo...(sobre inovações)...o costume... ouve outras pessoas falarem, é automático, entendeu? Fala o inglês bem, mas, às vezes, conversando em português, automaticamente /...parkear eu já ouvi muito... a maioria fala parkear. Quando eu vim pra cá.. ué... eu falei: o que que é isso? É estacionar, né? Mas aí, com o tempo, você vai... aquela palavra estacionar já não tá mais no seu vocabulário e aí você conversando com brasileiro... você vai falar parkear mesmo...(risos)..(sobre prejudicar o português)...eu acho que prejudica as duas... porque fica um inglês feio, muito feio....e o português também, né, porque aí a gente nem aprende o inglês e esquece o português e aí você fica como você falou...é uma nova língua..nem uma língua....um...sei lá.... um dialeto...(risos)...”.

11M – “(sobre o aprendizado do inglês)...eu não fui pra faculdade, não tive tempo pra estudar, só vivo trabalhando...então... num parei pra estudar...como que fala, especializar no inglês...(sobre o uso das duas línguas) ...se a gente tá envolvido com os brasileiros,é português...se tem americano, ou filipinos ou outras raças que a gente tem amizade, então, usa inglês...(sobre o uso de inovações) ...várias vezes.. (risos)...a gente acostuma misturando tudo... a gente acaba misturando, sem querer, acaba

falando...assim, às vezes a gente vai usar uma palavra assim... ah eu vou parkear o carro, né? Peraí que eu já vou parkear o carro...num é realmente parkear, né?...estacionar... então, é assim... é porque o inglês é park, então a gente acaba emendando uma palavra com a outra... é sem querer....(sobre porque ocorrem as inovações) ...eu conheço várias amigas, que inclusive são professoras de inglês e falam muito bem o inglês, domina bem o português também e outras línguas e, às vezes, eu acho que isso é uma... tipo assim, no convívio que você vive, tipo com os brasileiros, porque no caso, se você trabalha pra americano, cê tá só falando americano, só o inglês, e aí cê se mistura com os brasileiros,cê acostuma, sem querer, mistura as palavras... (sobre o uso de inovações em relação a classe social)... eu, na minha opinião, não tem nada a ver...o importante é você se comunicar. Eu, assim, não me interessa a classe social... o importante é você se comunicar...eu assim, eu... fui pra escola muito velha já... não estudei muito. Não fui pra classe... não fui progredindo...”. 12H.”...quando você vai fazer qualquer aplicação aqui, você tem que colocar latino... (sobre o uso de inovações)...sim, eu tenho tentado melhorar isso, mas durante muito tempo a gente fez isso sim.. ...conheço muita gente, é... (que faz)...ah...eu, por exemplo, andando com a pessoa no shopping e a pessoa falar assim... ou tá no mall e a pessoa fala assim: a gente tem que subir aquela escadeira. Na verdade é uma escada rolante, né? E a pessoa... porque é escalator, aí a pessoa fala aquela escadeira. E você fica assim... há um tempo atrás pra mim tava bem normal porque a gente... todo mundo falava ou então eu vou ali porque é... a... eu te falei, to procurando melhorar isso, mas a gente então é... a gente usa o tempo todo frases que misturam o inglês com o português... a gente faz isso constante..e eu conheço muita gente que faz... eu tenho tentado melhorar...(sobre porque ocorrem inovações)...eu tenho observado que depois que passa o tempo, a gente começa a perder a noção da língua...a gente perde literalmente a noção... você começa a perder a noção da língua depois de um tempo... e tem gente, eu vejo pessoas que falam totalmente, assim, bem natural...ela não percebe que ela tá misturando as línguas... a pessoa trabalha, por exemplo, no nosso meio, aqui na igreja, você vai encontrar baby sitters, você vai encontrar pessoas que são housekeepers e essas pessoas trabalham no meio americano o dia inteiro... quando ela chega aqui, ela não encontra as palavras, então aquilo que sai, e começa a virar uma língua no nosso meio...vira uma língua própria... a gente cria...”.

13H –“(sobre o uso das duas línguas)...em casa agora eu tô falando os dois, o inglês e o português porque meu filho tá na escola, então eu tenho que falar inglês com ele... ele

tem o homework pra fazer, trabalho de casa, essas coisas, então eu tenho que falar inglês com ele... (sobre o uso de inovações)... ah, sim..várias vezes... é, por exemplo, quando eu tô falando em português com algumas pessoas, com brasileiro, a gente não fala estacionar o carro...fala eu vou ali parkear meu carro...essa é a expressão que a gente usa aqui...(sobre porque misturar as línguas)...elas sabem as duas línguas, e às vezes...tá...tá...é...difícil...é...é...difícil, como é que fala, é...é... cê comunicar com a pessoa em português, que tem que tê certas coisa que tem que falar, colocar o inglês no meio e aí você fala, mistura tudo... (sobre a exigência de se falar só inglês no trabalho)...eu acho que isso é ignorância do patrão, porque nós tamo num país que...que..país de imigrante...aqui, aqui num tem só americano, tem pessoal de todo o mundo. Então o patrão, ele tem que...e a mão de obra barata aqui é de imigrante, então o patrão ele tem que aceitar que os empregado dele fale outra língua sem sê o inglês, que é favorável pra ele...que se ele for empregar um americano que fala o inglês fluente, o americano vai exigir mais...you know... isso é meu ponto de vista.../ eu mais minha esposa... nós tamo com os planos de soon... de .. de.. mais rápido voltar pro Brasil... ”.

14M – “... preparando para o teste da cidade...(cidadania)... (sobre o uso das duas línguas)...(em casa, família)...só português...a minha prática com o inglês é mais só na escola, na minha escola... (com vizinhos)..em inglês...(sobre a mescla das duas línguas)...já...demais....numa sentença só as pessoas usam muito...misturam os dois na mesma sentença. Às vezes, parece que esquece uma palavra como é lá no português, aí fala no inglês, só aquela palavra, duas, três palavras e continua no português...as duas línguas numa frase só...(porque)... varia muito...mas, tem muitos brasileiros aqui que eles não sabem também muito bem o português e assim...eu não sei como é o nível de escolaridade do Brasil, não sei...às vezes tá aqui há muito tempo também e aí escuta muito o inglês...daí cê acaba esquecendo aquela palavra no português e faz essa mistura...não sei se conhece essa palavra.. gororoba...faz essa gororoba...(risos) de...misturando,misturando tudo...mas, eu acho que não sabe muito bem nem o português nem o inglês, aí junta os dois pra conseguir se expressar...”.

15M – “(sobre o uso das duas línguas)...com meu esposo eu falo português, agora com meu filho, é o que vem primeiro..no meu trabalho, só inglês... se eu estou na igreja brasileira, eu falo o português, né, se eu estou com alguns amigos americanos ou da língua estrangeira, né, aí eu falo o inglês... no meu trabalho, eu trabalho só com americano, então, eu tenho que falar só inglês...(sobre mesclar os dois

idiomas)...misturo...(se conhece quem mistura)...muitas, muitas pessoas.... eu misturo muito, às vezes....(porque)....eu penso, que como a gente no nosso cotidiano é conversar os dois, então na hora...quando a gente começa...não é que a gente não sabe falar o português ou não sabe falar o inglês...é a força do hábito...força do hábito de ficar trocando palavras...”.

16H – “(sobre o uso das duas línguas)...eu convivo mais com o português, mas no trabalho é inglês, então a hora que eu saio do trabalho é só português...(em casa, igreja, amigos)...só português...(sobre mesclar as duas línguas)... já... já... tem palavras, né, que eles não sabem talvez como que traduzir pro inglês, ou pra traduzir pra português, inglês, então...tipo assim, eles muda as palavras...ah... tem...igual...é...greencard... é ‘grincá’, eles num sabe...cartão verde...é esquisito, né, talvez...é...parquear o carro ou então estacionar o carro que é park em inglês pra parquear o carro...é um pouco esquisito...porque eu sei que é estacionar o carro... (porque)...eu acho que eles convive muito com o inglês e eu acho que eles tenta traduzir pro português na mente do que só fluir assim de cabeça...então, eles traduz e na hora que traduz sai com uma frase tipo um pouco esquisita...eu penso que é assim, entende?...”.

17M –“(sobre o aprendizado do português)...sim, em casa...foi até a primeira linguagem que eu aprendi...e na escola eu fui perdendo e eu fui pegando o inglês... (sobre o uso das duas línguas)... depende do dia, às vezes, assim, até meus próprios pais, às vezes eles falam comigo em inglês e eu respondo em português ou eles falam em português e eu respondo, assim, metade em inglês, metade em português e a mesma coisa com meus amigos...às vezes a gente começa falar em português e do nada a gente já tá falando inglês...(sobre o uso de inovações)...sim...eu não lembro muito, mas eu sei que, às vezes, assim, porque eu escuto os adultos falar e eu falo em casa e minha mãe fala assim... ué...onde cê tirou isso?Aí eu falo...ah, escutei na igreja...agora não lembro, mas eu já escutei sim, algumas coisa que eu falo assim...eh aquilo ali era uma palavra ou só um jeito de falar?... (porque)...eu acho que é porque do mesmo jeito que, assim, eu aprendi o português primeiro e eu fui perdendo porque eu fico misturando o inglês com o português, eu acho que é a mesma coisa aqui...eles..né que eles num sabem, mas às vezes esquece de algumas coisa... até meus próprios pais quando eles ligam pro Brasil pra falar com os pais deles... eles já falam... é ... mas essa palavra não existe.. igual assim.... invés de imprimir uma coisa do computador, eles falam vão printar uma coisa...(sobre manter o português)...eu acho importante aprender o certo porque, às

vezes, quando a gente fala com os parentes do Brasil, eles mesmo fica corrigindo a gente falando...ué, mas isso daí não existe, essa palavra não existe...aí você fica assim...ué, mas meu pai que fala isso, aí eles vão e briga com os meus pais..então, assim, eu quero aprender o certo pra ensinar os meus filhos o certo...”

18M – “(sobre o uso das duas línguas)...em casa eu falo do que eu chamo de portu inglês, eu falo uma mistura dos dois mas com meus pais é mais português... eu prefiro falar português...com minha irmãzinha eu falo português pra ela aprender e com meu irmão, mais inglês.... com meus amigos brasileiros eu falo mais português, mas também tem uma mistura....e na escola, inglês só....(sobre o uso de inovações)...já... ‘sóda’ (pronuncia o ‘o’ aberto, como em ‘corda’), né, porque em português é refrigerante, mas aqui é ‘soda’ (pronuncia ‘o’ fechado, como em ‘soldado’) , aí eles fizeram ‘sóda’... eu acho normal, pra mim é normal porque quando cê vai ouvindo isso todo dia se vira parte da língua...(porque)...eu acho porque que eles sabem os dois idiomas bem, aí você...como você é brasileiro, a gente é brasileiro, mas como a gente mora aqui, eu acho que cria essa mistura...porque num tem jeito de sair disso...você tá aqui, mas ao mesmo tempo você quer...é...você quer ser brasileiro...a gente tem...a gente tem orgulho disso, aí acaba se misturando tudo...”

19H – “...meu pai... ele chegou aqui primeiro pra achar trabalho, conseguir trabalho e pra fazer um dinheiro pra voltar pro Brasil pra ajudar a família dele. (sobre o aprendizado do português)...em casa mesmo, foi minha primeira língua e depois eu comecei aprender o inglês entrando pra escola...(sobre o uso das duas línguas)... eu uso os dois, com a minha mãe é mais o português e meu pai é mais o inglês..(com irmãos mais velhos, amigos)...inglês...(sobre o uso de inovações)...sim...printar... comecei ver isso aí mais recente que reparei que tava errado, aí corriji...tem uns dois anos já que eu já tô... tô... reparando esses erros e tô tentando corrigir... aí quando eu vê que a pessoa tá falando errado eu corrijo também..(sobre o ensino do português para as próximas gerações)...eu vou querer que eles (filhos) sabem comunicar em português, mas eu não vou...eu não acho que vou ensinar como meus pais me ensinaram, né?...eles vão saber algumas coisas em português, mas não como eu e meus irmãos...”

20M – “(sobre o uso de inovações)... várias... várias... porque eu trabalhei num escritório de contabilidade e o contador mesmo... e eu ficava até chocada, né? ...porque se um contador que tem até um curso, ele formou aqui... como ele pode tá falando palavras que a gente sabe que não existe? Por exemplo, busy é ocupado em inglês, né?

Bisado, não existe... é... quando você vai imprimir uma... alguma coisa, né? Então você... uma printer que é a impressora. Então o que você fala? Ou você vai e fala inglês tudo ou você fala... agora, falar eu vou printar... não existe printar... esse verbo foi criado, então o brasileiro... (porque)...na minha opinião tem muita preguiça de realmente... por preguiça de aprender a língua corretamente e usá-la da forma correta... não querem.... eu acho que elas não querem... porque dá pra ver que essas pessoas que geralmente falam assim são pessoas que tem um nível cultural mais baixo... ”.

21H – “(sobre o uso das duas línguas)...(no trabalho)..inglês, em casa, o inglês porque eu sou casado com uma americana...tô ensinando, os meus filhos também estão aprendendo o português, mas eles dominam mesmo é o inglês...(sobre o uso de inovações)...várias vezes, várias vezes...muitos (brasileiros), quase todos...uma que a gente usa muito, cotidiano, é... eu vou parkear, não existe, isso nem no português nem no inglês...ou.....como índio falando o português,sabe como? fica quebrado... metade inglês, metade português..espanhol...fica uma coisa quebrada... . mesma coisa como eu vou parkear... ou... muitas vezes eles usam você vai de dína... é... quer dizer, vai sair pra jantar... dína... (dinner).. é ... eles usam... pegam a parte fácil do português e a parte fácil do inglês e misturam...(porque)...a maioria num sabe falar muito bem o inglês, e tenta simplificar...eles sabendo que a gente é brasileiro, eles misturam...porque sabe que a gente vai entender, tá mais tempo aqui, fala inglês, então eles sabem que a gente vai misturar, eles vão misturar e a gente vai entender... o americano não entenderia nunca...uma pessoa mesmo brasileira, recém chegada, também não entenderia...mas aí como eles sabem que a gente lida com várias línguas, eles sabem que a gente vai entender, no fundo a gente entende, a gente imagina o que eles querem dizer, mas acaba se entendendo...”.

22M – “(sobre o uso das duas línguas)...(no trabalho)...inglês, só trabalho com americano... ...(português)...com o Brasil e aqui na igreja, com minhas amigas, porque eu não tenho amigo americano, só tenho amigo brasileiro...inglês é só na rua, trabalho...(sobre o uso de inovações)... eu não uso, com certeza não... mas às vezes eles falam assim... não, isso que eu falo... falam assim.. mapiar... não... passar pano no chão... mop eles falam eu vou mapiar... não existe... ah... qual outra? Parkear... não existe.. ... é feio, é feio... (porque) mas porque não aprende o inglês... porque quem sabe inglês não fala... eu acho que não...(sobre prejudicar a língua)...acho que pode, é feio...as duas....porque tá sendo algo que tá criado que não é nem de um nem...juntou as

duas coisas.../...eu faço baby sitter desde que eu cheguei aqui, eu cuido de criança desde que eu cheguei... ”.

23M –“(sobre o uso de inovações)...ah... sempre... a gente tá com brasileiro... com certeza... no caso da nossa profissão... vaquiar, né? Que é passar o aspirador de pó lá no Brasil... que é o vaquiar... que é o vacuum aqui, né? Então a gente fala vaquiar, parkear... então a gente sempre tá fazendo essas expressões, né?... (porque)..eu acho que o pessoal quer trazer pro português uma palavra que é de uso..né...inglês, mas, assim, eles querem abrasileirar, né.... eu acho que é tipo assim, fazer uma gíria, né, aí acostuma fazer aquilo ali e vai passando aquilo alí...e é mais uma gíria...e acaba virando uma gíria, um costume...(sobre prejudicar o português)...eu acho que não, sabe por quê, porque eu acho que fica muito limitado ali num grupo alí pequeno...eu acho que isso aí num desenvolve, entendeu?... (sobre prejudicar o inglês)...não, acho que não, creio que não...porque assim, num é aquela...são algumas palavras, assim, bem, bem isoladas que eu não acredito que vai influenciar assim negativamente...acho que mais alguma gíria que fica ali, depois o pessoal sabe, assim, a expressão, né, é..correta.. ”.

24H –“(sobre o uso de inovações)...ah, por exemplo...a gente quando vai estacionar, né?... aqui é diferente...lugar nenhum tá escrito estacionar. Tá escrito park, né?... Os brasileiros aqui?... ah.. os que não sabem inglês falam estacionar mesmo. Eu falo... eu falo estacionar... vou estacionar... os que falam parkear? Tem também. Muitos brasileiros falam parkear... (porque)...eu acho eu eles falam porque eles são entendidos falando assim... eu creio que muitos tem vergonha de que os outros sintam que eles não falam inglês, entendeu? Eu não deixei isso me atingir...eu não me incomodo, eu falo logo que ‘I no speak English’ e cabô... ”.

25M –“(sobre mesclar as duas línguas)...muito...muito normal...(sobre inovações)...o park, por exemplo, estacionamento, né, estacionar... eu vou, eu vou achar um park aqui...ou então, vou parkear aqui que tem uma vaga, tal...parkear não existe, né?...é uma palavra aportuguesada, né?... (porque mesclam)...facilidade..eu acho que o português...ele precisa de mais palavras pra você expressar certas coisas, a frase é mais comprida...e inglês, em poucas palavras você especifica, um, dois, três, o que você quer falar muito mais fácil do que com o português...pra facilitar... ”.

26M - “...(sobre o uso de inovação)..sim..eu mesma, muitas vezes...posso fazer uso dessas expressões, né?...tento me policiar, mas...é..às vezes, no momento me falta palavra em português e acabo falando em inglês...sim... me lembro de parking que seria estacionar, né, parkear... já ouvi marquetiar que seria marketing... marquetiar,

shipar... que seria o envio, né? Na verdade, eu acho que nem saberia exatamente a tradução da palavra... shipping...o envio de uma encomenda... shipar a carga...(porque)...eu creio que uma das razões, é o fato de, às vezes, no momento...é...haver uma deficiência de memória e aí a pessoa não lembrar a palavra em português, né, isso acontece comigo também... creio também pela questão de facilidade, né...para comunicar...eu creio que essas seriam duas das razões que, né, as pessoas utilizam...é...essas expressões que não existem e que elas somente são entendidas por brasileiros que estão aqui, porque quando a gente chega no Brasil e fala essas expressões pra familiares as pessoas nos olham com interrogação...não compreendem...”.

27M –“(sobre o uso de inovações)..já...uma que eu sempre lembro é o parkear... que quando a gente vai estacionar o carro, a gente não fala estacionar, fala parkear....tem outras palavras em inglês que a gente brasileiriza muito ela, põe ela em português, é, mistura português e inglês...muito...tem muito brasileiro que faz isso frequentemente...a gente faz várias...(sobre prejudicar o português)...pode, porque se ocê tá falando em português, a pessoa, o brasileiro que tá escutando, vamo supor, se for do Brasil num vai entender o que que cê tá falando e o americano também muito menos porque é uma língua que não existe... (sobre prejudicar o inglês)...acho que sim, porque, às vezes, quando cê vai falar o inglês cê joga aquela palavra aportuguesada no meio de uma conversa...isso já aconteceu comigo, eu tava falando inglês e quando eu vi eu tava jogando palavras em português que são essas palavrinhas tipo parkear ou alguma coisa assim...(porque)...ah, eu acho que no fundo, no fundo, é falta da...de falar o português...e também eu acho que cê acaba sentindo a falta do português e então cê acaba buscando...aquela saudade te faz buscar algumas palavras, algumas situações e ocê acaba tentando alí misturar as duas...”.

28H –“(sobre o uso das duas línguas)..em casa eu falo português o dia inteiro, no trabalho...só inglês...tenho muito pouco contato com vizinho...quando eu tô no nosso ambiente eu falo português, quando eu tô lá fora eu somente falo inglês...(sobre o uso de inovações)...sem querer, às vezes, a gente fala... as pessoas falam vou parkear... é... que mais que fala?.... Tô muito busy hoje...(porque)...é porque costuma ouvir muito o termo...então, cê tá sempre ouvindo alguém falando....ele ouviu alguém no passado falar pra ele repetidas vezes e ele foi acabou fazendo, usando o mesmo termo...eu acho que é pelo costume de ouvir as pessoas falarem assim...eu acho que pelo fato docê falar duas línguas, cê geralmente fica... assimila dos dois lados...então quando cê ouve muito

aquela informação sempre igual de uma língua, por exemplo no caso o inglês, cê acaba assimilando e aportuguesa a palavra...eu num acho que é correto isso não, mas é um vício...(sobre prejudicar o português)...se ocê tiver falando com um brasileiro, e falar assim, um brasileiro que não é daqui, ele vai achar que cê tá querendo fazer graça, querendo esnobar, que cê mora aqui...mas no nosso ambiente aqui, não, as pessoas nem percebem que cê tá falando...”.

29M –“(sobre o uso de inovações)...já...acho que todo mundo...a Áurea falou que tinha parkeado o carro no estacionamento. Aí eu assustei que eu nunca usei essa palavra na minha vida. Então me estranhou, aí ela explicou que era de parkear, que falou que isso existia e pra mim não existia. É... num primeiro momento foi estranho, mas hoje em dia eu uso essa palavra porque virou costume... em quatro meses eu já acostumei falar isso...várias outras coisas também como aplicar pra prova... eu tô naquela situação de tentar entrar na faculdade... então.. são as aplicações... a gente faz aplicação pra tentar entrar na faculdade e essas coisas não existem, né? A gente faz inscrição no Brasil...(porque)...oh, eu acho que a facilidade...a facilidade pra associar as duas coisas...talvez, até mesmo pra poder lembrar da palavra em inglês, isso ajuda quando ocê transfere aquela palavra pro português, né, o aportuguesamento daquela palavra e também eu acho que é a facilidade da gente falar essas palavras em...colocando elas em português, fica mais fácil da gente lembrar como se usa essas palavras que são diferentes...(sobre prejudicar o português)...com certeza, porque a gente acaba esquecendo a língua natal...”.

30M –“(sobre o uso das duas línguas)...em casa só português, com os filhos é uma mistura, né, do português e o inglês, mas..a verdade...é com os filhos, mais inglês..com esposo, português...com vizinhos, inglês...no trabalho, inglês...(sobre o uso de inovações)... já, já...frequente, sim...até o pessoal aqui daqui mesmo que a gente convive com eles, fala ah... você pode parkear o carro pra mim?... ou... acabei de parkear o carro,tô parkeando, tô chegando, só falta parkear o carro... eu acho bem... é... eu já cheguei a usar, mas assim... de tanto ouvir, mas não gosto... aí eu mudei... falei estacionar... eu mesma me treinei a falar ...(porque)...na verdade eu acho que é uma...na minha opinião pessoal, eu acho que é uma certa confusão que acontece assim na hora, na cabeça, que...aí a pessoa acomoda mais com o que deu ali na hora e fica aquilo mesmo...porque é tanta mistura de português e inglês, inglês e português, em casa português e na rua inglês, aí fica aquela...sei lá...eu acho que parece que pra mim parece isso... se bem que na verdade eu ouço mais é brasileiro que fala pouco o inglês

fazer essa... (sobre prejudicar o português)...acho..acho...o português prejudicado perde a beleza dele...eu mesma me... fico assim... cuidando, vigiando para num entrar nessa... para falar o português direitinho...mas eu tenho me disciplinado, assim, procurado não cair nessa pra deixar o português ficar bem.. bem... falado...”.

31H –“(sobre o uso das duas línguas)...aqui eu uso mais o português, talvez uns 90% em casa seria o português, com minha esposa e com as minhas filhas...especificamente pra elas aprenderem o português, porque é a única maneira, o único vínculo, a não ser a igreja, que elas tem português é em casa, senão elas vão perder o português, então a gente pratica em casa pra elas ...no meu trabalho é inglês só...vizinhos, só inglês...amigos, os dois, inglês e o português e o espanhol também...(sobre o uso de inovações)...eu uso algumas... conheço várias pessoas que... aderimos a um...adicionamos mais um vocabulário no nosso meio, né. oportunhês, né... tem a palavra, por exemplo, estacionar o carro... aqui no inglês é parking, então pra resumir a coisa a gente fala parkear o carro... às vezes a gente usa essa palavra... ou trocar um cheque... eu vou trocar um cheque no banco... no inglês a palavra é... cash the check... aí no português, ele já fala cashar (quechar) o cheque... eu sei que essa palavra é grosseiríssima... cashar (quechar) o cheque... mas eu já ouvi muito.... não que eu usei, mas já ouvi muito essa palavra... quechar o cheque.. (porque)...eu acho que é exatamente porque esse idioma extra é falado mais pela maioria das pessoas que não falam inglês ... mais um monte... tomar banho, por exemplo... eu vou tomar banho... eu vou take a shower... então eu vou showar ...tem muita convivência com brasileiro e acaba ouvindo esse idioma extra...(sobre prejudicar as línguas)...acredito, com certeza que prejudica...porque a maioria das pessoas que vão embora, fica aqui 10, 15 anos e vão embora pro Brasil, vão morar e chega lá e leva esse idioma prá lá e quer que as pessoas entendam e todo mundo fica boiando, né?”...claro, prejudica o inglês,porque cê num aprende...cê tá falando dois idiomas errado e acaba num falando nenhum...esse terceiro aí num existe...”.

32M –“(sobre o uso das duas línguas)...eu falo muito mais o português...na comunidade que eu vivo nela, né, nós somos pastores de uma igreja brasileira..então, em casa fala-se o português, na igreja fala-se o português, e o inglês eu falo no trabalho, que são apenas 3 dias por semana...(sobre o uso de inovações)...sim, com certeza...todo mundo... ah... não está suposto de fazer isso... eu vou notarizar esse documento que é autenticar... eu vou parkear... vou fazer um apontamento... isso tudo são palavras que nós aprendemos aqui... a princípio eu achava que era normal...tá

certo, que tem em português... aí a gente descobre... não, não existe em português essas palavras... mas nós tomamos elas pro nosso vocabulário...(porque)...porque é muito mais fácil de expressar....tem palavras do inglês que expressam muito mais amplamente do que a do português, então uma coisa muito comum é numa frase a gente falar metade da frase em português e as palavras principais a gente fala em inglês...pra facilitar...é muito mais fácil falar eu vou parkear o carro do que eu vou estacionar o carro...(risos).../ ...na verdade, quando chega lá (no Brasil) a gente fica até policiando pra não ficar usando essas palavras em inglês pra num parecer pedante...então, na verdade, a gente policia pra não por as palavras em inglês no meio das nossas frases...(sobre prejudicar o português)...num acredito que chegue a prejudicar não... é uma nova língua que o imigrante faz...eu acredito que até os imigrantes de outras nacionalidades devem fazer a mesma coisa com a língua deles e é uma adaptação que nós vamos fazendo aqui...tanto colocamos o inglês dentro do português como o português dentro do inglês porque é fácil de expressar...claro que isso é falado só entre nós, eu não posso..é..usar minhas expressões com o meu patrão que num vai entender nada do que eu tô falando, né, porque só falam inglês...”.

33H – “...(sobre o uso de inovações)...é normal...é normal acontecer....às vezes fala uma palavra em português, depois fala um pouquinho em inglês...isso é normal, isso passa sem percepção..../...é...parkear é mais é português... é verdade...parkeia aqui... pode misturar sim... automaticamente já sai ‘parkeia aqui ó, my friend’...”.

34H – “...(sobre o uso das duas línguas)...em casa minha esposa fala inglês, eu falo mais português com as crianças, porque eu tenho 4 filhos, entendeu, então, eu...que a língua deles é o inglês, que nasceram aqui, então, pra não perder o português, eu falo o português em casa com eles...(no trabalho)...é tudo brasileiro...na missão brasileira....falo (inglês) na rua, com amigos americanos...(sobre inovações)...pra te ser sincero... raramente...raro... já ouvi, já ouvi...”.

35M – “(sobre o uso de inovações)...todo mundo faz, todo brasileiro que mora aqui faz...num tem como...tem uma muito falada...bisado... bisado... eu fiquei... o que é bisado, bisado?.. ai... fulano tá bisado, o trânsito hoje tá bisado... falei... gente! Bisado? O que é isso? Aí é busy, né? já virou um verbo ...a outra é apontamento... eu não sabia o que era apontamento – fulano aí eu fui no médico, eu fiz um apontamento no médico... eu falei... apontamento? Num é apontamento, é appointment...então, quer dizer, são coisas que eles usam e é difícil, às vezes, a gente...até que cê entende o que que é...tem várias...muitas, muitas....(porque)...eu acho que são dois motivos...primeiro,

é que a maioria das pessoas que estão aqui não sabem falar inglês, então, tem o problema da pronúncia junto com o problema de que você precisa adequar aquilo que você ouve todo dia em inglês, você tem que adequar ao que você consegue falar junto com o que você... e comunidade se comunica, então vira um dialeto, se transforma num dialeto da comunidade... a comunidade hispana deve ter o dialeto deles, a comunidade asiática deve ter o dialeto deles.... o brasileiro...essas palavras estranhas assim, elas acontecem porque eles vão adaptando... (sobre prejudicar o português)...prejudica muito...quem tá há muito tempo aqui tem vez que não sabe qual é a palavra verdadeira pra determinada situação... que ele usa tanto essas palavras esquisitas, né?...a família no Brasil num sabe nem o que tá falando...”.

36H – “...(sobre o uso de inovações)...é muito comum pra nós isso...todo dia...por exemplo, há um tempo atrás, a minha filha, o carro dela estragou e me pediu ajuda e eu disse que estava longe, que a melhor opção pra ela seria que ela touasse o carro dela... touasse... é de tow, né? ...que é rebocar o carro... pra segurança dela ela tinha que touar o carro dela... e a gente ouve muito essa expressão... ah... meu carro foi touado quando a polícia me parou... (porque)...motivo principal que eu acho é pela...por não ouvir mais essa palavra em português e ouvir essa mesma palavra em inglês, então, cê tirou de português e adicionou a do inglês e muitos não sabem conjugar ela no tempo certo e, então, portuguesa, né, fala aquela palavra em português...eu diria que é porque não sabem o inglês bem...as pessoas que eu vejo saberiam falar em português bem, mas pelo..pela falta de costume, de usar aquela palavra, então a influência do inglês é muito forte que obriga, obriga...você ouve aquilo sempre, então, numa eventual necessidade você vai usar essa palavra também...às vezes você vai conversar em português com uma pessoa que está aqui há mais tempo, falta aquela expressão que ele queria em português, mas ele sabe ela em inglês, então pra facilitar a comunicação com a pessoa ele portuguesa ela...então, aqui tem um ditado, né, que se fala ‘monkey see, monkey do’... eu faço o que eu vejo, macaco vê, faz o que ele está vendo, então ‘monkey see, monkey do’.../ se você foi contratado, se você foi raiado, rai from hire... sim... fui raiado porque um amigo me apresentou lá...”.

37H – “(sobre o uso das duas línguas)...em casa eu falo mais o português, né, é...(no trabalho) inglês...(amigos, vizinhos)...inglês, meus clientes falam todos inglês, inglês e espanhol também...(sobre o uso de inovações)...não, eu não uso não... já ouvi, sim, claro, sim...(risos), como se diz, o inglês mal...(porque)...talvez são coisas que eles escutam na rua, escuta....que se você....escuta outras pessoas, é...talvez seja até

um...é..., como se diz, é...como fala?...ah...fala por falar...se você fala, sabe que tá falando errado...”.

38H – “...hoje aqui eu tenho um...uma.. o que a gente chama de *squedule* de limpeza... eu também trabalho limpando *offices* também, escritórios... (sobre o uso das duas línguas)...em casa a gente sempre fala o português...(com amigos, vizinhos)...eu falo basicamente o inglês e o espanhol...e no trabalho eu uso inglês e pra alguns que são hispanos eu falo o espanhol...(sobre o uso de inovações)...já vi, muitas vezes, eu mesmo já usei...já usei algumas vezes...lembro de várias, por exemplo, o mais comum, quando as pessoas começam a dirigir aqui, fala assim, vamo parkear ali... o brasileiro tem a facilidade muito grande de criar verbo, então eles criam verbos com maior facilidade, porque fica mais fácil...ah... vamos parkear, ou seja, estacionar o carro, porque do inglês *park*...é comum... eu estou muito ocupado, então é *busy*...aí eles usam o verbo bisado, eles criam o verbo bisado... (porque)...eu acredito que é...é...justamente pela, pela...é uma adaptação que eles fazem, na verdade é uma adaptação que fica mais fácil de lembrar...pra facilitar...e pela facilidade que o brasileiro tem de criar verbo, então ele verbaliza tudo assim...(pra facilitar) a comunicação...mas, isso também eu já vi no meio hispânico também... no meio hispânico também eles fazem também, o que eles chamam de...nós chamamos de...tem o ‘*portuenglish*’, né, que é a mistura do português com o inglês e eles tem o ‘*spanGLISH*’, que é a mistura do espanhol com o inglês, então eles tem também...(sobre prejudicar o português)...eu não acredito que prejudique porque se a pessoa..ela..ela tem a intenção de aprender o idioma, ela pode aí criar meio que um dialeto, porque na verdade, são apenas algumas expressões isoladas..é... a pessoa não fala uma frase inteira de *portuenglish*, ela fala só algumas expressões isoladas, né, isso não prejudica.../... há uns 20, 30 anos atrás os brasileiros vinham pra cá com esse desejo, de trabalhar, fazer um dinheiro...”.

39H – “(sobre o uso das duas línguas)..(em casa, com a família) português...(no trabalho)...inglês, espanhol... (com amigos, vizinhos)..inglês... (sobre o uso de inovações)...sim... constantemente... sim, uma das coisas que...inclusive isso me fez a buscar melhor o inglês, porque as pessoas acabam gerando um dialeto, uma coisa que só o brasileiro consegue fazer e você acaba se confundindo porque você não consegue entender em português nem tão pouco em inglês...então você precisa uma maneira de se identificar... um exemplo é... o departamento de motos... ou seria... não sei como se fala em Minas... o Detran... que é *Motor Vehicles* aqui... e o pessoal falava de uma maneira que ninguém entendia... moto isso... e falei... meu Deus, que que é isso? E até

entender o que significava a palavra... aí eu falei... meu Deus do céu... e o brasileiro tem a mania de verdalizar tudo que é palavra em inglês, né? É... parkear... é... bisado... e por aí vai, né?... (porque)... eu creio que é um vício, primeiro... é... se torna fácil pras pessoas se comunicarem... pela facilidade de comunicação e pela dificuldade do entendimento do inglês (não sabem) o idioma bem, então acaba sendo uma adaptação da língua mãe com a língua que tá vivendo... eu às vezes conversando com alguns amigos (brasileiros)... geram algumas expressões... ah... tô busy.... amanhã é meu day off... então eles ficam... o que você quer dizer com isso?... ”.

40H – “...(sobre o uso das duas línguas)... eu trabalho com inglês, eu falo inglês o tempo todo... no trabalho... (em casa) falamos português, porque eu tenho as crianças... (amigos, vizinhos)... varia, falo inglês e português... (sobre o uso de inovações)... é verdade... sim, já ouvi... (fez?) sim, também (risos)... ah, eu falo, por exemplo, você vai parkear um carro... parking the car... você fala vou parkear meu carro... que não é português isso, né?... então existe palavras assim, dessa forma que você acaba se admitindo como uma palavra que... criando essa palavra... (porque)... eu acredito que é uma falta de... de... uma falta de... como eu diria isso... é... negócio cultural, natural... que todos nós falamos, você acostuma, com o fato de você conviver com as duas línguas, você acostuma e acaba criando a sua própria.... eu acredito que é a facilidade pra comunicar mais rápido, sim... (sobre prejudicar o português)... acredito que isso machuca bastante o português... pro inglês é diferente porque cê nunca usa uma palavra em português pra inglês... essas palavras são geralmente transliteradas de inglês para português... e só entre brasileiros...”.

41H – “... eu tive meu próprio business de carro... um car service... / ...devido a muito trabalho... muito stress... (sobre o uso das duas línguas)... inglês no trabalho, com os clientes, no carro... (em casa)... é o que sai, mistura... / ... se eu tiver que fazer... dar um speech... falar com alguém... / ...o espanhol sempre foi o background da nossa família também... / ...ninguém fala que a gente é brasileiro. Talvez pela aparência... não sei... acha que é hispano, ou acha que é turco, ou acha que é Paquistão... whatever... (sobre o uso de inovações)... acho que nós fazemos diariamente ...por exemplo, outro dia eu tava conversando com meu pai... eu falei assim... pai, eu vou te mandar o xerox dum negócio... eu vou printar e eu te mando por scan. Você vai fazer o quê?... eu falei... eu vou printar... printar? O que que é printar? Aí eu falei, pai eu vou na printer... aí você... aí depois eu falei... não, aí no Brasil fala imprimir e pra mim imprimir já tá longe irmão, entendeu? ...muitas pessoas falam assim... ah aqui... eu não vou morar no

basement.. no inglês, fala basement...(beisement)... aí os cara falam basement (com o som de 'a')... tipo assim...é...mistura, né, o português com o inglês....eu vou estacionar o carro e.... tipo num.. algum lugar... ela falou assim... estacionar o carro? O que é estacionar? Park... park the car... ah... parkear, pakar, parkar... não existe essa palavra parkear nem no inglês nem no português... (porque)...talvez porque eles não conhecem, não aprenderam o português da base, do abecedário, né?... tem dificuldade de falar a palavra certa...às vezes a pessoa se acomoda também, né (risos)...(sobre prejudicar o português)...acho que sim, em parte, porque você começa a falar o português todo errado achando que tá falando certo...(e o inglês também?)...of course... / são os procedimentos das companhias... são ... como se fala?... os policy... tem companhia que tem o policy... / ...com meu business no Brasil....”.